

lídia jorge

o dia dos prodígios

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Lídia Jorge

O dia dos prodígios

Romance

10.ª edição

Publicado pela primeira vez em 1980, O Dia dos Prodígios foi o romance de estreia da autora. Ao longo das suas 206 páginas, o livro relata a história de uma comunidade do Sul de Portugal, isolada e desentendida, em face das mudanças ocorridas com a Revolução dos Cravos, cuja mensagem não é capaz de acompanhar. Nesse embate entre o anúncio de um mundo aberto que vem de fora, personificado num grupo de soldados revolucionários, […] e o mundo rural, recuado e mágico em que vivem, as personagens de Vilamaninhos – aldeia mítica onde se desenrola a acção – contam as suas histórias particulares, mas acima de tudo revelam um comportamento colectivo que muitas vezes tem sido apontado como a síntese da forma de ser português.

Trata-se de um romance não convencional, já que a linguagem utilizada pelos personagens apresenta uma forte carga poética, e a tensão dramática que o atravessa lhe confere uma estrutura singular, muito próxima do teatral. […] O Dia dos Prodígios apresenta características da fala não só na explicitação dos diálogos entre as personagens, mas em toda sua escrita. A oralidade é representada, além de por palavras, também por recursos gráficos, de estruturação do texto, gerando a sensação, no leitor, de ouvir e de ver as personagens em interacção, ao longo da narrativa. A identificação dos elementos de oralidade constantes da narrativa permite, como em circunstâncias reais de conversação, sob perspectiva ideológica, conhecer os indivíduos nesse processo inseridos, por meio do que dizem, explicitam e, inclusive, do que dissimulam. […] Os papéis sociais são manifestos pela oralidade, ao mesmo tempo em que, por outro lado, a competência do indivíduo, ao se expressar pela fala, é um factor importante no estabelecimento de seu papel face ao seu grupo social.

À avó Maria das Dores Ribeiro,
minha primeira mestra
e minha primeira ouvinte.

Um personagem levantou-se e disse. Isto é uma história. E eu disse. Sim. É uma história. Por isso podem ficar tranquilos nos seus postos. A todos atribuirei os eventos previstos, sem que nada sobrevenha de definitivamente grave. Outro ainda disse. E falamos todos ao mesmo tempo. E eu disse. Seria bom para que ficasse bem claro o desentendimento. Mas será mais eloquente. Para os que crêem nas palavras. Que se entenda o que cada um diz. Entrem devagar. Enquanto um pensa, fala e se move, aguardem os outros a sua vez. O breve tempo de uma demonstração.

Carminha parecia fazer adeus, mas apenas lavava janelas. Um pano branco na mão. O braço adejando de encontro ao vidro. Alguidarzinho ajoujado de espuma cremosa, um alguidar maior de pura água macia. Novelo de saias entre pernas. Cadeira de tábua ajaezada de nódoas, flores vermelhas. Os pés aí juntos no fundo côncavo. As pernas de leve penugem rasinha. Então Carminha empertigava-se de encontro à mancha renitente entre a unha e o vidro. Minúscula, fruto de mosca palhetando asas em tempo vazio, compondo um ovo de esterco redondo. E ali impregnado no vidro da quadrícula despintada de branco. Zing zing de encontro à lisura espelhada. Primeiro na ponta do dedo, levada depois pela bola de sabão iridescente e o pano engolindo. Branco lenço quadrangular rasgado de um lençol de cama. Engolindo as manchas. Aqui um pouco de massa desgarrada pela fricção da água. A janela desfaz-se sob sabão e acenos. Um dia cai a janela de tanta esfregação, parte-se o vidro, esmigalhadinho no chão. Oh, mulher. Pretendes empregar aí, e de uma só vez, toda a jeiteira das mãos. A janela tem feições de humano transfigurado em transparência, já que a quadrícula esventra dois olhos e uma testa de cantaria abaulada, nariz de batente de alto a baixo, e a boca, maior do que a própria transparência, só aberta quando de par em par. Então Carminha pousa-lhe os seios no peitoril, arredondando as costas. Torcido o lenço branco rasgado da borda de um lençol, puído de sonos e lavaduras, agora afogado de água. De lado a lado, braçada ampla, adeus de limpeza cuidosa. Carminha premeditando a transparência lisíssima que consegue iluminar as casas em escombros, ali mesmo do outro lado da rua. Já da cor da terra. Como se uma nuvem de ocre e terracota líquida tivesse vindo das partes do mar abrir as pernas sobre a rua do empedrado. Listando de tinta a cal salitrosa das paredes, espessas como muralhas. Montões de pequena argamassa saibrosa, de pedras caliças redondas como de valado, ajoujadas sob o peso das grandes coberteiras talhadas pela língua de um alferce de cavador. Os tectos abaulados e fendidos sob uma bátega de abandono. No mais fundo. No mais fundo, a transparência põe estrelas e furta-cores na várzea por onde um dedão de pé agigantado parece ter desenhado um rasto e um sulco. E o barrocal de carrasco e tomilho cheiroso e cinzento, fica mais lilás na banda do mar. Esmaecido de fumo brumoso e crepitante, como se a terra estremecesse sob o sol. Estrela

imponderável. E a janela limpa de toda a poeira e cagadela miúda espelhasse uma cintilação suplementar. Isso na alma da Carminha. O braço vai e vem, e o metatarso emproado pelo esticar de todo o corpo erguido nos acenos, faz mais fundo o côncavo de tábua. Talvez se vá esfrangalhar por aí, desentrançada a torcida de caules, guinchando sob o peso de Carminha. Carminha chega a alcançar a testa da janela onde sempre suspeita que patinhas de osga tenham estado durante a noite à espera de mosca. Pelo menos as aranhas em oito dias já teceram uma baba de seda filamentosa e peguinhenta, e no fundo do covil continuam à espera de qualquer voante que aterre sobre o vidro, em ilusão de paisagem. Num ápice sairá do fojo, lançará um tubo de baba à volta do pé, e pouco a pouco, aperreada contra o zum zum do bicho vencido, a aranha lhe sugará as humidades do corpo. Carminha encontra essas moscas de ventre falido no alto do bordo da janela, faz uma torcida no pano molhado, introduz no fino interstício tudo quanto se pode por aí introduzir de um quadrângulo de lençol, e, como se limpasse ouvidos de uma criança purgando, tira esse lixo impertinente que lhe macula o rosto da janela. Já tem um ameaço de dor na anca, um cansaço na metade esquerda do seio. Mas a transparência reverberante é um fascínio. E do lado de lá do vidro, o rumor da gente falando é um nada. Vêm as vozes subindo aos soluços como orelha de lebre. Nada se entende do que poderão dizer, quem assim fala no meio do largo. Parece um silvo e um acorde de sapateado espanhol, palmadas de dança de roda. Carminha pousa o pano branco já listado de borras de pó e mosca, e escancara a janela diante do sol de fogo. Vê-se no espelho de vidro. Branca e lisa, sem resíduo de fogagem nem impingem. Sobrancelha rala, longe dos olhos escuros, e o escuro dos olhos sobre o azulado do branco, vidrado e transparente como verdadeiro vidro. Cabelo escorrido e pesado como uma cauda de cavalo. Preto, azulado e brilhante, reflexo de uma asa de corvo. O espelho imperfeito não lhe devolve as cores, e sim os contornos. Mas Carminha sabe pela boca da mãe, que não vivessem no alto de um empedrado rodeado de monturos e lagartixas e qualquer homem poderia vir a abrir as veias dos pulsos por ela. Debruça-se sobre a grande boca do peitoril. Vem debaixo do largo, disparada sobre as telhas dos vizinhos uma assoada incontida, de qualquer coisa sucedida perto da igreja. Uma gineta de barriga cheia de criação lambendo as barbas ainda pintadas de gema de ovo. Olhando as pessoas através da gaiola com cintilações de fera. Talvez dois arrieiros abrindo em público o ventre das cavalas e fazendo os compradores aí plantarem as ventas para elegerem o melhor pescado. Simplesmente um pum dado por uma vizinha para que outra vizinha o ouvisse, o cheirasse e se

ofendesse. Carminha cerrou a janela pelo gume do batente. Assim cerrada ainda, Carminha retorcia o pano e lhe mergulhava uma cabeça de dedo no alguidarzinho de espuma. Exactamente por baixo da boca fechada, a janela ainda tinha um orifício. Empurrou o pano com o dedo, escarafunchou o desconhecido com a polpa e a unha acerada, e trouxe para o rego do peitoril asa e lixo, que sendo de muita cor, formavam um todo cinzento e detrital. A frescura da casa, assim preservada pelos batentes da janela clara, era um primor. Apetite de andar descalça sobre os ladrilhos vermelhos do chão. Cheiro a coisa lavada no pino do meio-dia. Carminha já viu um casulo donde saiu uma borboleta desenxovalhando as asas e sacudindo o pólen da barriga ainda de lagarta. Apetece-lhe estender-se. Mostrar-se e sacudir o pólen da sua meninice. Abrir a blusa, desapertar os atilhos que lhe seguram os seios. Adejar as ancas e dizer aqui aqui. Mas isso dentro do seu casulo de pedra, telha, tijolo e uma janela de vidro. Saindo para a rua a sombra do seu pai incógnito paralisa-a, gela-lhe o arquejar, e perdida na fímbria da sombra das casas, passa o dedo pelas paredes para não trocar o passo, não enrodilhar as pernas nos panos da saia. Uma condenação. Sair de casa rua abaixo com a certeza de que nenhuma excrescência lhe nasceu que precise esconder, entaramelar-se-lhe no terceiro degrau do lajedo os olhos e os artelhos. Um mau desígnio. Ai não fora isso. Galgaria as lajes do empedrado correndo a ver o que sucedia no largo. Porque as vozes cresciam. Um apito como de comboio silvava o ar, e vindo de baixo batia na sua casa e descia por onde subira como se fosse de elástico, e o ar amassado de tremuras pelo calor da terra. Ou a terra fervendo pelo calor do ar. Carminha pôs as mãos na cabeça. Alguém apenas teria chamado de puta a alguém. Andariam cabelos colados à testa por enxovalhos e gritas muito raivosas. Mas em breve cada qual migaria o pão no molho do vinagre, e cumpriria uma soneca arquejante sobre uma esteira de entre portas. Para que o vento passasse e evaporasse o suor das pequenas lides. Levantou o folho do debaixo do poial. Concertada, guardadora de água, colocou o alguidarzinho ao lado do alguidar, cada um para o seu necessário. Sacudiu o pano paisajado de detritos arrancados à verdadeira transparência duma janela de casa, e foi pendurá-lo na aba de uma figueira frondosa, prenhe de figos irisados e granitosos que àquela hora do meio-dia abriam o olho, derretendo um pingo de melaço.

Então Manuel Gertrudes disse. Ah Macário. Ah punhão. Como é possível que eu venha aqui para te falar do que acaba de suceder, e te encontre deitadinho como um animal montês. E depois já de cócoras disse. Dorso curvado. Nem um

capachinho debaixo da cabeça, nem um paninho a cobrir-te das moscas. Aqui tombado como não sei o quê. Vinha eu para te dizer o que acaba de acontecer a todos os habitantes. Como um aviso. E vai daí, vejo-te aqui espernegado no chão, sem te mexeres como se estivesses morto pelo flato. Se não afegasses quando te ponho a mão na boca e nas ventas, assim rodeado de bichos, havia de pensar que nem mais mexerias no bandolim. E olhando à volta disse. Felizmente que fui soldado na primeira guerra deste século, e que vivi meses dentro de trincheiras, para poder encarar estas adversidades sem descrer em deus. Faz-te um pouco mais leve, filho da tua mãe, que vou levar-te para a tua cama. Aí deitadinho podes descansar o teu corpo, e quando acordares. Ai, quando acordares. Então logo venho contar o que sucedeu ali no largo em frente de toda a gente. Agora ninguém mais. Macário. Agora ninguém mais põe em dúvida que os anjos existam. Mas tu. Apesar de tudo, tu és a segunda maravilha. Só que em te começandes a almarear. A almarear e a olhar de revés. Já ninguém tem mão na tua natureza. Abres os olhos como se quisesses acordar, ou pelo menos compreender dormindo. Como se tivesses um raminho de cipreste poisando na tua testa. Ai de mim. Ai de mim. Pareces tu dizer.

Manuel Gertrudes levantava-lhe um ombro acima do enxergão onde uma coberta de aplicações com medalhão de vidrilho. Fazia espelhos baços. Era de antigas montadas. Os pés caídos duas asas de infusa. Então o velho soldado da guerra, vendo aquele ai de mim, ai de mim, de quem quisesse compreender, levantar-se e chefiar a batida contra os animais ferozes que já desciam em pleno dia, pegou Macário pelos artelhos. Arrastando-o devagar, calçada fora e portal adentro. Até ao leito de ferro e tinta. Só me resta cobrir-te a cara com a mão. Em estandes assim, penso mais em quem devias pensar.

Para Carminha, antes um forasteiro. Fazendo erguer a pardalada, um forasteiro que chegasse e se pusesse de conversar. E ela de lhe dar trela com um baque no coração descompassado de encontro à grade das costelas. A cavalo num cavalo ou num motor. Carminha ouvi falar de ti. O cavalo parado à porta, dando à cauda vai vem sobre as ancas redondas à espera de decisão. Ou um motor de orelhas de metal, rodas travadas por um pezinho de forca. Ali à porta. Parado à porta sem entrar. Um grande desejo de entrar, mas falando apenas para dentro. Dizendo a Carminha, supostamente ambígua. Venho buscar-te pela cabeça. Há terras onde nem um murozinho caído. Tudo caiado de cores. Olha. Vim pelo olfacto. Um faro apurado que me ensinou o caminho. Vim de nariz no chão, a língua sobre as pedras, até os cinco sentidos me dizerem. É aqui. Trago o pêlo hirsuto do pó das

pedras e das bermas e a coleira de homem a comprimir-me a maçã -de-adão. Nada de confissões da tua boca. Este dedinho adivinhou. Quando iniciei a caminhada já sabia que o teu pai é incógnito, mas que nesta povoação ninguém ignora quem te gerou. Falam que no baptistério. Aí mesmo, sob as santas imagens e diante da cruz da via sacra. A décima estação dos martírios. Quando nasceste todos quiseram espreitar a tripa do umbigo e a rosinha das coxas, exactamente porque esperavam ser a mãe natureza pródiga de vinganças. Ou deus não seria justo. Sei tudo. Mas mesmo assim. A tua mãe deixou-se assaltar dúzias de vezes ainda sob as figueiras ramudas dos corgos. Ela porém nunca disse nem quando, nem onde nem quantas vezes. Quando ele abalou estavas tu gerada mas não parida, e a tua mãe recusou-se a dizer fosse o que fosse sobre o que se teria passado. Mas tu sabes, melhor do que quem viu, e desde a mais tenra idade do teu discernimento, que ele abalou de madrugada escarranchado sobre uma mula, levando entre as pernas um baú de paramentos e demais coisas santas. Antes de entenderes palavras. À força de tanto ladainharem à volta do teu berço de pau. Já sabias que havia essa dedada. Mas a recompensa é esta. Ou eu não seja homem. O meu faro me diz que és tu a dona de uma outra janela, sobre uma outra rua, onde tudo foi feito de fresco e de metal. Resplandecente. E mármore. Aqui caem as pedras sobre as pedras como condenação. Os sáurios reproduzem-se com a velocidade de se o dizer e o tamanho dos seus ovos. Entra-se numa casa dessas e mal se bafeje o ar caem-nos em cima dez mil farripas de cana, e telhas quebradas são um lodaçal de cacos. O poço tão fundo e tão estreito que se pode pegar numa moeda, beijar-lhe a coroa, atirá-la, contar até cem, espreitar o tempo, e só depois se ouvirá um tinidozinho fino de metal redondo batendo a água. Mesmo assim, porque os mouros o fizeram. De outra forma, ter-se-ia morrido de sede assim que o rio secou. Mais de cem anos. Assim um forasteiro omnisciente que não precisasse de ouvir para saber, e que não precisasse de saber para falar. Pensamentos destes por outras palavras interiores. Mas Carminha tem ouvido as vozes. Sobem para o alto e descem para o largo pelo mesmo caminho. Curiosidade de quê? Se saísse, talvez Macário andasse pelas esquinas em tempo de minguação, e vendo-a não se contivesse. Dizem Carminha, que aos sete anos tinhas cabelos na passarinha como se fosses mulher.

Ah Carminha. Quisesse eu, e tu não morrias virgem. Às vezes ninguém lhe acudia. Deixavam que Macário a enxovalhasse como quem espera ver o fruto cair da árvore por gostar dos pomos podres de maduros. Matilde, a taberneira, num dia de missa pegara numa tranca. Erguera-a acima da cabeça como se fosse cavar, e dissera. Xô diabo. Nesta terra as cavalgaduras falam aos domingos.

Carminha subira o empedrado correndo, com um bidãozinho na mão. Chegara a casa com a roupa cheia de petróleo, e o ranho pendurava-se-lhe lisgoso entre o nariz e as maçãs do rosto. Afogueadas.

Carminha abre as Mãos de Fada que têm raminhos e monogramas a pontos de toda a espécie, rendas de buracos e cheios, mates e azelhas. A ordem está ali, pode-se escolher para cumprir. A mãe de colo aberto e regaço de avental pendido no fundo, corta com uma lâmina de aço aguçado aos pés das palmas. A poeira é um pólen enervante que se solta e dá brotoeja a qualquer pele mal habituada, e também o cheiro do enxofre da branqueação. Ali entre as portas. Carminha Rosa fez um monte de palmas soltas, regulares, as fêveras espalhadas sobre os ladrilhos de barro picados das passadas. Grande banzé de vozes, Carminha. Desde que lavei as janelas, minha mãe. É um lavarito de gritos como se alguém tivesse chegado. Carminha Rosa sorriu. Chegado? Aqui? Por entre as portas põe a mão em pala. Quando alguém aqui chegar verdadeiramente há-de ser por ti. Há-de. Por mim? Que loucura, mãe. Carminha Rosa sabe que a filha tem dezoito anos, e que no redondel da terra, Carminha está por cumprir. Mas a povoação aos domingos fica vazia. Ambas sabem que se se espirrar mais forte as pedras começarão a rolar das montanhas. Se se rir mais alto, os telhados das casas sem ninguém, podem cair sobre as luzernas do chão. Se alguém gritar pelo calor, o horizonte pode dar estalos e quebrar-se. A povoação vai ficando um ovo emurchecido. Que fede, gorado, e não gera.

E se o vento for mais rijo; poderá levá-la. Carminha deixa cair as Mãos de Fada, e a mãe deposita as fêveras sobre os ladrilhos mornos do chão. Quem vem lá? A porta aberta para a rua onde as zínias já são plantas com folha, está sempre aberta. Mas de dentro a semiobscuridade torna o branco cinzento muito fresco. Uma infusa de barriga prenhe rescendendo a água líquida. Uma tampa de cortiça. Um copo de vidro verde sobre o poial dos cântaros. A certa altura a mãe parou, de pal-mas abertas entre os dedos. Ouves, Carminha? A assuada crescia calçada acima, e ambas tiveram a certeza, dupla e reforçada, de que alguma coisa do que acontecera se lhes referia. De um pulo se espalharam as palmas. Escancararam a porta e viram que seus vizinhos subiam.

Jesuína Palha. À frente. Galgava de três em três as lajes como se viesse cumprir uma missão de urgência. Atrás dela muitas sem lenço. Afrontadas de calor e palavras. Em fileira miúda, rapazes e crianças vinham correndo lestos, acompanhando o passo da subida. Chegaram à porta em dois grupos. Como se fossem cercar a entrada. Carminha Rosa olhando os visitantes de baixo a cima e por várias vezes, pôde ver que eram seis mulheres, três raparigas, três rapazes e

oito crianças que ali estavam postados. Que alguém escorria sangue da testa como se tivesse sido atingido por uma grande pedrada, e que as roupas tinham pó como se todos os presentes se tivessem envolvido numa luta corpo a corpo pelo meio do chão. E Jesuína Palha olhando-as nos olhos. Primeiro muda. Como se as ameaçasse, sem conseguir fazer uma palavra com a língua.

Ah filhas de su mãe. Que aqui estão estas duas dentro de casa sem saberem de coisíssima nenhuma. Não me digam que não ouviram um barulho de gente rebolvida. E estas aqui debaixo de telha e à fresca. Eu. Jesuína Palha. Eu andava a dar fogo ao forno quando ouvi estes três desgraçados a pedirem acuda. Mas não deixi que pedissem duas vezes. Pus os tojos de lado, salti por cima da parede, pegui uma cana comprida que ali tinha à mão, e fui-me para onde estes três vai não vai tentavam matá-la. Sem conseguirem os pobrezinhos. Ah meus amigos. Ah carago. Já a família desta terra estava chegando ao largo. Ali. Eles que digam. Estavam todos suadinhos de tanta pedrada sobre a magana.

Toda a gente vinha correndo a ver a cobra. Cheguei eu nessa altura. E vinha tão cega, que nem me apercebi do que via.

Ah meus amigos, vizinhos da minha alma. Quando vi a víbora cegui os olhos. Alavanti a saia, brandi a cana, uma, duas, três, sete e vinte vezes sobre a cabeça da bicha. Ela era azul, castanha e delgada. Assim. Mas tão comprida como uma cilha, e mexia como a água e como o fumo mexem. Parecia um pensamento. Ali no chão. Di-lhe bem umas trinta canadas sobre a espinha e a cabeça. Di ou não di? E a língua dela, que parece uma gancha de cabelo, andava dentro e fora a desafiar a cana.

A gente viu. Deu-lhe com a cana em cima e a valhaca esgueirava-se para a embeiradinha da berma. A vizinha com o instrumento na mão, afegava como se cavasse chão duro do terreirão da rua.

E ela à roda. À roda, à roda sem parar. Toda a gente se tinha já alevantado da cama. Das suas mesas e outras dos

lavadoiros. Para virem ver a cobra desses matos que ali andava no terreirão da rua. Bailhando debaixo da pontaria. Ah sim, filhas de su mãe. Toda esta gente pode dizer. Eu. Eu em vendo que ela continuava a rabiar o grande rabo. Que aquilo só tem cabeça e rabo. Eu disse. Agora ou nunca, vizinhança. E atiri com a cana com toda a força sobre a serpente. O cheiro. O cheiro a cobrum espalhou-se no ar, e a buchada começou a sair pela pele da porca. Ninguém. Ninguém dava um ai nem um jasus.

Eu cheiri o cheiro a cobrum e o cheiro era tão forte que vomiti encostadinha à parede. Ainda lá está a prova.

E aqui estes vizinhos sentiam ânsias e punham a mão na boca do bucho. Mas eu. Eu olhava-a nos olhos e dizia. Vá agora, vá agora. E ainda alavanti a saia até às calças, e alci o pé para lhe esfrangalhar os miolos. Mas estes aqui começaram a dizer não, não. Não, não. Queremos ver a agonia da serpente.

Pressentimos que a cobra não era só cobra e tivemos medo de a executar.

E eu deixi a víbora em paz, e recolhi-me para a roda que todos os vizinhos tinham feito à volta da minha pessoa. Ela só mexia o ferrãozinho do rabo, e muito quieta, toda empoeirada do chão, estava morta, que bem se via nas escarninhas do ventre. Ah vizinhos. Estas duas aqui metidas em casa como se estivessem a chocar um ovo, e a gente a ver ali tudo. Pois a parte importante vai começar agora. Não arrebentem em choros, mas sejam testemunhas do que vou dizer. Um disse. Jesuína Palha, pegue pela ponta. E aquele que está ali disse. Alevante bem a cana e meta-a por debaixo da buchada.

A gente disse. Faça força Jesuína. E alevante bem para vermos a bicha de lado e de ventre.

E aquele outro disse. Ponha-a na pernada daquela amendoeira para que alguma irmã desta que queira entrar nas casas veja o que lhe vai acontecer. E eu família. Pegui na cana. Alavanti a

cana, baixi a cana junto do chão, meti a cana por debaixo do corpo da víbora, puxi para cima, com força, todo o peso, e a cobra ficou no ar. E eu mostri a cobra a toda a gente. Foi ou não foi? Os vizinhos tinham tapado o nariz pelo cheiro a cobrum que estava no ar. Mas aí, oh gente. A cobra fez duas roscas à volta da cana, saiu dela, e voando por cima dos nossos chapéus e dos nossos lenços, desapareceu no ar. Voou no ar.

Saíram-lhe duas asas dos flanquinhos como uma fantasia de circo. Só que aqui era tudo vardade o que a gente víamos. Com os nossos próprios olhos.

No ar como se fosse uma avezinha de pena. Oh família. Digam a vardade. Como se fosse uma avezinha de pena. Ninguém me deixe mentir. Digam se não viram a cobra alevantar-se no céu, abrir umas asas de escamas, espelhadas e furta-cores. Digam a vardade, digam a vardade. Abriu as asas, e as escamas da barriga pareciam um fole de navalhas. Saltou por cima dos nossos olhinhos levando atrás de si um sopro de pó e de verdes humidades. Foi aí, vizinhos, que eu caí de cu, e estes três, que tinham dado a denúncia com grandes gritos e estoiro de padradas, caíram de borco, os pobrezinhos.

Sim, ah punhão. Quem não andava havia dias com uma bola no bucho? Também a gente. E eu também. Assim como um vazio? Assim como um sonho espantado? Sim, vizinhos, assim como um sonho espantado.

Dois deles sobre o ventre e este sobre a cabeça, e por isso o sangue lhe está a escorrer da brecha que se lhe abriu. Ah punhão. Desde ontem que me cheirava a pressentimento de coisas. Andava assim desalmada mas nunca pensi que uma coisa dessas viesse a acontecer-me. Voou a bicha e agora. Agora que temos um motivo para chorar não sabemos o que fazer senão andar a dizer a quem lá não estava. Que vocês as duas ficam em casa fazendo rendas e balaios de empreita, sem quererem saber do que se passa com os outros. Ficam aqui

alimpando as janelas como fialhas, e aparando as poias debaixo do rabo das galinhas para que não lhes sujem a rua. Vejam todos. Vem-se aqui e vai-se embora uma pessoa como em pátio de rei. Ah gente, vão a minha casa ver rua de mulher trabalhadeira. A gente, que coze o pão que come, não tem tempo de alimpar a merda do gado e da bicharada.

Sim, só nesta rua há merda pelo chão. Só nesta casa as mulheres ficam a fazer empreita enquanto as outras sofrem. Pela visão. Passinhas do algarve. No meio do largo.

Onde está o teu testo, oh Carma Rosa? Eu tenho um testinho metido no chão. Antes de entrar em casa raspo a sola de cada sapato nele. Esfrego bem os calcanhares e pronto. Quem não tem tempo para merdinhas, faz a limpeza por esfregação do calçado. Vamo-nos embora, vizinhos. Porque a magana da serpente se não subiu ao céu e era espírito, deve estar pendurada de alguma aba de alfarrobeira.

Ah que grande aflição sentimos todos. A gente agora vai andando, e vê a bicha. Pranta-se o pé e acha-se a bicha. Toca-se a cara e sente-se a bicha. E eu? Não vou comer durante três dias com esta visão.

Vocês, Carmas, podem gabar-se de não terem visto esta coisa do outro mundo. Fiquem-se com deus. Vamo-nos daqui ao poço alimpar o sangue do filho da Hermínia, e sacudir as roupas com luva de crina. Tenho a pele toda arrepiada, com a penugem no ar, como carne de galinha depenada. Eu. Vamo-nos andando. Fiquem-se por aqui olhando os biquinhos das tetas que a gente se vai.

Quando Jesuína Palha acabou de falar, parecia ainda estar disposta a recomeçar. Via-se isso pelo cuspo dos lábios. Mas havia o som dos passos dos vizinhos que já voltavam as costas e desciam o lajedo da rampa. Como cascos de cavalo da guarda. Os rabos andando de lado a lado a enxotar o silêncio. E o freio desatado sob as trombas. Ah Carminha, que inventaram esta figa de história para nos virem culpar. Anda o diabo numa terra onde o seu vizinho quer engolir o seu vizinho. Mas te salve a ti, Carminha. Quem vai chorar? De medo? Lá vão elas

como moscas varejeiras em casa limpa zum zum, rua abaixo. Estuporada de gente. Uma cobra voando nos ares? Oh divina providência. Se existes, e ainda não te acagaçaste da tua própria lazeira. Isto merecia um retrato por tanta brutalidade.

Na casa de palmeira a palha acama-se nos cantinhos das portas. Tem duas janelas geminadas que nunca fecham os postigos por causa do bafio que o escuro cria. Parece que qualquer apodozinho frio e ondulado aí teria andado rondando pela manhã. Ah mas se esteve, e se subiu a perna de José Jorge Júnior, acachapada entre a pele sem pêlo e a calça de cotim, foi expulso a sacão de músculo. O dono da casa tem uma vaga certa ideia. Era manhã e já fazia um calor de frigir as paredes. A princípio uma comichão suave, como um raspar de dedo de menino, depois uma lágrima já fria, que em vez de descer subisse. E um repuxado brandinho e comichoso. Teria então sacudido a perna para o lado. E Jesuína Palha, com a cana na mão, representou o que a cobra teria sentido. Que a perna de José Jorge Júnior já era de madeira, sem cheiro a seiva onde apetecesse picar. A casa também tem móveis, e há portas grandes por toda a parte, com bandeiras de vidro chegando ao tecto. A claridade atravessa os compartimentos com a sua determinação de linha recta, e cria grandes espaços onde as vozes de José Jorge Júnior e os passos de Esperança Teresa sempre se repetem duas vezes.

Havia dez anos que a mulher de José Jorge Júnior, quando tentava erguer-se sobre a pá do seu assento, abanava a cabeça dizendo que não. Que não podia. Que mais doce. Oh salve rainha. Seria morrer de borco do que ter de se erguer todas as manhãs para adiar o momento do trespasse. Mas ele, o muito seu marido. Contava oitenta e sete e vinha do outro século. Muitos anos mais velho do que sua mulher. E no entanto tinha ele forças e memória. Podem ver. Ainda eu levanto esta cadeira pelo espaldar. E a cadeira tremelicava no chão, levantava as pernas da frente, as de trás, subia numa agonia de impos e espremidelas, de raivos, e pouco a pouco, travessas suspensas pela alavanca do cúbito. Deitava-se no ar, colo aberto, assento escancarado, como vencida. Talas direitas, cruzadas de janelinhas. José Jorge Júnior abanava como em tremor de terra, olhos luzidos de azul e chama. Depois um grande pam encerrava a prova de forças. Esperança Teresa falava punhões e caragos, lavantava o objecto do chão. Ela própria na hora achada oportuna, tinha sabido desistir. Muda e lenta como um caracol, aquecia água pela manhã, deslizando uma mão pela parede. Mas as manobras de alcançar, poisar, desembrulhar o pão. Ainda parti-lo e migá-lo. Ocupavam-lhe o tempo. Muito e todo. Chegava a dar de café à hora em que os demais comiam o

almoço. Reparando nessa decrepitude tão visível por via da lentidão, José Jorge Júnior sentado, de artelhos cruzados e joelhos longos, ia falando alto. Imprecações contra a mulher. Havia mais de dez anos que ela se decompunha em vida pela casa. Se transformava em poeira antes da morte. Cheirava a isso por toda a parte. Tão forte que só tapando o nariz. Custa a crer, Esperancinha. E fazia o gesto. Alguma vez ouvira ela falar do alfabeto e das orações? Tinha esquecido tudo o que deveria estar guardado na casa da memória. Mas eu. Oh eu. José Jorge Júnior conti nuava a escrever. Com o indicador. Grandes letras invisíveis pelas paredes da casa. E reconhecendo de cor algumas parábolas do evangelho, recitava-as como se lesse, o missal aberto sobre um joelho, abanando a cabeça de lado a lado, gesto da antiga leitura. Estava ele a dizer que o trabalhador dado ao vinho não enriquecerá, e que aquele que despreza as coisas pequenas cairá pouco a pouco, quando foi assaltado pelo barulho das pessoas estarrecidas, que fugiam em direcção das suas casas, certas de terem assistido ao grande prodígio dos tempos modernos. Porque um bicho réptil voar de vísceras de fora, só deveria ter acontecido nos tempos bíblicos, muito e muito antigos. No princípio do mundo. Quando os animais ferozes falavam, e deus se escondia a fazer negaças atrás das moitas, e se transformava na fúria dos elementos e no sangue dos animais. Tudo isso para estupidificar os incrédulos. José Jorge Júnior à sombra da palmeira apercebeu-se de quem gritava ali a dois passos, gritava desmesuradamente. Mal contendo a voz na cana da garganta. Fuja, tio José Jorge, meta-se em casa, que a víbora desapareceu por cima da copa das árvores.

Mas onde está, oh gente? Onde está? Cabeça arvorada sobre a bengala. E eles. Agora, tio José Jorge, agora, tanto pode estar a dar os últimos esticões no portal de uma casa, como ter-se dependurado de uma cimalha, na cozinha de qualquer um. Atordoado pela gritaria que lhe acontecia ali a dois passos da sua rua, pôs a mão em pala sobre os óculos assentes. Os relatos dos circunstantes eram simultâneos, entrecortados de afegações e de ais. Esperança Teresa limpou as mãos no avental sem participar dos espantos. Ah gente, porca e calhandreira, nem escapam os bichos do monte. Verificou se a tampa da cisterna estaria baixada sobre a boca, não fosse a pobre ter a ideia de vir apodrecer na pouca água do seu depósito. Mil vezes antes mergulhar nas cogitações da sua vida passada. Sempre à mão da lembrança. Longa e dulcificada. Enquanto José Jorge Júnior dizia, entrando em casa como se quisesse levantar cadeiras. Eu sabia, eu sabia. Que alguma coisa me tinha subido pela perna esta manhã. Aqui, aqui. E apontava o chão da casa sacudindo a perna. Animado pelo sucedido, subiu a um banco e achou que deveria iniciar uma prova de memória.

– Chega-te aqui Esperancinha, senta-te nessa cadeira e tira o lenço da cabeça para ouvires o que ainda me lembro sobre a gente dos meus passados. Oh Esperancinha. O avô do avô desse meu avô, que comigo andou ao colo, nasceu das ervinhas. Encontraram-no dentro dum balaio como se fosse uma mão -cheia de figos para dar a porcos. Ali no Vale Murtal no meio das marioilas e dos troviscos. Uma velha muito velha, mais velha que saragoça, oh Esperancinha. Ia andando curvada, pedrinha aqui, pedrinha ali, e vai e dá com aquilo com um dia de parido, todo cheio de formigas e a roer os dedos. Com as gengivas calvas. Dizem que disse. Ai jasus, que acordi hoje com o traseiro virado ao santíssimo. Mas acabou por pegar na lesminha de gente que ali logo havera de estar.

José Jorge Júnior sabe que sua mulher pode não o ouvir, mas sempre o escuta. E por isso chega-se mais junto dela, arrastando o banco para aí se empoleirar de novo. Mas antes tira a placa de dentes e coloca-a de gengiva vermelha e aberta sobre a mesa onde Esperança Teresa descansa um braço. As dentaduras de baixo e de cima, uma ao lado da outra, lembram uma romã escarchada e comida em séculos passados. Agora devolvida ao presente.

– A velha ao tempo já era bisavó duma porção de bisnetos, oh Esperancinha. Mas tinha uma cabra com tetas do tamanho de pipas. Vai daí, pensou a velha que esse seria o último sacrifício da vida, e que assim, São Luís a alimparia de um resto de ofensas feitas em vida. Trouxe-o para casa, deu-lhe leite da cabra, papa de milho, umas colheres de batata doce, e não é que o raio desse meu avô começou a fazer-se gordinho, a crescer, a crescer e a medrar como se mamasse da mãe?

– E eu doze vezes di à luz, José. Tu te alembras? Doze vezes. Primeiro foi o Manuel. Depois veio a Engrácia. Depois o Saul, depois o Elói. Depois o Bento. Depois o Augusto.

– Tão gordinho, alto e espadaúdo, que apenas com quinze anos, Esperancinha, acabou por se chamar José Jorge. Tu bem sabes, oh moça, que ele só se chamava José. Mas um dia dizem que ele estava a comer uma alfarrobinha seca, e uma azeitona de sal, como nesse tempo se comia, e alguém lhe disse. Está ali uma cobra da grossura dum cevado. Fujam todos que ela vai comer alguém. Nessa altura esse José pegou numa varinha que ali se encontrava arrumada à parede, foi ao buraco donde a diaba espreitava os passantes, e desencantou a bicha, esfuracando lá dentro. Assim a desencantou, e em menos de um jasus pôs-lhe as tripas ao sol. Oh

Esperancinha. Ora a velha. Que tinha idade para ser trisavô dele. Vendo que o rapaz que ela tinha criado com caldinhos de leite, tinha morto o animal, dizem que disse. Ah José. Tu és parente de São Jorge, meu filho. E eu te pranto esse nome. E assim José Jorge cresceu, ajuntou-se e gerou a Manuel Jorge. E Manuel Jorge gerou a José Jorge. E José Jorge a Manuel Jorge que foi meu avô, e meu avô, Esperancinha, gerou a José Jorge que foi meu pai, que me gerou a mim, e me botou o seu nome, igual, mas pôs Júnior também, que significa menino, para não se confundirem as heranças. Tu sabes, Esperancinha, que além destes ainda todos geraram filhos e filhas como a gente.

– Depois do Augusto julgui não poder conceber. Mas eram coisas passadeiras. Mistérios da barriga. Um dia fiqui do António. Depois do Marçal, e do Duarte. E do Simão. Depois o morto.

Cala-te. Ouvia-se um barulho de vozes rondando o povo e espreitando as árvores das redondezas. Alguém chorando como de assombro. Outro falando em voz alta, com a segurança de quem não observa, mas tem o dom de narrar. Esperança Teresa diz que sim, que seu marido fala toda a verdade. Os passados do seu homem. Um deles fundou o povoado. O sol descendo e a calmaria sumindo-se na rua, adiante da sombra do sobrado. Pelo chão adiante, adiante, em direcção às outras paredes. Uma ou outra cigarra já se cansou de cantar.

– Tu bem sabes, Esperancinha, que antes dos meus avós isto aqui era um deserto. Só havia ali na curva do rio um moinho velho, onde, de noite, apareciam medos. Neste sítio onde tu prantas o pé, era mato alto, como nesse tempo havia, com lenha até à cabeça dum homem. O chão de pedras, e por aqui e por ali uma ou outra veredinha. As pessoas viviam além atrás dos cerros, além, além. Neste endireito do meu braço. Chamava-se Vilamurada. Ficava aí a umas três horas de andamento na direcção do mar. Era sim. Dizem que era uma terra boa para viver. Branca, com rendimento de amêndoa fofana, e vinha de courelas. Mas tinha o senão. Oh Esperancinha. Tinha o grande senão. As tropas dum rei que morava em Lisboa passavam por ali quatro ou cinco vezes no ano, a galope, para as bandas de Silves e Faro. Pilhavam a criação, pisavam a salsa. Ai é assim? Resolveu o meu passado. Um desses que deus haja. Levantar uma casa cá desta banda do rio. Nessa altura o rio ainda era rio, fazendo aqui um cotovelo alagadiço. Oh Esperancinha. Ainda há por lá na embeirada pedras de lavar a roupa.

– Não senhor, nada disso. Depois o António, depois o Marçal, depois o Duarte. Depois o Duarte, depois o Marçal, depois o morto. Depois do morto o Simão e o David. Andi cento e oito meses de barriga à boca. O morto veio entre o Duarte e o Simão. O morto.

– O meu avô abalou de Vilamurada com a mulher e os filhos, entre eles o meu passado seguinte, ainda pequeno, pensando que nunca mais teria vizinhança. Mas enganaram-se, oh Esperancinha. Enganou-se ele mais a mulher dele. Porque os outros vizinhos sentiram-se tão sós sem a nossa família que começaram a seguir as pisadas do meu avô. Oh Esperancinha. Dizem que foi um ver se te avias.

– Chegou como os demais, cheiinho de sebo e sangue. Mas morto. Um dia antes ainda eu senti rabiá-lo. Mas morreu entalado na boca do corpo. E a mulher de dizer. Faça força, faça força. Qual força nem qual força. Ia ficando com as mãos pregadas no varal do leito, da força que fazia. Mas deus já o tinha chamado. Serafinzinho. Nunca a gente lhe viu os olhinhos abertos.

– Porra. Oh Esperancinha. Duas primaveras depois quando os soldados do rei, que morava em Lisboa, passaram por Vilamurada a caminho de Tavira, onde estavam ancoradas duas galeras italianas, os safardanas só encontraram galinheiras e pocilgas. Os porcos e as galinhas, por essa altura, já andavam a piar e a grunhir aqui na terra em que tu nasceste. Oh Esperancinha.

– Muito te alembras tu do serafinzinho. Mas eu, a mãe. O serafinzinho foi encomendado entre o Duarte e o Simão. Ai meu bom jasus. Ainda hoje que não vejo dos olhos, eu me alembro. Com a boquinha fechada. Sem baptizo. Eu a ver os morrõezinhos de torcida acesa. Eu me alembro. Está no limbo, alumiado de morrões de azeite. O serafim.

– Mas eles de pouco se importaram, os safardanas. Na distância de um espirro havia outros povoados. Para as bandas do mar. Era só eles fazerem um desviozinho assim, acachapados com as moitas e os arvoredos. Podiam assaltar todas as casas que tivessem fumo. Sempre era sinal, Esperancinha, que se comia na terra, ou que ainda se dava de comer aos porcos. Acachapadinhos com a terra, continuaram a roubar enquanto quiseram. Até que veio a república.

– Ai meu bom jasus, meu bom jasus. Nem um agora para me alimpar a velhice. Depois de tanta caquinha lavada por estas mãos. Meu bom jasus.

Ainda o morto é o que me faz maior companhia. A sua lembrança.

No ar havia um sussurro das coisas acontecidas. Não se sentia a noite cair. Pousou entre José Jorge Júnior e Esperancinha Teresa. Empoleirado ele num banco de quatro pés. Ninguém poderia dormir. Haveria passos nas ruas, baldes tinindo de encontro a copos. Bastava bradar. Mas era preciso Maria Rebôla chegar para se saber que a estrada de Santiago divide o céu ao meio, divisão à banda, de nebulosa hesitante. O santo deixando o rasto do fumo. Perdendo-se, regressando sobre os passos à procura duma feira. A feira dos passos perdidos, para trás, para trás, para trás. Tudo o que foi para diante. O fumo no céu, feito de estrelas, gases, astros descomunais, indefinidos. E as sandálias do santo, por ali, ali, ali e ali. Nem com os óculos, oh Esperancinha, eu vejo a estrada. Maria Rebôla é redonda como uma cabaça, e as ancas lembram dois pomos gémeos. Amarelos, fofos, redolentes. Embrulhados num pano de flores. Oh que coisa, que coisa. A uma hora destas, os dois aqui de palestra sem se ouvirem. Falando, falando. E comidinha? Nada. Vivem do palavreado. Louvado deus. E para o comerem melhor agora até tiram as dentaduras. Tó diabo, morra eu antes disto.

•

– Tu costumavas dizer que eu deitei-os ao mundo. Mas que todos saíram de ti. Grande mentira. Tu esqueces-te José Jorge, que a gente é como a galinha? O galo gala. Mas a galinha põe o ovo, choca o ovo, bica o ovo, ajuda o pintainho a nascer. Depois do pinto enxutinho. Ela chama-o para beber, comer e passeá-lo. E agacha-se em cima dele quando chove. E uma manta de penas. E quando faz relâmpagos. Mas o galo gala as galinhas, sacode o rabo, e até pica nos pintos para comer a cevada.

– Uma manhã. Oh, já o meu avô desse meu avô não saía a lavrar, nem a ver lavrar. E já a sua mulher dormia o grande sono. Apareceu por aqui um soldado muito garboso, de grandes bigodes, caindo de lado, assim como uma folha de parreira. Mais do que assim. Na cabeça um chapéu de penacho enfiado, e a dizer que vinha buscar o meu avô. Calcula, Esperancinha. Para ser julgado e castigado, porque tinha fundado uma povoação sem alvará real. Sem al vá rá. Sabes o que fez o meu avô, Esperancinha? Quando percebeu que o soldado do cavalo vinha pedir contas por coisas passadas quarenta anos atrás? Olha Esperancinha. Alevantou-se da cadeira, assim, e disse que nunca tinha visto semelhante

rei nas redondezas, e a existir, que nunca lhe tinha dado nada. Antes tirado. Dar? Nem a pontinha dum corno. Por isso, que se era rei, que reinasse na terra onde morava. Esse meu passado deveria ter sido o maior de toda a geração. Disse que ele próprio só tinha voz activa sobre as coisas e os lugares mantidos pela cavação dos seus braços. E dos bracinhos da sua gente. Vê tu. Oh Esperancinha.

– Eu assim fiz. Conhecia o choro de cada um deles uma légua de distância. E antes deles começarem a ter qualquer dor, já a mim. Sua mãe. Ela me dava rebate.

– O soldado. Dizem, que eu não vi, mas acredito. Dizem que fez um olho de mau sobre a montada, e sem arredar pé, com o sabre na mão, queria acusar o velho fosse pelo que fosse. Mas tu sabes o que ele fez? Oh Esperancinha. Esse meu avô? Virou-lhe as costas, desceu as calças. Assim. Bateu no assento. Que levantou até mostrar o buraco, e disse que fosse para a santa que o tinha parido. Que o tinha pa ri do. Que já não era dele homem para razões desse tipo. Teria ele por aí a minha idade. Repara-me nisto, oh Esperancinha. Dizem que o soldado desceu da besta, olhou à roda, e como andava por ali uma ninhada de bacorinhos leitões, agarrou num deles pelo caracol do rabo, segurou-o pela barriga, e foi-se caminho abaixo, de penacho à banda, a farda borrada de trampa amarela. E tu sabes porque é que toda a gente fixou esta palavra? É que foi nesse ano precisamente que o rio deixou de correr. Ficou depois assim. A goela esgalgada, e a gente à espera, à espera. Até hoje. Oh Esperancinha.

Depois José Pássaro Volante. O que tem três certezas. Sabe que a terra não é redonda, mas o horizonte um círculo abobadado de azul e cinza, conforme a hora do dia e o mês do ano. Que se desloca atrás de si e das bestas para onde quer que vá. Suba e desça o barrocal, penetre a serra, monte abaixo monte acima, pernoite nas pensões à beira da estrada. Durma nas abas das medronheiras. Que o círculo é sempre um círculo de terra e ar. Como o redondel dum copo virado, atrás do ser da pessoa. Por cima os astros, por baixo o pó e as pedras, e o mesmo redondo atrás, atrás, ele no meio. Ah prisioneiro. Quem uma vez não saiu de Vilamaninhos não conheceu nem conhecerá a realidade da terra. É preciso cavalgá-la devagar, ver e descer montes e baixuras para se entender que a viagem abre um véu, e fecha outro véu, atrás, atrás da vista. Atrás da cauda da mula.

Mas no meio do redondo mais íntimo sempre fica Vilamaninhos, colado às esferas pelas bordas da terra, cozida de quietude. Mansidão. No centro de Vilamaninhos fica a casa que lhe deixou o pai. No centro da casa fica a mulher bordando. No centro da mulher bordando. Plantada no colo. Fica a colcha de linho cru, adamascado. No centro da colcha uma figura de escamas bordadas. E a língua. A sedas vermelhas, reluzentes de fogo. Isso.

Para que Branca bordasse o dragão de língua de bordo doirado, no meio do rectângulo de pano cru adamascado. Do tamanho do chão de uma casa. Pássaro Volante escrevia, sentado de esguelha na cómoda, duas cartas por ano. Também era o senhor das linhas. Tinha dito uma vez em frente de pessoas de fora, que a bondade mandava que se fornecesse à mulher o entretém para os dedos, de outra forma. Oh, de outra forma. Branca Volante passaria as tardes com o espírito além das parreiras. E o que se passasse no espírito nunca se poderia medir nem calcular. O dragão, pelo contrário, era um indicativo precioso. Note-se. Não só do tempo que tinha ficado disponível, como ainda da justiça usada na distribuição das tarefas. Porque se alguma coisa faltasse fazer, e as escamas do dragão crescessem. Ali dedinhos. Branca estaria a esquecer-se dos seus deveres, e forçoso seria fazê-la lembrar. Cinco dedos estampados na pele. Não era para doer. Era mais a marca e a lembrança. Mas estes juízos últimos não os fez em voz alta, nem junto de familiares, nem de estranhos, ainda que a mulher os conhecesse sabiamente. E a ideia viera dela dois dias antes do casamento. Mesmo quando o noivo não vá viajar pelas feiras, pressinto que as tardes da minha vida se arrastarão medonhas.

E agora. Oh Pássaro, como posso eu saber duma mula que tu mesmo peaste travaste e encabramaste? Sempre que pode essa mula se escapa de ti. Isso bem pode ser um sinal. Mas hoje, nesta terra, não se tem feito outra coisa senão procurar uma cobra que voou. Pelo amor de Deus. Pela saúde dos filhos que estão dormindo. Eu posso ir procurar o animal, mas a esta hora, como vou eu ver através do escuro? Sim. Às vezes. Eu ouço a certa distância. E quando tudo está deitado. Mesmo assim os galos costumam perturbar-me a escuta. Tu não vês, Pássaro. Toda a família desta terra levantada, Pássaro. Toda, toda. Quem vai conseguir dormir na cama? Foi pressentido por muita gente. Eu não, eu não. Eu só vi quando vi. Vi apenas um ser listado e rastejante, estrebuchando de buchada fora. Ali no pó da berma. Fui assaltada por um nojo violento, um medo de que se tivesse pegado a mim. Vê Pássaro, desprendi a trança, espalhi o cabelo. Tenho medo que se pareça com a víbora o que eu trago pendurado em mim. Como podes querer que vá chamar a mula, noite feita? Oh deus de misericórdia. Eu

preferia engolir em vez de melão, estes luz-em-cus repelentes que andam a besoirar. Mastigá-los e engoli-los. Procurar a besta sem saber onde se sumiu a cobra, Pássaro. Pede tudo. Pede tudo.

Branca vista de frente parece uma lagarta, porque os olhos fecharam-se de vermelho e inchação de lágrimas. Mas de lado parece uma erva de folha fina. Os cabelos anelados a partir da nuca pelo jeito da trança, ondulam sobre as mãos na mesa da cozinha. Oh Pássaro, numa noite destas.

Manuel Gertrudes disse. Se Macário estivesse acordado, as quadras que não cantaria. E Matilde disse. À cobra? E Manuel Gertrudes disse. Sobre que havera de ser. E João Martins disse. Se ele visse Carminha a passar, ou pelo menos a sua voz, já as quadras seriam outras. E José Maria, o cantoneiro, disse. Antes as de amor. Só essas me enchem os ouvidos. E Maria Rebôla disse. Você é um herege, porque não respeita os sinais. Quem julga que uma coisa destas pode acontecer por nada? E Matilde disse. Fiz a promessa de não comer enquanto isto se não deslindar. E Jesuí na Palha disse. Fazes bem, que ainda podes derreter uns dez. Cinco de mamas, cinco de eu, sem que isso te ataque o juízo. Manuel Gertrudes disse. São loucas. Falam de coisas vulgares por palavras porcas, nesta noite misteriosa. E José Maria, o cantoneiro, disse. Para mim é sinal de que todos os condutores poderão vir a ter o seu camião. E Manuel Gertrudes disse. Sinto que em breve não haverá mais inimigos. E Jesuína Palha disse. Eu queria tê-la matado. Mas os meus braços não têm já o viço da mocidade. E Manuel Gertrudes disse. Também sobre a mocidade e a velhice Macário faz cantigas. Mas está dormindo, o pobrezinho. E Matilde disse. Chora Jesuína, chora, que o choro logo te dará a força. Oh filha da tua mãe. E Lourenço disse. Vamos todos passar aqui a noite ao relento sem pregar um olho. E Manuel Gertrudes disse. Ah amigos, tanta coisa vi na vida, nesta nação e nas outras que vos digo. E Manuel Gertrudes. Agora mais do que nunca é preciso sermos amigos, amarmo-nos uns aos outros, fazer uma frente comum. E José Maria, o cantoneiro disse. Muito gosta vossemecê de palavras doces. Eu também. Sempre apreciei o mel do falar.

Em Vilamaninhos as pessoas já não podem encarar o nas cer do dia como antes, porque suspeitam que há um ser desconhecido entre as casas. Tanto pode estar a apodrecer dentro do poço, como a reproduzir-se em cima de uma varanda. Ou nos escombros dos muros. Assim, quando sobem as ruas sozinhas, batem os calcanhares, como nunca haviam batido, para afugentar o medo. Se carregam as

compras, acompanhadas, falam baixinho segredos de orelha a orelha. Começaram a seroar em grupo, de bordões à mão para o caso de ouvirem o silvo do animal chegando. Há homens mais magros, porque a imagem vigorosa das humidades verdes e incolores da bicha, lhes lembra a tripa da cavala. Da cavala que conduta o pão e a água. Oh manjares. De que vivemos agora? A novidade dos primeiros dias pôs-lhes a voz emposta. Começaram a falar com a cabeça erguida. Olhando olhos nos olhos, com medo de se perderem uns dos outros. Era preciso não adiar as acções. Manuel Gertrudes foi visitar José Jorge para saber da saúde e dos emigrados. Seus filhos. Onze. Tudo fugiu a tempo, oh Manuel, antes de serem vistas estas coisas. Oh José, estivessem eles aqui e um havera de matar o animal. Oh São Jorge. Eu fui soldado, mas na verdade não descendo da família. Também Manuel Macário acordou de insolação lunar, e tendo tido conhecimento detalhado de tudo o que se passara nem matou a fome de catorze dias, três horas e trinta minutos. Afinou o bandolim com o ouvido sobre a madeira e o dedo zerpando as cordas, palheta dá-lhe que dá-lhe até achar oportuno. E não guardou o riso para o dia seguinte. Achava ele que vindo de outras esferas. Ali sem dúvida. Podia sorrir do que acontecia aos mortais que comiam e defecavam os trinta dias do mês. As asas saindo dos flancos, esse relato invulgarmente obscuro, punha-lhe a boca à banda de tanto desconfiar da verdade. De qualquer forma sentia-se outro, porque todos se encontravam diferentes. Como assim? Ali, todos tinham sentido afinal que isso vinha a caminho. Assim como um vazio por não comer desde a semana passada, ou um soco no coração. Que fizesse o órgão andar como patas de cavalo solto de uma sela. Os videntes. Esperança Teresa falou a quem a foi visitar. Que aos sete pecados capitais faltava um. Contra a maledicência, a temperança da língua.

Carminha Rosa e sua filha fecharam as portas. Carminha tinha ouvido falar de um homem do princípio do mundo, desenterrando os olhos com os próprios dedos, das suas implantações naturais. Coberto de sangue, a andar de porta em porta, pedindo pão pelo amor de deus. E isso tudo não por culpas presentes, mas tão passadas que já nem eram suas. Um severo animal quase mudo, dizendo charadas a quem entrasse na cidade. E ele a escorrer sangue dos olhos, e a filha com os olhos do pai envolvidos num lencinho das mãos. A correr mundo. Aquela visita de Jesuína Palha e dos seus ajudantes, era uma imagem tenebrosa. A própria filha desmaiava à mesa sem vontade de comer, e a mãe só conseguia acordá-la à bofetada com os catramelos dos dedos, vai e vai, dum lado a outro. Deitava-a na cama e falava de forasteiros. Hão-de descobrir quem tu és, sem saberem de quem tu vens. Oh Carminha. Pobrezita. Tão formosa. Por sua vez

Jesuína Palha teve medo de morrer a falar na taberna de Matilde Santiago, e por isso subiu várias vezes o empedrado para se ir perdoar com Carminha Rosa. Se me abrirem a porta para me escutarem, vou dizer. Tudo o que eu disse era de raiva por não a ver participar do sucedido. Mas a sua rua, Carminha, é a mais limpa de Vilamaninhos, e nem em Faro eu vi ruas assim. Apesar de lá haver quem seja pago para varrer os papéis e os estercos. Mas as melindradas pareciam nem darem pela sua presença. Carminha, a filha, ouvia-a estendida na cama, olhando as janelas onde o sol do verão punha estrelinhas de brilho fulgurante. Ali, se um forasteiro lhe batesse à porta em vez de Jesuína Palha. E também Pássaro. Nesses dias de confusa expectativa saiu de casa. Vou vender esta besta porque é fugidia e reguingosa. Farei cinquenta quilómetros para me ver livre dela. Contudo, vista de frente e de lado, a mula era redonda e manteúda, o pêlo ruivo e brilhante. Espelhado. O olho vivo, negro e pestanudo, quase de pessoa. Por isso Branca lhe chamava de Menina. E ele o aceitava. Sem exemplo, e apenas por pura coincidência de parecer. Só eu ajo. Enquanto os outros dizem e pensam. Quando eu dobrar aquela curva de estrada, já terei esquecido esta loucura geral.

Ia indo Pássaro Volante como sempre pela berma da estrada, o chapéu tombado sobre a testa, a mão esquerda pendurada pelo polegar da algibeira do colete. Um olho para trás sobre a mula, seguindo-a de orelha atenta. Então o dono circum-vagueava o pensamento pelo redor. E a besta. Contra a natureza e habitual personalidade de ente humilde. Curvava o cachaço de pêlo brilhante, deixava cair as orelhas sobre a testeira e ensaiava no encalce do dono fujotas incompreensíveis. Isto se o marido de Branca Volante caminhasse em passo recto, porque mal estacasse para vigiar o trote da besta, esta estacava também. Punha os dentes à mostra com o focinho em riste, e ria-se junto dos sapatos do dono como de coisas incompreensíveis. Duas e três vezes. Então Pássaro Volante sentiu que ia ficar repleto de cólera, e a barba que tinha azul e afiada, pôs-se a despontar vigorosa contra a insolência de uma mula tão louca como a mulher, e como ela perversamente misteriosa e cínica. Oh coiros. Felizmente que a outra estaria em casa, à sombra do parreiral, tecendo o bicho. Agora era andar. Mas a mula Menina cada vez corria mais no encalce de seu dono, deixando a rédea, que habitualmente vinha comprida e esticada, muito lassa, caída a todo o tamanho na poeira da berma. Cada vez mais a dentuça amarela de trincar as ervas saía de dentro dos beiços como se quisesse morder o ar. O olho vivo em meia-lua, como se quisesse devorar o dono por gozo amaldiçoado. Ah punhão. Se eu não

soubesse desde moço pequeno, e por ensinamento de meu pai, que espancar uma besta sempre é mais caro do que espancar pessoa, eu te diria, oh velhaca. Mas fez firme propósito de conter-se. Porque, relacionando os dias e os factos, um pensamento secreto do íntimo dos íntimos lhe dizia que o riso de uma mula poderia ser o instrumento de um misterioso aviso. É preciso entreter o despeito. Deixá-la ir neste foge que foge. Mas, ainda a mil metros do povoado, Pássaro Volante deixou estancar o raciocínio por altura dos ombros. Os dedos e o bucho ferviam de raiva. Contra esse animal, o primeiro desde sempre que se dispunha a desafiar as regras de existência de mula mansa. Pára aí. À sombra de uma alfarrobeira anciã, e sob o olho do sol brilhante a pino, amarrou-lhe o focinho que ria a um tronco nascido na vertical para a copa da árvore. Retirou depois, de debaixo da albardadura uma vara de vime. É agora. Grossa e flexível, zunindo no ar. Pôs-se a espancar as ancas redondas e ruivas da mula Menina. E a mula muda, estremecendo a pele e o pêlo como arreganhada por dedos. O dono via a vergastada eriçar esse pêlo rubro. Escrevendo cruzes umas sobre as outras. Os sinais. Por cima a árvore carregada de candeio e frutos cheirava a mel e sombra. Já está. Disse Pássaro Volante aliviado. Experimenta agora. O corpo tremendo como se tivesse amado uma mulher. Então retomou a estrada, pensando noutras coisas. Até que ouviu um relincho como roçagar de línguas, e virando-se, pôde verificar que a dentuça continuava à mostra, e que ambos os olhos pestanudos riam sem parar. Ah mal-aventurada. Aí até os mais pequenos músculos do seu corpo se retesaram de razão e violência, e em vez de prender a mula Menina, começou diversamente a desapertar-lhe a cilha para poder castigá-la merecidamente das orelhas ao rabo, sem que nenhum coiro lhe protegesse a pele e o pêlo. Numa faísca de tempo. Arremesso de albarda para o meio do campo. Duas lançadas de rédea executadas com todo o vigor e velocidade do corpo. Arregaçar de mangas, uma de cada vez. Gesto largo e potente. A mula presa pela ponta do focinho a um tronco bem alto, olhava apenas de soslaio para os dedos do dono. O mundo vai parar. Vai parar para que um ser se vingue de outro. Apesar disso. Do riso imparável da mula e da pressa de Pássaro, as cigarras continuavam a cantar, escondidas atrás das folhas. Nesse curto momento de espera entendeu a besta Menina que o dono recrudescia de raiva. Pássaro Volante levantou o vime grosso e vibrante. Atrás do ombro, a ponta roçando-lhe o flanco, toda a energia contida no pulso. Mas nesse instante a mula dependurou todo o corpo do tronco a que estava presa, encaracolou as patas por várias vezes, e relinchando. Um parto que nunca teria. Espojou-se possessa contra a terra e a árvore. Aí xó. Aí xó. Tentou o marido de Branca dominar a besta pelos queixos.

Mordendo-lhe a língua com o freio do cabresto. A mula abanava a árvore, e o tronco, donde a havia dependurado Pássaro Volante, começou a ceder, a estalar e a ceder, até que se desprendeu, curvou e se abateu contra o corpo quadrúpede e o solo em brasa. Sopra a mula pelas narinas, dá dois saltos para o alto no mesmo sítio em que está, e parte à desfilada pela várzea com a pernada carregada de frutos presa das suas mandíbulas. Trambulhando folhas e patas pelo chão e pelos valados. Na última sebe da várzea ainda o tronco se contorcia atrás da fuga da besta. E o dono especado no meio do campo. Como foi? Virou-se Pássaro Volante para a estrada que corria de nascente a poente. Tinha uma albarda por terra e um vime grosso na mão. E agora? Com este calor vou pôr-me a chamar blê blê pelas várzeas e pelos montes? Há-de a valhaca ter tanta fome de ração e feno que em breve me estará a suspirar à porta. Então verás. Agora resta-me voltar com a albarda ao ombro. E quando me virem neste preparo eu hei-de dizer. Fui amarrá-la a uma grossa pernada de árvore no fito de a acalmar, mas ela sumiu-se no calor das várzeas. Para aquelas bandas. Enlouquecido o estúpido animal. E assim foi, mas a sua narrativa de desgraça não despertou ninguém. Isso é um pequeno sinal. Nós esperamos a decifração de um outro. Aqui sentados. E esta espera é uma luta. A verdadeira.

•

Até que Branca apareceu na venda. Acordem. Vejam o calcanhar dos meus pés. Onde os ponho, ponho a cara. De tanto ter corrido. E este já é o décimo dia. O próprio Pássaro Volante começava a ficar exausto. Isto é um castigo. Tanta busca e cogitação sobre o desaparecimento da mula Menina. Então Manuel Gertrudes, João Martins e Lou ofereceram-se. Seguiram Volante. Branca dez passadas depois. Subiram o leito do antigo rio, desceram pela margem direita, voltaram a subir pela segunda. Percorreram meias chapadas, olhando para cima e para baixo, ainda juntos. Separados assaltaram tudo o que era penhasco e penedo. Também Manuel Gertrudes acabou por descalçar as botas de tanto ter andado. Mas aves ao cair da tarde batiam asas vagarosamente. E não eram corvos, nem abutres, nem nenhuma de ruim feição. Antes avezinhas mansas. Alguns pombos de asa maior, algum pardalito de curta asa tremida como quem vai acagaçado do próprio ar que navega. Pelas amendoeiras cigarras cantando desde madrugada. Nem bafo de gato bravo, nem notícia de ladrão de alpergatas. As árvores não estavam roídas. Nem os pastos pisados, nem nos caminhos havia sinal de ferradura. Manuel Gertrudes. Oh eu fui soldado da primeira grande guerra e soube o que era comer as fezes próprias e as alheias. Dizia ele. Que

onde encontrassem a pernada de alfarrobeira aí estaria o cabresto, e onde estes estivessem, perto estaria a mula. Mas até à noite de vários dias não foi encontrada nem pernada, nem mula, nem cabresto, e Pássaro Volante de regresso a casa. Cinquenta passadas à frente da mulher. Disse. Ninguém me quis ajudar. Espreitaram mais os rojeiros dos répteis do que os sinais da besta. Cada vez mais taciturno. Virgem-mãe, apetece benzer-se um crente. Manuel Gertrudes como se não entendesse disse. Homem, se falou verdade, antes assim desaparecida do que uma besta enlouquecida em sua casa. E Pássaro despeitado. Mesmo assim, vizinho, mesmo assim. Eu preferia voltar a ver essa besta desfeita em espuma brava, do que este desaparecimento que me põe louco a mim. Todos estavam sentados nos poiais ao cair da tarde, de espinha direita e mão na testa para ver melhor quem chegava cambado. A taberneira servia os copos de mais alto, e dava o troco sem querer tocar nas moedas. Sentiam o pressentimento. O pressentimento que antecede os grandes acontecimentos. Mas porque se vivia agora depois dos factos inexplicáveis, era muito mais intenso. Solene, às vezes doloroso.

Manuel Gertrudes disse. Antes o arrieiro trazia outro peixe. E o arrieiro disse. Antes toda a gente só falava da frescura dele. E dava gosto vendê-lo. Jesuína Palha disse. Antes, mesmo em Agosto, não me fazia impressão o lenço. E Matilde disse. Antes bebia-se mais Lagoa, porque nesta venda falava-se de coisas simples. E Macário disse. Agora pouco se interessam pelo meu bandolim. Parece que andam a ouvir outra música. Manuel Gertrudes disse. Agora, vizinhança, estamos definitivamente longe da primeira guerra mundial. E João Martins disse. Antes o raio das cigarras calavam-se quando eu passava calçado. E Carminha Rosa disse. Antes Carminha era mais menina. Também lavava as janelas todos os dias e queria vir ao petróleo. Matilde disse. Antes vinha muitas vezes, mas Macário dizia coisas. E Macário disse. Antes eu ficava a dormir nos meus dias minguados, mas agora o meu sono é de pedra. Pássaro também disse. Antes eu não tinha esta afeição às bestas. E Branca disse. Agora não consigo fazer a trança. E Manuel Gertrudes disse. Antes não havia dia que eu não falasse do meu tenente a espetar-me o alfinete da medalha. João Martins disse. Agora parece que os bichos já não têm medo das pessoas. E Jesuína Palha disse. Sim, antes sempre fui capaz de marafar qualquer bicho daninho. E Matilde disse. Tem passado o tempo, nem se dá por ser fim de agosto. E Carminha Rosa disse. Chorando. Antes Carminha vivia feliz porque acreditava que havia de chegar um forasteiro à povoação. E o carteiro disse. Antes julgava ela que um forasteiro se

deslocava como uma carta. E Matilde disse. Agora, se viesse, sempre me ajudava a beber o vinho. E Macário disse. Daqui em diante já não poderei dormir no poial. É forçoso que me vá deitar na cama, porque todos vocês parecem ter engolido um garfo, e poucos procurarão evitar os desacatos que eu quiser fazer. E Carminha Rosa disse. Antes você dizia grandes baboseiras, homem, sobretudo quando via a minha filha. E o arrieiro disse. Antes dizia-as tão porcas que me fazia corar os peixes. E Branca disse. Antes Pássaro fechava a janela para não entrarem os luz-em-cus. Agora esses bichos entram pelo quarto e só se apagam de manhã. E Jesuína Palha disse. Vem aí setembro. E as moscas. E Macário disse. Então que se fale delas. Começa-me a enojar essa cobra que não vi.

Quando as primeiras chuvas caíssem as moscas pareceriam enlouquecer. Abusariam da paciência das pessoas e Jesuína Palha seria obrigada a escolher e a entulhar os figos dentro de casa, trabalhando entre os portais para que o sol de setembro os secasse. Viriam as pragas. Esses bichos seriam tantos como os figos. Sempre assim fora em Vilamaninhos. Costumavam ser grandes, gordas, varejeiras, de abdómenes azuis e zumbido grosso. Viam-se sair da terra. Da água. Do estrume e das paredes. É ou não é? Faziam, e sempre farão, ninhos de larvas no pão, na carne. Mesmo nas orelhas dos velhos. Assanhavam-se sobretudo pela hora do calor, mas cantavam em coro até nas horas mortas do dia e da noite, multiplicando-se tanto mais quanto mais as enxotavam e temiam. Sempre assim foi e será. Podia-se falar no presente. Em chegando maio as mulheres reparavam nisso. Regressavam pelos montes e traziam ramos de daroeira com baga que dependuravam por uma guita. De um sítio central da casa. E as moscas patinavam no ar e encontravam no seu espaço sideral um mundo fresco e fofo. Cheirava a seiva e a poeira viva. Verdes e lisas as folhas. Dependuravam-se, por isso, quietas, caladas. Mansas e pegajosas. Então as mulheres de Vilamaninhos semicerravam portas e janelas, abriam uma saca velha das maiores que houvesse em casa, aproximavam-se do ramo. Era necessário. Assim como ladrão de assalto, sem o menor ruído. Rapidamente atavam a boca da saca, cortavam a guita presa do pau de casa, estendiam o volume sobre o chão e pisavam-no. Oh vingança. Estalejavam sob os sapatos as folhas do arbusto e as cartilagens das moscas. Um zumbido subterrâneo de insecto aflito palhetando as asas, abdómen aberto, patas a dar a dar. Sob as solas cardadas de ferro. Isso então. Esperança Teresa desde sempre tinha sabido tratar-se de ingénua vingança. Era como se houvesse um reservatório de larvas na fundação das casas. Quando regressavam da rua depois da matança, já outro

enxame mais numeroso e reforçado zunia pelo ar. Pintalgavam de pontos pretos, frescos e redondos como ovos, os umbrais, as portas. Os braços dos meninos. Oh condenação. Sorte mofina. Todos sabem que outrora, na casa grande e alta de José Jorge Júnior, Esperança Teresa tinha sido cuidadosa. Juro que há uma relação entre certos actos praticados ou não, e as ditas. O número das moscas. Obrigava ela os filhos a evacuarem muito longe das paredes. Além filho, ao fundo da vereda. Prante aqui a sua calcinha. A vereda que dá para as figueiras. Mas vá pela embeiradinha da sombra. Cuidado com as urtigas. Tinha mandado abrir uma estrumeira longe da cavalariça. Carretava ela mesma o estrume três vezes por semana, sobre um pesado carro de mão. Que gania pela rua acordando o sol. Antes de pôr a mesa pegava num raminho, enxotava-as no ar. Ah maganas. Empurrando-as para fora do espaço obscurecido. Mas agora com a solidão. Quem ainda não viu? Maria Rebôla finge abaná-las com o paninho do pó. Falsa fantasia. As moscas moram ali como em toda a parte. São amigas e companheiras de infância. Passeiam-se sobre os mantimentos, sobre as mãos. Às vezes duas num cacho quieto, depois zunindo. Todos percebem que se fecundam e reproduzem. De uma palmada, dedos em concha, sempre José Jorge Júnior mata três. Dez de uma só vez. Diz. Diz o velho. Calculem, oh vizinhança. E depois fala dizendo. Bicho de vida curta. Mati de uma só vez, dez destas filhas da puta. Diz. Bem digo eu que antes não picavam tanto. De que servem as águas venenosas, os poses inventados contra esta bicharada miúda? Isto quando chegar setembro e uma chuva morrinhosa fizer laminha na rua. Antes falarmos disto. De certezas puras. Assim é que eu gosto. Disse Macário. Apetece-me abrir a boca. Disse Pássaro.

Esse sentou-se na cama e os rodízios do leito gemeram. Branca não se mexeu nem afegou. Tudo pode acontecer. Ela esperava isso, escutando-o através do escuro como em dia claro. Conhecia-lhe a respiração. Quando acordado apenas o peito abria e fechava, mas quando dormia o ar entrando pelos nasais era um sopro. Podia-se contar até quinze. Depois o ar saindo pela boca. Um assobio. Um assobio átono e resfolegado. Ressonado e descarregativo. Uma flatulência de palato e língua. Um panavento postado no seu peito poderia pôr-se a girar. Mas Branca não se mexia, assente que tinha a cabeça sobre o lastro ondeado de cabelo e pano.

– Escuta, a besta está de volta.

Branca ergueu-se sobre o cotovelo. A mão sobre a orelha. Havia tempo que

ouvia os sons à distância. Não, não ouço nada. Ouve. Nada, não ouço nada que seja da mula Menina. Nem um relincho. Consigo ouvir animais, pessoas, rumorejo de folhas. Chego a ouvir as ondas. Este tam tam que vem e vai. Mas de besta, de besta não ouço nada. Tu ouves e finges não ouvir. Podes matar, Pássaro. Como não ouves? Como? Os luz-em-cus deixam ver os olhos de Pássaro. Olhar de lume resplandecente. Acaso terás per-dido a virtude? Não ouço nada, Pássaro. Se dissesse o contrário estaria a mentir. A noite era um lastro de escuro e estrelas. Via-se pela greta da janela apenas unida, e agora por um vapor de fresco abanando as alfarrobeiras do monte. E os luz-em-cus, como se tivessem deixado incendiar uma cauda, nunca consumida pelo fogo e nunca apagada senão pelo dia, voa que voa. A princípio um e três. Depois cinco, seis, talvez os mesmos. Deslocando-se, aterrando e fazendo voo, ou outros já. Mais luminosos e potentes, enchendo o quarto de zumbido. Fosforescências. Branca pode ver que seu marido tem o corpo nu e suado, e que tem uma floresta de cabelo eriçado sobre o peito. As espáduas. Sobre o ventre uma estrada. Aí desce e sobe sempre. Unindo e separando os matagais de sombra eriçada. Pode-se ver isso, porque Branca sabe, e os luz-em-cus são pródigos de iluminação. É uma fosforescência completa. Sente-se a respiração de Pássaro mais cansada. A voz dos pulmões mais lenta e profunda como se ele próprio estivesse a descer a um sítio. Branca sabe que ainda o poderia alcançar. Era só dizer. Pássaro, creio que agora durmo com os olhos abertos. Vê. Mesmo a dormir e a respirar esforçado, mantenho as pálpebras assim. Queres pôr o dedo? Vê e vê. Não vale a pena alcançá-lo. Deixá-lo cair onde se dorme. Barriga abaixo e acima como um fole secreto de órgãos. Um odre de humidades e vísceras. Pode-se ver, porque é possível ver à transparência como através de um vidro.

Branca levanta um cotovelo sobre a roupa quente e prende a nuca no emaranhado dos seus próprios cabelos. Onde está o órgão gerador da tua peçonha, Pássaro? Desejava às vezes. Abrir-lhe as vísceras uma a uma, para espreitar o interior, meter a mão, estudar o pormenor. Alguma lagarta branca sairia rastejando, vinda de uma origem de fel. As roscas e ondulações. Subiria a tripalhada e iria roer o órgão do humor pulsante e vermelho, postado desde sempre na caixa do peito. Aí a larva enrolada teria sua casa sempre renovada. E os gostos de Pássaro seriam seus filhos. Com uma faca afiada, só para ver. Uma faca afiadinha no bordo do alguidar. Só para ver. Abrir, ver, saber onde se localizava o ovo que dava a larva. Exterminá-la com repetência no chão, sob o pé calçado até ficar apenas uma mancha de líquido sobre o ladrilho, entre a mesa -de -cabeceira e o capacho da cama. E depois. Com um gesto calmo pegar na

agulha e na guita. Agora nada disso. Ali a transparência deixa ver, como aberto, o mistério do fundo. Nenhuma larva expugnável, nenhum ovo transparente donde saísse a minhoca branca e ondulada. Nenhuma estrada de determinação em busca do coração do corpo. Apenas um odre de sucos ressumbroso, indo e vindo, circulando, um marulho de coisas a transformar-se fora das vistas. Secretamente. Corridinhas de líquidos, esguichos de humidade verde e rosa, tudo num pulo lento como sob tecido fofo e quente. Se se metesse a mão. Xantungue, seda fina, talagarça de pele. Que se poderia espremer, arrancar com o dedo, fazer entornar na cama, no chão. No entanto larva nenhuma que se isolasse das vísceras. Embora Branca tivesse a certeza que isso traria um pouco de carne entre as turqueses da boca. Se espremesse e matasse. Ah esperança de um acordar tranquilo. Pássaro de rosto sereno, falando manso. Parado à mesa como quem estivesse. Embora da goela ao púbis houvesse uma fenda cozida a guita e dedal. E se queixasse de dores. Os luz-em-cus vão e vêm. Branca sabe que eles começam a esmorecer, que alguns dormirão nos cantos da janela, contra o vidro, como alojamento. Ela própria levanta o braço e põe o dedo no olho. Está aberto. Dorme e está aberto. Então Pássaro pára a respiração profunda, como se um valado altíssimo se tivesse erguido por mágica no seu sono. Senta-se, desce o leito. Imprevisto. Fecha a janela. Branca fechou os olhos porque acordou, e Pássaro. Ah Pássaro. Procura o teu lugar. Pássaro de pé parece hesitar, deita-se. Mas não ao lado esquerdo onde acaba de dormir a noite. Não ao lado direito, nesga de cama que dá ainda para deitar um homem. Deita-se por cima, como um peixe pesado, de uma só peça e escama. Pássaro? Como um motor de músculos. Aqui o odre de liquescências e vísceras se transforma em opaco. Estremece, mãos espalmadas sobre a cabeceira da cama. As coxas pesadas de Pássaro, enegrecidas de plumas onduladas e rasas, combinação na cintura. Oh Deus que pressentimento. Se eu tivesse ouvido a mula e lho dissesse. Anda a pastar no corgo. Vai. A manhã seria clara. Daria para dormir ainda um tanto. Acordar com um barulho de bacio de esmalte e chilreio de felosa. Pássaro cavalga. Branca é um dorso macio de aragem pelada. Pássaro cavalga como se a montada tivesse partido à desfilada pelos caminhos, e ele cego por ver a terra tremer. E então o estremecimento sobre a montada da cama, veloz e horizontal, como se Pássaro se quisesse sacudir de si próprio, despejar o seu interior aí sobre. Larva e linfa esmaecida. Branca fecha os olhos. Desventrou-se de uma urina resinosa sobre mim. Agora todos os pensamentos são amargos sob os ímpetos mal contidos. Nem um luz-em-cu atravessa o quarto. Afinal Branca acorda com um tinido de esmalte. Oh filhos. Então o cantoneiro ergue-se, vem do fundo, transparente

como o líquido das nuvens. E Branca ri. E escuta. Bom dia. Vinha pedir um copinho de água fresca. Sou o cantoneiro da estrada. Deve ter a cisterna sempre fechada para a ter assim tão leve. E a cisterna de boa alvenaria. Eu ando aqui a pôr umas pagelas de brita. Só lá para a semana trago a caldeira do alcatrão. E Branca levantava-se, combinação entaramelada nas pernas atrás da voz. Assim as noites e o acordar de Pássaro.

•

Finalmente alguém sentiu que setembro estava a chegar. E veio anunciar na venda. As altomias já estão abertas, e as despedidas-de-verão vão começar a abrir amanhã. Hoje é sábado e vai estar um formoso dia. Sente-se a terra mudada. O sol ainda está claro, mas esmaeceu o seu amarelo do meio. Podemos esquecer a cobra. Não a achámos nem nos trouxe nada. Apenas aquela emoção. Aquela emoção que nos pôs ridículos, oh vizinhos. Mas dentro de dias vai apetecer pôr um casaquinho pelos ombros. Chega a camioneta, porque ouço um ronquido. Vem às moscas. Nem vai parar. Dizem que passa aqui porque calha passar. Quem a apanha? Nem vai parar. Mas a camioneta engoliu um pouco o seu tum tum de metais, as alavancas abrandaram-lhe a marcha, e os pneus das rodas deixaram ver um rodado redondo e lento, ficando as manchas distintas circulando ainda. À roda e ainda à roda. Ah, estão os dias mudados. Quem olhava esta viatura aqui há coisa de uma semana? Ninguém, e agora? Sente-se um sopro de outono. É isso que faz uma pessoa olhar para um animal de ferro tão sempre igual no bandear da anca. E Lourenço cuspiu no chão. Mas então a porta abriu-se, abaulada, ficou suspensa pelos gonzos, no ar, acima dos degraus de borracha, e um vulto pôs-se a descer. Como? Esperamos uma cobra e chega um passageiro? A porta recolheu dentro da parede de chapa, pintada de verde-poeira, desamarrou as alavancas, engoliu o ar, resfolegou pela grelha do motor, focinho quadrado, e pôs-se a andar estrada fora adiante dos olhos de quem queria olhar. Podia ver-se de todos os ângulos. O homem que tinha descido estava estacado no largo. Envergava um fato verde-poeira. Como se camioneta e homem tivessem sido mergulhados no mesmo líquido e pela mesma mão. Um barrete castanho na cabeça. A princípio olhando o largo, como se recordasse um mapa. Podia-se ver os fitilhos a penderem atrás quando o homem começou a olhar o empedrado. Manuel Gertrudes pôs a mão no peito. E isso porque sentiu um apelo muito forte como se alguém o chamasse para um tempo diferente do que vivia. Todos lhe notaram o gesto.

– Este mancebo é um soldado de infantaria.

O homem vestido de verde-poeira olhava ainda à volta circunspecto. Pelo adro. Depois atropelou um pouco as palavras, e com um sotaque forasteiro na voz perguntou pela casa de Carminha Rosa. A casa de Carminha Rosa? As pessoas que se juntaram indicaram com o dedo, e o soldado, como se tivesse pressa de chegar, pôs-se a subir a rampa sob o olhar desapontado da vizinhança, que ficava de rosto em riste. Oh Manuel Gertrudes. Diga, diga isso outra vez. A meio da encosta empedrada, uma mulher que descia, vendo um homem subir naquele preparo, estacou e disse. O que é isso? Um soldado por aqui? Não me diga anjo, que vem explicar o que aqui se passou vai para um mês. Mas o soldado deveria levar muita pressa. Uma sangria desatada e sem apelação. Porque ao chegar à porta bateu uma vez, e como ninguém respondesse de imediato, bateu segunda. Viu-se Carminha Rosa entreabrir a porta, escancará-la depois para que o soldado entrasse com largueza. Apertou-lhe também a mão e pendurou-lhe a boina no bengaleiro. Faça favor, faça favor. Alguém ainda pensou ser da família. Oh, um padre que parecia santo e depois nos saiu varrasco. Quantos filhos não terá posto no mundo? Mas as crianças que se empoleiraram, antes do meio-dia. Comendo pães com azeite e açúcar. Sobre os escombros das casas contíguas, observaram que não. Agora o soldado está sentado na cadeira de palhinha que elas têm junto da mesa, ao lado da moldura. Carminha Rosa fala muita vez com o soldado. Os vidros resplandecentes de brilho deixam ver tudinho. Até que Carminha apareceu com a roupa de sair. O soldado levantou-se. Estão a apertar as mãos e ficam de pé como se não houvesse cadeiras em casa. Ele parece olhar para qualquer coisa que há no chão, enquanto fala. Nada disso, ele olha a biqueira das botas. As gáspeas. E ri alto. Tem um riso muito aberto. E quando faz isso não só os olhos fecham como as próprias orelhas recuam para trás, oh família. Como um cachorrinho. Depois o soldado senta-se, porque a mãe e Carminha se sentaram. E fica mal só o homem estar de pé. Elas têm um cristo no meio dos apóstolos a benzer o cálix. Desde sempre o têm. Mas hoje Carminha parece estar enfeitiçada pela imagem como se nunca a tivesse visto. Aparvalhada. Venham ver. Pode-se ver tudo através do vidro sem uma cagadela de mosca, nem um pó do caminho. E Carminha, oh gente, está tão vermelha que se pode ferver água na sua cara. E agora já passa muito do meio-dia. Depois Carminha pareceu ter tudo preparado. Trouxe uma bandeja com bolos e uma garrafa de licor de tangerina. Então a mãe de uma criança que lhe veio reforçar a vigia. Ainda nada se sabe sobre o destino do animal? Trazendo pão, banha e açúcar, sentiu-se muito afoita. Lá dentro já há

banquete. Atravessou a rua e postou-se diante da porta. Como haveria de saber? Carminha Rosa apareceu. Vinha pedir altomias para um boquezinho. Foi preciso enxotar os besouros abelhudos. Aqui tem, logo depois haveremos de dizer quem é, porque vem de fora e qual o seu interesse. E entrou em casa com a mesma pressa da saída. Então as crianças desesperaram de tanta imobilidade, e saltando para o empedrado foram dizendo que já havia manjares. Via-se tudo, tudinho. As vizinhas puseram os lenços e sentaram-se atrás dos postigos. Há-de passar. O tempo adivinha mudanças, porque qualquer ruído se ouve com a nitidez da sem distância. Aí vem ela atrás daquela nuvem. Já pela tarde uma chuvinha muito inesperada começou a molhar as ruas. E um forte cheiro a terra se desprendeu do solo. O palhuço da rua cheirava a estrume. Hum, que flores. Sentiu-se o verão desbotado. São branduras. Mas molham. Cheira a pó, a erva. Porque é setembro. Em setembro nada acontece. É falso. Eu tive um filho em setembro. E eu, sendo enjeitado, sonhei com a minha verdadeira mãe. Vi-a como se fosse de carne, e nessa fantasia das noites toquei a sua cara com o dedo. E eu? Em setembro de mil novecentos e vinte cinco mandei alevantar a casa. E agora chega o forasteiro que vem por Carminha. A hora da camioneta aproximava-se. As vizinhas que olhavam a primeira chuva puderam ver. Carminha Rosa sair para a rua, abrir o guarda-chuva enferrujado, escovar com força as manchas, mais do desbotado que do pó. Passou depois a mão pelo cabelo anelado de branco e disse. É melhor descermos. Está na hora. O soldado saiu, fez adeus para dentro, retorceu os fitilhos da boina castanha. Muito. Muito mais simples do que na época da monarquia. Oh, mas muito menos elegante. Levava-a na mão esquerda. Podia-se ver. Ia sob o guarda-chuva, perto de Carminha Rosa. Assim, sob um único tecto de pano. Custa a crer. As vizinhas recolhiam-se um pouco para dentro como se quisessem ver a chuva cair um pouco mais de longe. Mas uma, ao ver Carminha Rosa, a mãe, com um mancebo, disse para a que morava defronte. Vizinha, aquela ficou com a mania dos pálios. E ainda por cima gosta de pegar na vara. A camioneta estava a chegar. E chegou com o verde-poeira pintado de pingos de água, uma lama fininha agarrada às rodas. Vai parar. Carminha Rosa estava vestida de domingo. Fez questão em que o soldado subisse os dois degraus da porta. Só depois lhe passou a maleta de xadrez. Da janela ele ainda lhe disse adeus com a boina. Depois a camioneta partiu. No adro a roda dos circunstantes. Manuel Gertrudes, emocionado da visão. A farda era diferente. Mas às perguntas a mãe de Carminha respondeu com serenidade, abanando o dedo da mão direita. Não senhor, eu cumpro um dever, porque é afilhado de guerra da minha filha. Guerra, que guerra? Oh gente ignorante, será preciso ter um filho ou um afilhado

no serviço para se poder falar dessas coisas sem dar explicações? Eu percebo. Respondeu Manuel Gertrudes. Carminha Rosa subiu ainda de guarda-chuva aberto. Todos acharam esse abrigo desnecessário e ridículo. Oh o cagaçal de certas criaturas. Agora deu-lhe o medo de molhar os cornos. Mas nessa noite foi preciso recolher os figos dos almanjares, porque nuvens descarregadas se puseram a chover. Ninguém tinha pensado. Confusos os sinais. Sim, se são.

Ah punhão. A gente quando viu pela primeira vez a camioneta parar aqui em frente do pitósporo, à sombra da igreja, disse. Agora podemos esquecer o rio que se foi embora, estamos recompensados. E isso, já a república ia no fim. Mas nessa altura muitos queriam o bem de todos. Aconteceu sem ser preciso ir pedir a Faro ou a Lisboa, de chapéu na mão e com mesuras. Dizem. Aconteceu depois da estrada. À merda esse rio. Foi-se, foi-se. Dizia o senhor prior com uma voz de mulher parida. Foram-se embora as águas. Meus irmãos. Porque os outros. Os an tí po das. Eram mais conformes as palavras do senhor. Agora meus irmãos, orai. Orai. E abria as mãos brancas com veias azuis de mulher rica. Contente. Como se o inferno fosse coisa tão presente e certa na nossa vida, que já a começássemos a sentir antes da morte. Necessariamente. Os an tí po das. Dizia ele mil vezes. Esse cabrão. Lembrando isso. Mas por altura do começo da estrada a gente nem comia. Um dia vinham aparar as bermas, no outro espalhavam a brita. E o alcatrão depois agarradinho aos pés da gente. Ah punhão. Era o novo século que estava a começar. Diziam. Muito atrasado nas nossas bandas. Uma era de coisas rápidas, toda feita de rodas e alavancas, roncos de pressa e velocidade. Mas muita pessoa enjoou. E muita gente quando voltava de Faro vinha amarela e tonta como se tivesse ido para fazer compras e trazer mezinhas, e acabasse por dar uma volta ao mundo inteiro. A princípio a camioneta era verde e cinzenta, e todos os que sabiam ler diziam chamar-se eva. Tinha os vidros limpos e as cortinas subiam e desciam, presas por uma ganchorra, à vontade do passageiro. Depois foi perdendo o viço. Rasgaram-se as estofaduras, sujou-se o chão e os vidros apareceram todos empoeirados. As cortinas passavam aqui pendidas, bailocando, numa barulheira surda durante a viagem, soltas dos caixilhos. Partido tudo o que era presilha. E assim. A gente olhava para aquelas coisas novas da nova era, e pensava que afinal, mesmo os instrumentos filhos dos séculos do futuro acabavam por murchar ainda mais depressa do que as nossas alfaias de ferro e pau. Então a gente, em vez de apanhar a camioneta que passava quase sempre à mesma hora, e nunca esperava por ninguém, começámos de novo a albardar os burros para ir a Faro. Cheguei a

levantar-me às quatro da manhã, vizinhos, para sair daqui antes do sol romper. Assim fazia toda a gente. E eu também o fiz. Preferia comprar as rações de aveia e fava a cinco escudos, a pagar um bilhete para um transporte que não só fazia entontecer, como impedia as conversas e as para-gens nos sítios de maior agrado. Mas o pior de tudo, oh vizinhos. E foi por isso que nunca mais viaji. É que mesmo depois, sem os panos que protegessem do sol, era proibido abrir a sombrinha dentro da camioneta. O calor batia de chapa contra os vidros, e as pessoas vestidinhas de domingo, sentiam-se esquentar como em estufa. Durante a viagem a fruta até fermentava no colo. A gente chegava a casa e era um cheiro a azedum. Agora vai e vem todos os dias. Mas não leva nem traz ninguém. Só gente que se vai, passando, duma banda para a outra banda e olha com olhos de quem pergunta. Quem mora enterrado debaixo das soleiras? Uma noite pensei comigo. É um bicho sem rancor. De outra maneira já não passava a camioneta. Mas hoje apeou-se um sinal de novidade. E só o que me dana, é que se tenha ido meter debaixo da saia malcheirosa da Carma Rosa. Babado diante dos olhos da Carma Parda.

Mantinha a mãe o cabelo de anéis cinza -jaspeada, nunca dispostos como durante a penteadura. Se os soltasse eles se alvoraçariam pelos ares, fartos e ondulados como os das mulheres que um dia tinham chegado ao largo pregando num tom desusado de palavras o que nos frascos traziam. E piscavam o olho direito demoradamente. Arredondando a boca vermelha de lacre. Um elixir. Juba. Juba del lion espanhol. Mira qué guapo. Bailando as trunfas. Soltos e anelados, loiros e virescentes, brilhantinados de cheiro e macieza. Como em tempos os meus. Compre osté. Balanceando as nucas como copas de árvores rescendentes de células vegetais. Carminha ainda lembra os ditos sevilhanos. Ah galhegas dum cabrão, onde acharam vocês esse mijo de verduras? Mas agora os de Carminha Rosa esmaecidos, de uma cor de realíssimo outono, são enrolados na covinha do ladrão com dois ganchos de tartaruga, de raleiras como dedos, uma travessa também dedada, que espetando até ao casco, vira no torcido uma fiapa de tufo secreto, e enfiada de revés engolindo o todo, suspende o enriço a desfiar-se. Um masarulho doce e leve de coisa composta. Um benico de burro, minha mãe. Porque não deixa cortar? Mal chegando ao largo já espetou na cabeça, como se fosse deitá-lo no chão. Bem podia mudar. Assim cortadinho, a travessa apenas mordendo a têmpora, rasinha. O seu rosto dez anos mais novo. Por baixo, minha mãe, a sua nuca é sempre de menina. Oh filha, como eu me distanciei de ti. Vou eu a fugir no tempo, à tua, à tua frente. E tu atrás de mim,

atrás de mim, a passar por onde eu já passi. Asa fina de venta, seio redondinho, mesmo sem colete, um ramo de olhos, uma mão de testa, uma perna airosa. E eu de mãos abertas à tua frente, a cavar, a cavar as semanas de enfiadinha para o tempo da madureza. Aí vou eu, minha filha, aí vou eu. Cale-se mãe, a quem prometeu esta condenação de pensamentos? Carminha Rosa sentou-se com as duas mãos abertas sobre os dois joelhos afastados, num sobressalto de medo e ousadia. Carminha fez a tesoura comer o ar em dentadinhas de aço. Agora. Primeiro pela altura dos ombros. Assim redondo, pode ver. O espelho do lavatório descido para o regaço. Carminha Rosa ouve as dentadas de afiação da tesoura. Uma, duas. Custa a ir. A tesoura patina como de medo. De indigestão de tanto fio jaspeado de cinza. Difícil de engolir. Carminha Rosa vê que o vento se levanta das pedras e dos troncos. O seu cabelo de mulher envelhecida caiu aos pés da cadeira e o seu crânio leve. Apetece voltear. Como se lhe tivessem cortado o retrato para caber num documento. Ninguém me vai conhecer. Carminha. Mas também poderei meter a cabeça num alguidar, e tu tratarás de tudo. Agora mãe, assim redondo e curto, vai ver que vai prosar. Carminha também mudou a cadeira de entrada, e em seu lugar colocou uma floreira com uma parreirinha de sala. E ao lado da parreirinha de sala colocou sobre a floreira uma figura de barro. Um conjunto de gato e cesta. Tendo o animal listas de leopardo e olhos de menino. Antes estivera na cozinha. E na cozinha tirou as chitas da tabela com que fez paninhos de limpar soalho. Em seu lugar pendurou outras, de chita investada, pintas de várias cores. Também esfregou as maçanetas das portas até elas ganharem uma cor surpreendentemente amarela, e da sua própria testa cuspirem gotas de suor. De perseverança. E apesar do outono cair sobre o chão em camadinhas de melancolia e folhas, a parede aqueceu da fricção de um trapo de floco atado em cruz sobre a palma dum vasculho. Até dos braços se desprender uma vermelhidão de sangue esforçado. Oh deus. Também o choco da galinha se fará mais longe dos ouvidos dos visitantes. Também a ramada da ovelha será mais cheia de folharasca para que bala menos. Também as pias dos bichos se porão muito para além da figueira do quintal. E é preciso pôr os cavacos com os cavacos, os farrapos com os farrapos, as latas velhas com os vidros partidos, os restos das molas com os restos das tampas. Destrinçar e unir esses despojos caseiros que atapetam o quintal e o transformam em coisa sórdida, imprópria para os olhos de quem vem de terras onde a limpeza terá um cheiro a permanente alfazema e rosmaninho.

Carminha ela própria também abriu a tesoura em frente do espelho, comprimiu as duas mandíbulas de metal entre os dedos, imobilizou-as, e vendo-

se dentro do seu próprio olho, atacou as pestanas a golpe de polpa de polegar até ficarem viradas no meio e dos lados, entrando a luz mais permanente a iluminar o branco todo. Chegou um forasteiro. Vem como sonhei com um lenço sobre a maçã -de -adão, tem o queixo barbado de azul e sabe a espuma cheirosa. A perna alta e magra, a anca direita de um feixe de músculos revestidos de verde e o cinto abotoando sobre o alto dos ossos, ignorados os seus nomes em todas as cartilhas do corpo humano. Invioláveis. Nem um cabelo se lhe vê no peito, mas é moreno e luz como um sabonete de mel. A gente chega-se ao soldado e o perfume é tão interior que nem se cheira. Rescende, minha mãe. E não se sabe às vezes se é ele que assim rescende. Se a vontade da minha boca em aspirá-lo que o inventa. E as abas do meu nariz que o criam. Mas demonstra-se que tal não é verdade. Facilmente. Porque mal desce o empedrado, o cheiro já não é cheiro, é vontade de aspirar, e o ar está vazio. É querer ver o peito luzidio como se tivesse brilhantina e não poder sequer imaginá-lo. Uma aspereza brava que vem aos sábados de camioneta. Pelos cantos da casa, Carminha Rosa encontra Carminha parada, de olhos fechados, aspirando o ar. Pensam assim por outras palavras.

•

Lourenço disse. Dizem que a camioneta tem agora um passageiro. E Macário disse. De mais sabes tu. Mas vem de visita e vai partir. E Matilde disse. Partir partem todos, não é lá por ser forasteiro e vir de camioneta. Não tivesses tu essa minguação nos miolos e há muito já cá não cantarias. E Jesuí na Palha disse. Porra que são de força. Parece que andam com a deles emprenhada. E Matilde disse. Você se calhar não tem visto a rua delas. E Jesuína Palha disse. Pode-se comer no chão. Não há nos arredores da casa uma pouquinha de merda. E José Jorge Júnior disse. Agora já somos menos amigos uns dos outros. E Macário disse. Agora canto as modas só para mim. E Matilde disse. Sim, desde que veio o forasteiro. E Macário disse. Isso é pura mentira. Desde que dizem ter esse réptil voado. E ficaram à espera da decifração do sinal. E Matilde disse. Ou isso. E Manuel Gertrudes disse. A princípio andávamos fora da gente. Agora andamos a chocar tristezas. E Macário disse cantando. Há sempre um ovo chocando. Uma tristeza na gente. E Matilde disse. Desde que esse bicho veio incomodar a nossa vida, afinal. E Manuel Gertrudes. Disseste a palavra exacta. E Macário disse cantando. Como se gente pensando. Puseste um ovo quente. E Matilde disse. Vês? Já todos te escutam. E Macário disse. Ali amigos, o que me dói, é que junto de mim o forasteiro não abre a boca, mas junto delas é só lambança cagada. Ali gente, que só pensando. Põem os ovos no quente. E Matilde disse. Oh doido

varrido, que mal a ti te fizeram?

Carminha continuou a mudar o sítio de vinte objectos, a limpar outros vinte que antes não haviam visto limpeza. Por desnecessário e falta de propósito. Agora sim. Que mais se poderia fazer duma casa velha. Que mais poderia desejar uma filha de padre. Posta no mundo por traição aos mandamentos? Ao cálix, ao evangelho e a todas as coisas divinas? Uma igreja fechada. Sua mãe banida dentro dos muros da vizinhança. Olhada de revés e mau jeito. Macário despropositado, o banjo atrás dela cantando quíries. Oh Carminha, oh Carminha. Então era esperar. Ouvia-se a buzina avisadora. Era agora. Nove horas da manhã. Uns pastinhos orvalhados de cacimba. Uma vara de azeitona engradecendo seu bago verde e violeta. Uma aragem de verão velho que ainda acena. Mas o sol brilhante de amarelo, levantando-se mais a sul e mais rápido, como se quisesse fugir das ruas, dos carros e das baixuras. As zínias agora abertas, canteiro de invejas cor-de-rosa e tijolo, cuidadas, catadas de todo o bicho, regadas às chapadinhas de água, chapadinhas mansas para que cresçam, floresçam e se expandam de pétalas. Tudo com um sentido, uma espera. Ei-la que se consuma, que a espera se fez gente, e ele vem, vê-se o sorriso. Oh Carminha, se caísses para o lado de fulminação, seria pequena amostra desse enlevo. Traz um saco de asas, duas asas presas da mão, agora um blusão de coiro verde, cingido sobre a cinta e o cinturão. Oh Carminha. Minha mãe. Vem para dentro. Gosto de o ver, minha mãe, deixe ver. E ele entra pela porta sem pedir licença. Já. Carminha apequena-se de altura, o cachaço esguio, limpo de cabelos, agora enrolados num fofo tufado, preso de pinça, atrás, um rabinho de madeixa lisa que mexe com o andar, saindo do meio da trunfazinha negra. Oh Carminha, amor. Abre o saco. Veja, minha mãe. Traz de comer, traz de tudo. Carminha Rosa. Mas para quê tanto gasto, tanta despesa. E arruma. Bolacha tarata, de araruta, de chocolate, latinhas de pêssego, de geleia. Uma tablete grande. Outra mais, e ainda outra. Massinhas. Foi tudo à pressa. A camioneta estava na hora. Mas eu nunca vi ninguém assim, com a tua pele e os teus olhos. Ai a tua meninice. Perfume de figo, de amêndoa e orégão. Oh coisa boa. Beijo-te assim. Num sítio do rosto. Vem. Não é na testa, nem nos olhos, nem no queixo, nem no nariz, nem nas maçãs, adivinha onde é. Aprende-se isso nos filmes de caubóis. Chegava Carminha Rosa, o soldado descomprimia as mãos e falava de outras coisas. Onde vais, Carminha? Buscar miolinhos de amêndoa fofona. Já volto. A meio do corredor Carminha comprimia as mãos, fechava os olhos. Qualquer coisa fala em mim que não sou eu. E Carminha Rosa sozinha diante do soldado desatava a

língua. Vossemecê veio de muito longe, sabe atirar e outras coisas mais. Mas a gente vive aqui desde o nascimento, e tem de viver com medo do que vão dizer da gente. Não posso casá-la nua como um passarinho. E olhando com olhos de santa martirizada dizia ainda, respirando fundo. O que vão dizer de mim? Esta gente que aqui veio falar-me duma cobra que não mataram, como se eu fosse culpada de a não terem matado. Só visto, meu senhor, só visto. Carminha nesse dia tremia como raminho verde. A mim encheu-se-me o bofe de veneno, mas não disse nem uma palavra. E então o que irão dizer? Oiça bem. Se for lá dentro ao armário da cozinha, e contar a segunda prateleira da direita, logo à entrada, está uma caixinha de lata com uma caravela no tampo. Dentro, a gente guarda o açúcar pilé e a canela. Mas se vossemecê levantar tudo, por baixo verá que há fundo falso. Faça força com a unha, ou a ponta dum canivete, assim no bordo, bata-lhe no cu da caixa, e soltam-se as notas. Estão lá. Tudo o que lá está há-de ser gasto nesta boda. Coisa recatada que Carminha não tem família. A gente evita falar disso. Mas é a primeira confissão. Sempre tinha pensado. Um dia alguém vem atraído pela beleza e sensatez de Carminha. Mas eu chamo logo a pessoa e digo. Carminha é filha de pai incógnito, e de homem a quem chamam nomes, mas só eu sei que é santo. O padre Pardo dizia, quando me viu, que me adorava como à santinha Goreti. Mas depois, em vez de eu rezar de joelhos no confessionário, pas-sou ele a rezar a meus pés na sacristia. Deixou de comer e dormir, começou a enganar-se no latim da missa. No dia em que eu disse para comigo. Agora vou ter um filho. Ele chorou muito mais do que já vi mulher chorar. Por isso Carminha tem pai. Mas a nossa pobreza é a dívida dos ultrajes feitos a deus. E agora o meu medo é outro. É que uma coisa visível ou invisível ainda possa vir a destruir este santo matrimónio. Da minha filha com a sua pessoa. Quando a gente os vê, acobardados às portas, contando as asas de cada empedoira de balsas que vou vender. Que são o nosso sustento e o nosso vestir. Adivinho as figas que farão debaixo dos aventais. Por Carminha não ter nascido sarnenta, nem se ter tornado sarnosa. Nem nunca ter passado fome. E agora vossemecê chegou quando todos têm andado à procura duma cobrinha que se lhes escapuliu das mãos, estando já para morrer. Em vez dela, toma que chega um homem para meu genro. Quando saio à rua, bato na calçada com o pé para mostrar que não há medo, mas no fundo da verdade, é apenas para o fazer fugir de mim. Se tivesse visto Jesuína Palha direito à gente. Ah punhão. Disseram que tinham pressentido o animal, e outras coisas mais. À espera da víbora ainda há quem ande, rua abaixo rua acima, olhos entre as patas, esperando encontrar um rojeiro feito pelo corpo do ser. E todos ficaram diferentes. E falam de antes e

depois. Vossemecê veio depois disso. Quando se referem ao afilhado de Carminha assim o dizem. Mas Jesuína Palha anda agora a badalar e a dizer. Gente, não adianta levantarem-se mais cedo. Não desarranjem o vosso arranjinho diário por causa da serpente, que este é o tempo de elas dormirem metidas nos buracos da terra. Há outras coisas acontecendo à nossa volta. Logo havemos de estar atentos a esse caso quando o sol de maio vier. No tempo das ceifas já elas andam cá fora. Diz essa magana, a Jesuína Palha, e olha aqui para a nossa porta com jeitos de acontecimento. Como se pode admirar vossemecê que façam essa fila de bocas quando o vêem chegar?

•

Mas Branca. Desde que a mula desapareceu das mãos do Pássaro, e Pássaro perdeu alguma coisa do que considerava não perdível. Ou desde a noite do dia em que a cobra se fez uma espiral de escama e asa para subir ao céu por sobre os chapéus das pessoas. Ou desde que os luz-em-cus empinhocados em cachos voadores lhe começaram a iluminar o quarto de uma fosforescência azul. Ou desde a noite em que teve a certeza de que qualquer peixe de uma só escama pode fecundar com esguichos o ventre da mulher. Branca deixou de dormir com os olhos fechados. Levanta o dedo em direcção ao olho. Mesmo quando um toiro bravo de cauda e pata de fogo sobrevém no seu rosto, e ela vai cair num poço tão profundo, tão profundo que não tem fundo. Até estremecerem os quatro pés da cama com o solavanco do medo. E o olho permanece aberto. Por isso Branca emagreceu em dois meses, e quando todas as manhãs acorda, antes de ouvir o tinido do esmalte, como um peixe de escama de nudez e pêlo eriçado pelo cruzamento de outra espécie marinha. Mas peluda. Se vem sacudir sobre o seu corpo, a mulher pensa que o ventre que deus lhe deu já serve de latrina. E lembra quando doze anos. Uma manhã abriu a calça e se sentiu molhada de castanho aguado, como se dentro do seu corpo houvesse havido desde sempre uma barrinha de chocolate. Só então derretida. Fora-lhe por essa altura falado à orelha e atrás de um valado no mistério da cópula e do parir. E ela dissera. Oh não. Até que tudo começou a ser tão regular, tão concreto e vermelho-vivo, que se rendera à evidência de uma preparação inexorável para um ciclo. Como se dentro de si houvesse uma romã comprimida pelas fases da lua. E um dia Pássaro se mandou para cima dela sem uma palavra e lhe disse depois. Agora estou servido. Mas entre tudo isso que não tinha outra explicação nem outro fim senão os próprios factos em si, outros acontecimentos. Como se no fundo acontecessem para justificar os outros. Sem justificar. Cada acontecimento era uma data marcada

que não desembocava em nada, apenas entretinha as outras marcas, como o pão. O pão que se come em vez, antes e depois do que há e do que não há que o condute. Assim Branca, com dezassete anos vira a Pássaro. De rosto tão quadrangular e olho tão assestado sobre a sua carnação mal coberta por um vestido de popelina, que fora forçada a dizer. Vai ser aquele. Nunca se sabe. Disseram-lhe. Vai ser aquele, porque tem cara de me querer bater toda a vida. Já então se supunha com um alcance que ia mais além do presente até agarrar o futuro, com uma vidência feita de sobressaltos e chamada por palavras. E assim parira três meninos a golpe de rim e de perna. E Pássaro apenas quando chegava e quando partia. Para ir aviado. Mas agora a mula desaparecida e Pássaro rouquejando pelas noites mais embrulhado nas mantas. Ouves alguma coisa? Não ouço nada que se relacione com a tua besta. Aplica bem as orelhas. Estão aplicadas. Além disso não ouço com as orelhas. É outro órgão. E as madrugadas eram brumosas, enfiavam-se na espinha. Mas Pássaro sentava-se sobre a cintura de Branca, feita selim de coiro, bordado a lã e a espelhinhos. Arreios invisíveis sim, mas Branca via os atafais virem no ar, passarem-lhe por baixo das ancas, e a sobrecarga a apartar-lhe a barriga. E os antolhos. Ali mula Menina. Ouvisse-te eu regougando atrás da porta à mão de Pássaro, e eu não te denunciaria. Então o cantoneiro surgia luminoso. Boa tarde, senhora dona. Era outro copinho de água. É um regalo a gente molhar a garganta. Quando eu andava nos camiões, passava horas com sede só à espera do sabor da água. Porque não bebes? Dizia o ajudante. Um moço porreirinho. E eu. Não homem, para que a água saiba bem, a gente espera a sede picar forte a garganta. Depois um homem fecha os olhos e ela corre. Fresquinha. Assim. Ficando a imagem do cantoneiro ali presente, sustentando o telhado com a luminosidade do olhar. Depois se ia.

Mas uma manhã o vento trouxe nuvens rápidas. Vieram vindo e atravessaram Vilamaninhos pelos ares. Os vizinhos falavam e pensavam no que faria o soldado tanta hora embiocado à volta da saia de Carminha. Olhando céu. E Pássaro chegou com um caixote de papelão de tampas entrecruzadas como se contivessem segredo, pousou-o no chão, e a golpe de mão. Rápido. Que se desviasse de cima da mesa tudo o que fosse naperão e jarra. Os três meninos tinham os queixos quase no chão de tanto espanto. Pássaro tirou uma telefonia, premiu um botão. É aqui, mas ninguém pode mexer. Andou com ele para trás e para diante, e inesperadamente as paredes ficaram batidas de vozes e música. Os meninos espavoridos de medo. Quem acode? Só regressaram quando Pássaro pela janela os ameaçou no caso de não voltarem. Já. Mas Branca Volante sentiu-se incapaz de participar da festa que lhe acontecia em casa. E nos três dias que se

seguiram Branca acordou com Pássaro já despenteado, vagueando pela casa em cueca, sobre a sola do calcanhar. Ao quarto dia Pássaro entrou na penumbra do quarto e disse. Vai ficar no corredor, em frente do pai do céu, e por baixo da espingarda. Ficas encarregada de fazer a coberta. Mas Branca estava perplexa com o tecido e a tesoura entre as mãos. E ele disse. Ainda está almorcegada de sono. Faz do feitio duma colcha, mas aberto ao meio para se poder mexer nos botões.

Mas ainda o soldado pendurava o blusão de coiro verde com botõezinhos de quinas e castelos. No bengaleiro ao lado da parreirinha da sala. Ia lavar as mãos no quintal despojado de inutilidades. Nem uma galinha passeava as patas pelo chão. Limpava as mãos num turco azul ainda com as dobras da loja. E entrava para comer. Carminha Rosa via-o. Falando, rindo. Piscando um olho. As crianças batiam à porta para espreitar. Podem entrar, meter uma sopinha de pão no caldo e ir embora. Depois era o passeio pelo ramal macadamizado. Ele punha as mãos nos bolsos e um assobio no ó dos lábios. Ela cruzava os braços sobre os seios redondos, uma palha na boca contendo as palavras. As que na ausência se arrependia de não dizer. O sol dava-lhe de costas e as sombras que ambos levavam adiante de si, agarradas às pontas dos pés, pareciam ter vida própria. Às vezes nas curvas estendiam-se por sobre uma pedra, uma moita, e então grotescas e deformadas. Mas não se encontravam nunca. Era preciso que o soldado agarrasse na mão de Carminha para que as sombras o fizessem também. Mandamos na sombra. Só na sombra? Mandamos em tudo. Dizia o soldado. Então ele levantava muito a perna e batia com o pé sobre a sombra da saia. Toma, toma. E ela fingia chorar até ele a consolar de pura representação. A mãe atrás, cabelo cortado de anéis polvilhados de cinza, e a cordeira lambiscando a margem das pedras e dos tomilhos. Como se viessem por acaso, ou em busca de companhia. Sentavam-se à sombra de uma oliveira e ele apanhava três azeitonas já roxas, úberes de leite. Que lindas. Ela procurava uma pedra ferrenha bem dura e esquinada, metia-a na concha da mão, pedia as azeitonas e ameaçava britá-las. Ele achava que ela perdia a tarde com inutilidades, tirava-lhe à força a pedra da conchinha. Retida, falsamente retida. Juntava-a às azeitonas maduras e dizia. Vou atirar. De longe a cordeira parava a mastigação e balia. Vou atirar. A pedra ia muito longe, mas as azeitonas mais leves perdiam-se numa breve curva. Acontecia que as mãos se encontravam às vezes. Mas a mãe atrás, não muito atrás, puxava pela trela da cordeira de testa malhada, andando felpuda. Um nó de lã sobre as pernas, quatro vides. Cedo te despojarás oh cordeira em lençóis e

toalhas. Agora o soldado sorria. A cordeira acompanhava Carminha Rosa, Carminha Rosa guardava Carminha. E falavam.

No regresso. As sombras esmaecidas, presas dos tacões dos sapatos. E eles muito perto, olhando a mãe com os olhos muito abertos, como se não a vissem, e a ouvissem de muito longe. Rostos de frente para o sol, agora rápido. Agora vermelho, moeda de ouro e labaredas. As folhas em redor de arestas incendiadas de brilho fulvo. Até às primeiras casas de Vilamaninhos. Vistos de longe, os escombros ainda pareciam muros e percebia-se pequenas estrelas azuis e lilases entre as pestanas, e sobre as cores. Sem distâncias. Tudo perto e longe, longe e perto, só acenar com as pálpebras. Carminha. Mulher feita. Quando te cingirei a um muro, e entre mim e ele só haverás tu. O meu coração galopará. E aqui os braços, os braços, os braços te apertarão até chamares por mim. Oh Carminha. A mãe puxava a trela e estava a chegar. Então ele ainda dizia. A tua perna. Cor de cera. Está arrepiada do frio. Eu poria meias. Sim, terei de pôr. E sacudia as sandálias na estrada. Antes de entrar ainda dizia. Faz frio. E estremecia o queixo, ouviam-se os dentes. Tanto frio, amor. Mas o soldado nunca. E passava as mãos por cima do pescoço nu, como se pensasse. Depois a despedida era rápida. A camioneta passava pela queda do lusco-fusco. A mãe lamentava em voz alta a rapidez das tardes. Carminha não queria vê-lo desaparecer. Desde o primeiro encontro que sabia possuir. Ali entre as costelas e a própria espinha. Um órgão que estando aí lhe subia a apertar a garganta e a arder os olhos. Uma tenaz aquecida na labareda. Preferia assim tarefas inúteis. Antecipar as não urgentes, como começar a acender um candeeiro de petróleo. Carminha Rosa às vezes acompanhava-o dizendo coisas maternais, mesmo quando ele já ia longe. E a vizinhança estava sentada às portas espiando o céu.

Branca disse. Oh abençoado deus, que vão fazer uma linda boda. E Esperança Teresa disse. Ainda eu hei-de ir devagarinho devagarinho até à embeiradinha da paragem por modo a farda, a ver se tem bivaque como os meus tinham. E José Jorge disse. Já o vi, mas pareceu-me diferente. A farda dos nossos era cinzenta, cor de guerra e a destes é um verde cor de caca. E um filho de Branca disse. Já lhe chego acima do cinto. E Branca disse. Quietos, matam-me de tramposidades. E Esperança Teresa disse. Bendito seja quem se lembra de trazer aos domingos este pãozinho de espécie. E José Jorge disse. Agora chega uma cobrinha a esta terra, e não só a deixam viva. Oh jasus. Como ainda a vêem voar. Sem lhe atirarem uma pedrinha atrás. Antes caem de cu e de lado.

Macário disse. Vens de longe que eu bem o sei. E Matilde disse. Lindo é o noivo. E Manuel Gertrudes disse. Ah punhão, que a noiva bem merece. E Jesuína Palha disse. Agora cortou o cabelo, a mãe, para fazer frente à filha. E Manuel Gertrudes disse. Oh mulher negregada que ela só conheceu o padre. E Jesuína Palha disse. Vossemecê nunca lá foi pôr o dedo. Nem antes nem depois. Ou pôs? E Manuel Gertrudes disse. Sinto asco. Não fora eu ver com os meus olhos a cobra, e não acreditava no que aqui se passou, tal é a língua de vocês. E Macário disse cantando. À cata da felosinha, à cata da felosinha. E Matilde disse. É a mulher mais linda e limpa que já vi, e merece o soldado que ali está à espera da camioneta. E Macário disse cantando. À cata da felosinha. Não vale a pena, menino. Chamares à coisa madrinha. E Manuel Gertrudes disse. Oh amigo, que começas com flato antes de tempo. Pega no banjo e vem. Depois daquele dia em que te fui encontrar caído de borco no chão, a tua minguação vem sempre com esta força. E chega cada vez mais cedo.

•

Depois fez vento, e no primeiro dia em que o frio bateu à porta de trás como um dente, Pássaro Volante deixou cair o beiço até ao colarinho e disse. A tua virtude, Branca, de ouvir para além dos outros é falsa fantasia. Será, Pássaro, mas às vezes eu sei quem vai chegando às portas da vizinhança mesmo sem os cães ladrarem. E se ladram eu ouço o regougar da garganta ainda antes de se ouvir o ladrido. Outras vezes os meninos andam fora do quintal, e mesmo de longe os ouço. Ouço os estalejos dos berlindes. Então Pássaro de mão no chapéu. Ou tu, Branca. Ou tu és louca ou estás tísica e forçoso é que te separes dos teus filhos e de mim próprio. No segundo dia em que o frio caiu vertical sobre as telhas, Pássaro montou um macho manteúdo de orelha curta e ilharga redonda como mula, o Podengo. Deixou o aparelho largando sons pelo corredor e saiu pela porta do quintal. Quando voltou, uma mulher com voz de anjo, explicadinha como padre, ainda falava através do tecido, acompanhada de estrondos que pareciam rebentar as arestas da caixa. Como se lesse um discurso. Chamou os filhos agora de casaquinhos de cotim abotoados na frente, a mulher envolta num xaile de roseta verde, e disse. Isto descarrega o motor. E para parar é assim. Mas todos sabiam não ser possível mexer nesse objecto. Então Pássaro, uma pressa nas mãos largas. Abriu um embrulho. Branca pensou tratar-se de um arreio de besta. Mas era um tecido de lã castanha, borboto ainda mais castanho, sobre um risquinho enviesado cor de pêlo de rafeiro. Tinha-o trazido desde Faro entre as

coxas, e eram três metros de pano. Tudo para um casaco que lhe matasse o frio? Oh Branca. Lembra-te um gesto sonhado há anos, criança de escola vendo as pétalas das amendoeiras caírem no chão. Tu de boca aberta todo o caminho à espera que uma aí te entrasse. E finalmente, alguma coisa levezinha, branca e fina entaramelada entre os dentes. Tu a colocá-la na ponta da língua e a cuspi-la. Mande fazer você mesmo, Pássaro. Se não ficar pronto este ano ficará para o próximo ou o outro próximo. Dentro de dez anos espero não emagrecer. E a tua voz presa na garganta, entalada por um desenfreado ressentimento. Como se te mandassem baixar a cabeça. Para te porem uma coleira de coiro e pregos de aço. Um tecido, três metros de tecido de borboto e em viés. E sorriu. Então Pássaro Volante julgou reconhecer aquele riso, e saindo para a porta chamou-a muito alto de mula. Mula pelada e atrevida, bicho cruzado de cavalo e lombriga. Os filhos estacados de frio. Na cozinha. Cabeças baixadas. Oh senhor, tenho de tudo em casa. A sua casa, a casa de seu pai, era infelizmente uma cavalariça de bestas. Mesmo as divisões feitas para albergar pessoas. Só visto, senhor, só visto.

Este é o terceiro dia de frio. Agora é que ele vem meter-se na lura do nosso corpo. Branca conhecia de cor o formato do borboto, redondo e aveludado que se sentia nos papinhos dos dedos. E apetecia abrir toda a mão aberta; amarrotar de lado, uma ruga, e passar pela cara. Friccionar levemente a face direita. Uma gola. E sair da camioneta a ver correr as árvores da estrada. A correr, a correr para trás, as copas à roda, à roda, engolidas na curva. E o tecido feito bainha a cair de lado sobre a perna, a trança feita, presa de ganchos. A cara lavada de fresco, brilhando no redondo das faces. Talvez o cantoneiro erguido à beira da estrada, as mãos postadas sobre o cabo do alferce, o chapéu de metal. E o sorriso. Mas agora Pássaro respirando lento mas curto, como se espreitasse uma peça de caça para lhe atirar. A manta encostada à orelha. A outra colada no calor do travesseiro. Então Branca disse. Ouço uma pedra rolar do palheiro do mano António. No outro lado do povoado. Ouço. As sementes pequenininhas de uma venta-de-grilo caírem no chão com um tinido. E longe ouço o trovão de um relâmpago que não chegamos a ver de tão longe que é. Volante sacudiu a roupa num impulso como se fosse verão e a aragem das frinchas não lhe eriçasse o cabelo. Ouvia-se Pássaro de ceroulas sacudidas pela pélvis trabucar nos móveis. E a sua mão acerada desferir o trinco e a manhã entrar. Outra. Entrar pela casa com frio e uma clara palidez de sol que vai nascer cor de fezes. Pássaro não precisa falar. Branca sabe que aquele ouvido acordado pela madrugada inventara uma espiral de cera e fúria. Então o tecido vem dentro de um papel pardo aberto por uma guita que o não fecha. Nas mãos de Pássaro como se viesse morto. E o

bacio esvaziado de qualquer conteúdo está à mão e tilinta de esmalte pelos ladrilhos, mal se lhe toque com o pé. Como se gritasse. O tecido dentro, só por cima no meio do quarto de dormir, aos pés da cama. Entre a cama e a cómoda dos retratinhos velhos e de coisas secretas emergidas da poeira raspada dia a dia. Ali na penumbra. Um fósforo aceso na mão de Pássaro. Primeiro um som de coisa rasgada em lixa, e disferida. Depois o papel ardendo a medo sobre o vaso branco, as pontas do papel caídas nos ladrilhos. E o cheiro a coisa torrada, queimada, apenas lambida de chama. Depois a labareda larga, crepitando fogo amarelo e azul, uma fumaceira de cheiro. A cabelo queimado, óleo de oliva, dedo de gente, dentadura de máquina. No meio do quarto. E os estilhaços do esmalte como cuspindo de amor. Branca, quieta, de olhos abertos como se dormisse. Pela décima milionésima vez, Branca. Autora de nada. Criminosa de sentimentos.

Francisco Volante disse. Acudam, meu pai quis incendiar a casa. E Matilde saltando por cima do balcão disse. Onde pegou ele o fogo. E Manuel Volante disse. Num bacio no quarto da minha mãe. E Eusébio Volante disse. Está um lastro de coisas queimadas. E o primeiro disse. Bate na cara da minha mãe como se amassasse pão. E o segundo disse. Já o sangue se lhe saltou pelas ventas. E o terceiro disse. Começámos logo a chorar. Então Matilde disse. Que vão vocês ou eu fazer lá em casa? Só vai largar tua mãe quando lhe abrir a pálpebra com o dedo e vir que se derrete em lágrimas. E disse. Porque julgam vocês meus filhos que essa besta lhe fugiu? Ah escravazinha.

Agora já a poeira não fica do lado de fora dos vidros, agarrada ao liso, maculando a transparência. Por aí escorre a chuva da tarde, outonal, miudinha, em tiras de água. De viés quando há vento. Carminha encosta a testa abaixo dos olhos abertos da janela de vidro, feitos pela quadrícula das tábuas despintadas de branco. Um resto de zínias num vaso, desfolhadas, de tronco apodrecido e vergado, e ao lado, fetos verdes, pequeno báculo verde desenrugando em folhas. Na ponta da haste. A fita do mar ao fundo, como uma divisa de fumo atravessada entre a terra e as nuvens, que se levantam de trás, e se vão extinguir no sul dos ventos. Passando por cima de Vilamaninhos, escorripichosas e frias. Carminha levanta a mão com um pano branco velho molhado numa água de sabão e vinagre. Agora as semanas têm sete dias. Uma sequência certa, um mostrador de sol às voltas, às voltas sobre o dormir e o acordar. E o acordar, aquele sobressalto

de se possuir uma coisa tão nova que dormir foi uma ofensa ao objecto. O dormir, uma necessidade escura que se levanta no saboroso dia de espera. Com o vento a assobiar pelas telhas. Sob as mantas o estremecimento dos medos famintos. E as paredes frágeis, abauladas como se quisessem desabar ao menor trovão. Feitas as casas para os dias de sol, apenas para os dias de sol. Onde encontrar um sítio macio em novembro que não seja de pé, junto à janela, cabeça encostada ao batente. Nariz do vidro. Aí se pode fechar os olhos. Estrangular as mãos dum furor pacífico. Gargantilha de pregos em redor da garganta. Sobre a traqueia. Carminha representa a espera que há-de vir. Ali em frente da janela a ouvir a água, a ver as pedras das casas dos seus defundos vizinhos rolarem com a chuva para o caminho, e abrirem-se de água, esverdearem-se de limos, depois de ocre amarelo, gema de ovo fétida, pela desesperança. Um tempo velho. E a sua própria casa, a casa da sua mãe e da sua velha avó, que conheceu ainda entre as paredes e um cajadinho de vários nós. Igual àquela ali defronte. Todas as outras paredes. Da grossura de braçadas de gente, portas implantadas em umbrais de castelo, mas cheias de nada. De terra, peso, pedra miúda, argamassa de areia velha e cal viva, amortecida de anos, minada de bicheza rastejante, voante, pequenos quadrúpedes roedores, ratos, bichos que nunca aparecem, mas existem e têm dentes afiados, porque na noite há aqueles tri tris que não se suspendem nem batendo forte com o sapato. É a costureirinha, anda a penar. Agora ouves. É a tesoura sobre a máquina. É o seu pedal. São bichos. Minha mãe. Como estes, os que comem a madeira, os carpinteiros que não se vêem, não têm barriga nem patas, apenas abocanham e rilham, rilham. E têm orifício de cu. A prova disso é esta poeira, aos montões de manhã; quando se bate a cama. Assim os outros, os que devoram as paredes, comem a cal que em tempos foi viva, e a terra. A chuva depois do telhado ido pelo vento. A chuva entra e abre as fendas, separa as pedras, a caminho do chão. Abaladas a gente, mãe, a nossa casa cairá assim. Não te mortifiques antes de tempo. Uma mortificação de cada vez. Agora porque ele vai ir. Depois porque tarda a vir. E o teu desejo é casar. Depois a boda e o dinheiro para ela. Só depois te mortificarás por pensar que estás longe desta casa. Na ordem das coisas essa será a quinta mortificação. Não mistures os sofrimentos. Dizia o prior, teu pai. Mortificando-se por me ter e por não me ter. E agora a mim me mortifica a ceia. Duas bogas de sal, quatro batatinhas. Guarda a limpeza que é quase noite. Carminha. Vires pôr-te aqui, olhando as nuvens vermelhas, quando afinal. Chegou quem é exactamente a tua medida. Alto, desempenado, bem feito e risão de boca.

•

Jesuína Palha disse. Vizinhos, temos de esperar pela magana até à primavera, porque começam a cair os verdadeiros frios. E Matilde disse. Melhor seria começarem a beber um pouco mais. Como antes. Já que de nada vale andar com os cinco sentidos alerta. E Manuel Gertrudes disse. Afinal ainda me lembro da guerra. E Macário disse. Enquanto descansava prepari-lhe a resposta. Esse homem que aí vem tem o condão de avivar a memória. E Jesuína disse. Havemos de ir oferecer um raminho de salsa a Carminha. E João Martins disse. Tu? Leva-lhe antes um trevo de estricnina. E Matilde disse. Depois do bicho levámos quinze dias sem dizer um nome feio. E Manuel Gertrudes disse. Mas agora já andamos com a espinha curvada como se nada a gente tivesse visto. E Branca disse. Para afugentar a melancolia gastou Pássaro um punhado de notas com uma caixa de som. E Macário disse. Gastou porque quis. Porque não se lembrou deste vizinho válido. E Jesuína Palha disse. Este tempo traz-me pressentimentos ruins. E Manuel Gertrudes disse. A mim lembra-me os frios que passi em Flandres, de borco sobre a terra, espingardinha às costas. E Jesuína disse. É o cair da folha e o cair da pena. E João Martins disse. Que pena? E Jesuína disse. A das aves de capoeira. E Manuel Gertrudes disse. A mim lembra-me o comboio a atravessar os gelos. É tudo branco como a cal. E Jesuína Palha disse. É mentira isso. E Manuel Gertrudes disse. Não desminta um velho como eu. É tudo branquinho, tudo. Tudo branquinho quando neva. E neva lá como aqui chove. E Branca disse. Um quilo de arroz, do limpo. E Jesuína Palha disse. Levaste rija, filha da tua mãe. E Branca disse. É como vê. E Matilde disse. Vieram os três nuzinhos aqui acusar o pai, ainda o sol não tinha nascido. E Manuel Gertrudes disse. Pássaro nasceu de pés. Quando a velha Groa levantou a saia de Margarida Volante, em vez de encontrar uma cabecinha peluda, encontrou a nádega de Pássaro. E disse. Ouviam-se os gritos da Margarida três léguas em redor. Pásssaro nasceu assim. E Matilde disse. Com essa conversa parece tudo ficar explicado. Apetece rir e dizer ámen. Mas ninguém deveria ter de engolir a sua própria vida, só porque um outro nasceu de pés.

Enquanto de janela a janela se dizia. Ele é um sinal de crença, porque elas acreditaram nele antes de chegar. Não, de surpresa, porque ninguém o esperava na verdade. Antes de inconformação. Porque traz o lugar da arma. De mudez, porque nos obrigou a calarmo-nos sobre o sinal do bicho. Por estas e outras palavras. O soldado, mesmo sob o olhar da cordeira, estendia abertamente a mão

a Carminha. Filha incógnita do padre Pardo. Apertando a dela até ouvir estalar, um ai dorido. Então ela libertou-se, juntou as suas no regaço, sentindo que um novo nascimento de pedras ia surgir no leito do rio. Eram grandes as pedras. Redondas como calhaus. Acusavam, diante dos olhos sem sabedoria de Carminha, uma eternidade de água limando as arestas. Pedras tendidas como pães. Na calva das mãos. Algumas ainda tinham no sopé uma lista de barro enegrecido de líquen, um sujo de humidade verde e negra. Às vezes os sapos vinham abrir as bocas contra o sol, pele espalmada sobre os penedos mais rasteiros. Carminha tinha visto ali, onde se sentava agora com as mãos na saia, pelo interior das pernas. Havia dos grandes, enrugados como por lepra, aos saltos, solavancos e sussurro de pregas. Mas o soldado começava a dizer palavras sobre regresso. Casas que se erguiam à beira de outras estradas, por onde tudo corria veloz, limpo e motorizado. Filhos, serões e objectos. E não parava de falar como se uma corda misteriosa lhe vibrasse a garganta. E os gestos. Se a cordeira ali não estivesse a guardar. Carminha pensou de novo nos sapos que vira saltarem naquele rio de pedras. De pernas escarranchadas, lembrando laradas caídas das bestas em andamento. Mas as palavras do soldado, ditas aos borbotões, enchiam-lhe um saco de aço e vidro que lhe preenchia o peito. E porque parecia estar prestes a estilhaçar-se de encontro a alguma outra parte do seu corpo, deixou-se vencer. Por um grande estoiro interior. Antes disso, antes, urgentemente. Antes de se lhe desfazer a carne por duas léguas de redor, antes disso, era preciso soltar as lágrimas e os gritos. Escapados. Com as mãos sob o queixo, enclavinhadas e tensas. A própria ovelha parou o seu remoer. Sacudiu a cauda e pôs-se a saltar sobre as pernas finas. Vides. Carminha Rosa gritou que é isso. Então o soldado achou que qualquer leito de rio, sem água, e atafulhado de pedras seria desolador em qualquer sítio do mundo. É preciso abreviar as acções.

Que se regresse rápido a casa. Os passos precisos descarregando as dores. O soldado diante da mala aberta sobre a cama de Carminha. Pequenos sacos repletos, contendo coisas dentro de caixas, lenços dentro de embrulhos, embrulhos amarrados por laços. E um santo cosido em cada fralda de camisa.

Executada a agonia. Os três abraçando-se alternadamente na porta da igreja. Vinte minutos antes da camioneta. Com a rapidez de quem não disse nada e tem de encurtar o único sermão.

Abrigados os três pelo amparo imaginário de um pequeno pitósporo de folha verde. A buzina, os faróis. Agora. Até à volta, Carminha. Acho que vou morrer sem te ver de novo. Que loucuras, Carminha. Eu hei-de vir forte, moreno, com uma tatuagem da arma aqui no peito. Depois escrevo. Depois escreves. O condutor já a olhar o enguiço. Então não há meio?

•

O soldado abalou de pé, alumiado pela frouxa luz de umas lampadazinhas de tecto. Na curva da estrada ainda se via acenar. Oh jasus, é melhor andarmos.

Então já a meio do empedrado. Uma subida penosa de olhos no chão. Uma espécie de regresso doloroso à solidão de antes. Agora de unha afiada. Enquanto o apito se ouvir ainda parece mentira. Ter de entrar na nossa casa de repente escurecida, ainda repleta do seu bafo. Acender a luz e esperar tanto dia e tanta noite. Mas a meio do empedrado exactamente alguém chamou de baixo, vindo contudo a subir. Sou eu, Manuel Gertrudes. Prantem a vista aqui – A cara arranhada como se tivesse andado à cata de bicho feroz e o gineto se lhe tivesse atirado aos olhos. Imaginem, vizinhas, imaginem. Estou neste estado porque aquele desgraçado do Macário. Aquele desgraçado apostou com ele mesmo partir a cabeça do noivo. Desde esta manhã que o seguia. Tinha um grande saco de pedras para lhe acertar entre os olhos. E levantou-se o malfadado para isto. Mas eu vizinhas. Primeiro porque sei que ele fez aqueles extravios sem culpa própria. Como os gaseados. Segundo por compromisso e camaradagem de armas, com o teu noivo, Carminha. Resolvi impedir a desgraça. Oh vizinhas, vizinhas. Aqui na cara e nos pulsos, vejam os pulsos. Tudo isto negro é sangue. Já mal se vê por falta de luz. E o que mais me faz doer, não são as pancadas e as mordeduras. Que lhe quero como a filho. Mas a certeza de que isto é efeito dum profundo amor.

A saber. Vilamaninhos tem seis braços. Dois são feitos de casas ao longo da estrada que a atravessa, fita de alcatrão que se esburaca como roupa puída. Primeiro uma nódoa de pedra a emergir do pez, depois uma, duas britas nítidas, apenas aglomeradas. Em seguida uma solta-se, outra, e debaixo dessa outra, outra. E logo a terra à vista como um óculo. Vejam a porcaria da estrada. Os outros dois braços são o resto da antiga, da macadamizada, sinuosa e às lombas,

como correnteza de telhado mourisco. Sempre o cantoneiro a compor-lhe o saibro. Passava esta a meio do povoado antes da preta, mas agora fica de lado, quando se fala da nova. E as outras duas pontas são o eixo do primitivo caminho. Feito de lajedo e pequenos degraus de pedra, socalcozitos de desnível do tamanho de um nada, onde os pés escapam e as ferraduras das bestas desferem faísca. Esse é o caminho empedrado, chama-se ladeira, corre de norte a sul e tem a dedada do avô de um dos passados de José Jorge Júnior. Todos sabem e dizem que terá ele próprio sozinho desbravado as carrasqueiras com o seu alferce de dois dentes, e com ele terá cortado ao meio toda a cobra atravessada na passagem. O fundador. Mas as três vias que se cruzam e quebram em seis braços não se encontram no mesmo ponto. Antes duas a duas formando um nó. No meio do nó uma barriga de terra, lajedo e pó, a venda, a igreja, o armazém de figo, o lagar de azeite, três casas de habitação. Desligadas, mas na sombra umas das outras, apenas pela distância de um suspiro de gente. Mas só a venda abre porque Matilde é dona, e só a casa de José Jorge Júnior está habitada e tem uma palmeira. Nesse recinto se terá digladiado a cobra voadora. Vista de cima alguém chamaria a Vilamaninhos uma estrela. Vista de baixo, no meio das encruzilhadas, apenas se diria. É uma desmoronação de casas. A casa de Carminha Rosa fica no alto da via empedrada. A de Pássaro entre a empedrada e a nova. Apenas separada desta por um pátio bordado de alta parede com algerozes e malvas. Aí se planta o cantoneiro a ler as horas pela altura do sol. Do lado oposto, a casa de Macário e a de Manuel Gertrudes, paredes meias. Mas a palmeira de José Jorge Júnior é a referência mais solene de Vilamaninhos. Um estandarte de folhas verdes, acenando de domingo a domingo. Os meninos tentam subir o pé, feito de nós de folhas mortas, mas descem-na, de calças rotas e coxa em sangue. Depois uns cachimbos de frutos cor de fogo, nunca vistos, acenam lá de cima. Eh, pequenada, isto não é azinheira. Vão procurar boleta para outro lado. Seu pé erecto, um braço. Sua copa, mão. Na sua sombra suposta, pelo chão, se senta o dono. Se vai aqui, são cinco da tarde. Chama então por Maria Rebôla. A mão de um grito. Uma saia de lã cobrindo as ancas úberes. Alguém poderá pensar que onde as sente deixarão uma poça de gordura ácida. Polpa de um fruto, tubérculo de reservas úteis. E feculosas. O que está a acontecer, Maria? E Maria responde. O que havera de estar. Andam três homens a lavrar terras. Ouve-se de vez em quando uma aguilhada bater num aiveco. De resto é o frio. Então José Jorge Júnior determinado. Entra ali, Maria, que a Esperancinha quer pedir-te o favor de lá ires acima, a casa de Carminha. Pedires ao soldado que chegue aqui. E Maria Rebôla revolvida da surpresa. Que chegue

aqui, agora? Foi-se embora no sábado, só volta quando voltar. E se vier, já há-de ser de fato preto para casamento. E José Jorge Júnior apurando a mouquidade. É intenção de Esperancinha pedir que venha com boina e tudo. Quer ela matar saudades dos dez filhos machos que teve. Todos vestiram farda. E Maria Rebôla inclinada na rotunda. Diga-lhe que já não vem mais. Agora só para casar. Para casar, ca sar. Ouviu? Estremece de riso. Vê-se a cova do seu umbigo subir e descer alentado de gozo incontido. Sua perna nua e curta, num chinelo que estaleja entre o chão e as palmas dos pés, como castanhola de andaluza. Direita a casa, pelo pátio da cisterna. Ouça. Havia sim senhor, lá em cima, mas um dia fui ver. Tudo aquilo pingava traça. De cada um deles sua farda. Pare-cia um arsenal de traparia militar. Tudo roidinho. Os punhos, as golas, os fundilhos. Antes que os ratos fizessem ninho dentro dos bivaques, deiti tudo na estrumeira. Para curtir de mistura com os demais tarecos. Deixe-se disso. Assim Esperança Teresa se negou a comer qualquer sólido, e sendo já tarde, sentou-se numa cadeira de tábua junto da janela. Pôs as mãos no regaço, vendo pouco. Mesmo assim, é doce a noite e a vida. Porque afinal depois de tanta lágrima, nenhuma dor lhe atingia o corpo. Veio de dentro Maria Rebôla, pôs-lhe um xaile nas costas, aconchegou-lhe as pernas. Um caldo quente junto da boca e do nariz. Beba, beba, criatura. José Jorge Júnior dormitava na cama, porque tinha passado o dia transido de frio, entre a porta e a palmeira. De cá para lá. Se ao menos um apodozinho lhe subisse a perna. Ou um grito de acuda estremecesse a tarde. Também bebeu do caldo. Metade entornado na camisa, carcela abaixo. Veja esse derramatório. Que derramatório? Demasiado velho para sentir o calor do líquido que lhe descia pela fralda à braguilha, como urina viva. Ou para sentir o frio da evaporação. Depois Maria Rebôla fez a cama, trouxe um a um para junto do leito, despiu-os, viu o sinal da cruz pequeno e miúdo de Esperança Teresa, a larga persignação de José Jorge. Quando saiu do quarto já uma lua alta e redonda subia no céu atrás das amendoeiras. Tronquinhos despidos, uma redícula fina pela besaranha do ar. Os ralos gritavam para além da estrada uma serenata de sons. E assim seria noite alta, madrugada fora. O frio caindo a pique sobre as paredes de cal, o tempo às camadas, os astros girando uma rota quase invisível. A terra parada a andar ao encontro do sol. E o sol a vir na penumbra do alvor, esmaecido de nuvens paradas, intocáveis, muito acima do vento que corria baixo, levantando ainda folhas vermelhas do chão. Pastinhos. Assim, quando José Jorge Júnior acordou, a mulher dormitava. Muito velha sob a brancura do lençol. Sudário. As mãos pousadas sobre o peito, e o peito tão branco e tão sumido, e a boca respirando tão manso e tão certo que o homem compreendeu.

Num assomo de suprema lucidez. Já ambos. Sim, já ambos havemos morrido. Estamos agora a acordar na outra vida. Vê como é. E ficou a puxar pela memória, imobilizado na jazida. Como assim? De que modo havia sido? Como tinham viajado pelo céu, depois dum caldo, e como teriam passado para aquele túmulo de luz, quase terrestre, de porta quadrangular? Quem na outra vida tinha falado de juízes de fogo, medos de enxofre e lumes infernais, tinha mentido. Men ti do. Porque muito afinal a eternidade tinha porta, fina como mortalha de papel, e as paredes eram feitas de céu muito alvo. Ou antes de pó, e pedra, desintegrando-se de luz e dando sobre o vazio do ser. Aí onde o fel e as tripas se tinham despegado dos sentidos, feitos terra lá muito longe. Fechou as pálpebras de morto sobre os olhos que continuavam. Naturalmente. A ver para além da pele e da cartilagem, gostando de estar morto junto de sua mulher, como ela deitada e jazida, muito mansa, muito morta. Numa parte da já futura presente eternidade. E José Jorge Júnior pensava que apenas a paz era o sentimento permitido no céu. E pensou nisso gostosamente durante um hiato sem peso, nem medida. Feito de alternância de escuro e alvura. Até que se surpreendeu pelo facto de a surpresa ser o segundo sentimento experimentado desde que acordara no eterno descanso. A surpresa era uma espécie de visita surpreendente. Ah, sim. Múltipla e dominadora. Seus filhos saídos das paredes, e como eles de pedra e cal, muito brancos, como se fossem de gesso, aproximavam-se do leito um a um para lhe pedirem a bênção. Ficou tão comovido. Oh supremo deus dos trovões, jeová verdadeiro. Por aquela visita inesperada, que os abençoou a todos, e no fim dos vinte e dois gestos, disse.

– Eu sabia que tinham de se lembrar deste seu pai e desta sua mãe.

Lembramos, sim. Disseram os filhos brancos de pó e pedra. Lembramos, sim. E acenavam as cabeças com a boca e os olhos de muito riso. Lembramos sim.

– Oh que grande é a ventura deste pai. Que deus vos abençoe. In nomine patris filii et spiritus sancti, amen. Ámen. Ámen. Responderam todos. Mas havia os que se escondiam atrás de outros como se todos fossem transparentes. De tal modo que acontecia nesse enlevo da visão, os onze figurarem um. E o pai dos filhos sobressaltou-se.

– Filhos, frutos da minha carnação. Afinal vocês estão mortos ou vivos? E José Jorge Júnior fez muita força. Toda inútil. Para se levantar do leito da eternidade. É o mesmo. Respondeu o mais próximo, o Abel, com um fato de pedras a apertar-lhe o rosto de pó. É o mesmo. Tanto faz. Estamos agora todos muito longe de Vilamaninhos. E a distância intransponível é uma morte. Sendo a

morte verdadeira a maior de todas as distâncias. E foram-se sumindo em discursos de repetições, esbatidos contra a parede, como se filhos dela, a ela se fossem. Ámen. O último ressumbrava de poeira e desaparecia no nada, levando na mão uma bandeja de figos maduros. Pele arregoada de viço, e brandura. Gotinha de mel. Distintamente. Então o morto reconheceu a sua única filha, sentiu que se iam para sempre as suas mãos rosadas de mulher e disse.

– Espera, Engrácia, ainda não sei se nesta vida onde moro vou precisar de um caldinho de frango.

O vulto parou a sua corrida inexorável contra a parede e disse. Tão lentamente como se estivesse a assistir à criação de um novo mundo. Inútil, meu pai, inútil. Felizmente que nos lugares onde moramos todos somos iguais, e o valor atribuído às coisas é igual ao seu verdadeiro merecimento. Aqui a fêmea e o macho já não se completam nem disputam. Vivem. Depois foi-se sumindo de novo, esbatendo o rosto e as redondezas dos figos contra a parede. José Jorge Júnior fechou os olhos e continuou a ver. E pôde experimentar os terceiros sentimentos do céu. Dúvida e angústia. A dúvida se teriam voltado a suas casas e aos seus trabalhos, ou se permaneceriam corpo a corpo contra a parede de pó e pedra de que se revestia o céu. Regressando, já um estaria a vender tecidos numa loja da Rodésia à sombra duma bananeira, ajudado por mulheres negras e nuas. Outro regaria um canteiro gigante de flores às portas de Buenos Aires, e todas as plantas que floresciam até perder de vista lhe pertenciam por inteiro. Um outro como alfaiate. Estaria a vigiar a esposa que, de fita métrica na mão, costumava medir os fregueses. Todos tinham abalado para as suas pátrias. A dúvida, porém, tinha duas mãos e apertava-lhe a garganta. Como se estivessem entaipados atrás e dentro da parede de pedra. Aquela. E se não o ouvissem mais. Se não regressassem? Se nunca chegassem a ouvir da sua boca o relato feito dessa visita em forma de cobra que viera carregada dum sinal, sem dúvida, de maravilha? Eu, seu pai, sentado com sandálias de abraão a receber os vindouros? Se ele próprio fosse o vindouro que estivesse num céu preparado pelo passamento de seus filhos? Sendo ele o último? Então perguntou.

– Esta é a última visita a seu pai e sua mãe?

Ninguém respondeu. As paredes da eternidade permaneciam como se fosse essa a única realidade da outra vida. Já que por elas tinham entrado e haviam saído as figuras dos seus onze filhos, vivos ou mortos. Oh deus. Abriu a mão para se certificar da matéria de que era feita aquela abóbada de paz e sofrimento. Mas as paredes. Limites. Estavam longe, e era preciso esbracejar até se erguer do

jazigo. Com um impo forte, surmontando o ser, a condição e o estado. Esperança Teresa remexeu-se sob o lençol. A janela do quarto de par em par. Como? Seu marido ia saindo para a rua pela porta aberta, despido, em camisa e ceroulas. Jasus, meu bom jasus. Desceu da cama e foi atrás dele chamando-o, também em trajes menores e brancos, encostada ao cajado. Mas não conseguia fazê-lo voltar, nem o alcançava sequer. Ia pela rua aos tropeções como se tivesse perdido o conhecimento das pedras familiares. E ele gritando que era mentira. Esperancinha e eu não morremos. Rabiamos e mexemos as pernas como qualquer vivo. As pessoas abriam portas. Maria Rebôla como um covo nos braços para amalhar pintainhos. O quê? Tó diabo. Há três dias que dormem. Três dias.

– Somos gente. Ainda afegamos. Oh família. Ponham a mão aqui na boca.

O pescoço de José Jorge Júnior era grande e crescia como o pé da palmeira do colarinho à nuca. Ponham a mão no meu bafo. Ah gente. Ah vizinhança. E o seu rosto crispava-se de gritos como recém-nascido acabado de parir. Não se sabendo se de alegria ou de raiva. Ponham a mão no bafo quente da gente. Ah família. E não parava no meio do largo. Ceroula caída, pelo quadril abaixo. Oh tio José Jorge. Ouça, tio José Jorge. Vá para casa, homem. Anda aqui a mostrar o berimbau às crianças. Vá, vá para casa. Toda a gente está a ver que estão vivinhos. Vá lá andando. Carinhosa. Amarga, condescendentemente. Os meus onze filhos estão em casa. Família. Gordos, perfeitos e sadios. E Esperancinha caindo em si. Onze? Ah tirano. Até nas loucuras te mostras esquecido de um deles. Não me digas que te apareceram todos menos o morto. O serafinzinho que não chegou a abrir os olhos. Enterrado dentro duma caixinha de papelão. O único que está à minha espera. Dizia na ponta do cortejo de gente, sol-posto já. A mim me custou a tê-lo como os demais. Três vezes urrando para que saísse de mim. E tu te esqueces. Até entrarem em casa. Deitados e comidos. Gente à volta, com as mãos de silêncio, figuras de sombra. Caras de caso. A decrepitude de José Jorge Júnior foi publicamente reconhecida.

Macário disse. Antes sempre ouviam as palhetadas. A Matilde disse. Antes você falava direito. E Manuel Gertrudes disse. Punhas-te a dormir como um passarinho e acordavas repousado. E Jesuína Palha disse. Depois daquela visão tudo ficou sobressaltado. E João Martins disse. Isso já foi. E Jesuína Palha disse. Só quem é cego não vê que depois disso as coisas mudaram de figura. E Macário disse. Que coisas. E João Martins disse. Cada vez a gente se sente mais perdidos.

Já ninguém lavra. E Jesuína Palha disse. Já Branca consegue ouvir o que ninguém é capaz de ouvir. E Macário disse. É de bordar na colcha um bicho faroz. E Jesuína disse. Nunca. Também dorme de olhos abertos. E Manuel Gertrudes disse. A mim me cansa pensar que esta chuva morrinhosa me vai cair nos ossos durante meses. E Macário disse. Escutem. Aqui o lá. E cantando. Já se foi o avejão. Já se foi e foi por mar. E Matilde disse. Oh homem. E Manuel Gertrudes disse. São só palavras. E Macário disse cantando. Já se foi e foi por mar. Por mar. E por mar. E Jesuína disse. Só repete. E Macário, cantando. Quem lhe dera ao avejão. Ter ficado em meu lugar. E Matilde disse. Precisavas duma broca que te escavasse o juízo. E Manuel Gertrudes disse. A caminho da guerra ouvi cantar semelhante. Mas nem com uma broca uma pessoa pode desenroscar a força do amor do coração da gente. Oh gente. E Jesuína Palha disse. Chame esses nomes bonitos às manias de loucos, e queixe-se depois de arranhaduras, dentadas e outras mossas. E João Martins disse. Parem aí, tapem todos os ouvidos que vai ouvir-se um trovão. Antes da chuva.

Já hoje Branca se levantou de madrugada, e para tirar a água da cisterna teve de fechar os olhos, porque a chuva caía grada e oblíqua sobre o chão. A lenha na fornalha tinha um ar escorregadio e dessorado, e os fósforos chiavam-lhe na mão de encontro à lisga escura da casca. Por isso Branca se atrasou no meio da cozinha, enrodilhada de afazeres miúdos e só se sentou. Quadris doídos. Quando a tarde chuvinhosa e embaciada começou a acenar da rua. Com o vento vindo do outro lado da terra. Oh deus. Onde se sentar uma mulher a bordar a sua colcha que não venha de lá uma lufada de ar enclavinhar a mão sobre a finura das linhas. E o granulado das missangas. Agora o dragão começa a ter uma forma de verdadeiro animal réptil voante. Porque o contorno da asa cinza-vivo se abre em leque no meio do pano e o corpo do bicho de escamas miúdas. Cinza claro-escuro. Sendo potente e metalizado enrosca pelo tecido, e as patas abertas parecem agarrar seres vivos. Por baixo um matiz de miosótis e margaridas, flores inefastas, amparando as garras do animal alado. Aqui tenho o fruto das tardes. Horas vagas. Chuvas mortas. Calores de fazer dormir. Levantes bravos, endemoinhados de poeira, folhas no ar e dor de cabeça. Mesmo entre os olhos, no alto da cana do nariz, sob a testa. Ali se aferra. Quando Branca põe o dedo sobre o sítio e fala da dor. Uma impertinência. Pássaro declara. Não admira, esse é o sítio exacto da cabeça para apontar uma arma. Porque está aí o nó dos pensamentos.

Mas hoje a chuva, um trovão agreste. Branca não o ouve vir de terra em terra,

ouve-o quando o relâmpago se produz pintando raízes de árvore de fogo e luz no céu da tarde. Exactamente. A sua orelha atapetada de cabelo loiro-cinza, pequena e perfurada, atenta, ouve na distância o som que os filhos ouvem depois. Oh mãe, oh mãe, tape os ouvidos. Branca suspira, sentindo os olhos minguados da luz que um escuro de nuvens produz, tapando o sol. E o brilho das missangas em sua mão é virescentemente minúsculo, fendido no meio pelo orifício que espera o cu da agulha. E agora a linha, o ponto, o nó. E a escama avança. Oh mãe, uma meia sua. De vidro. A gente precisa, mãe. A gente vai para o quintal, debaixo do alpendre não chove. É para uma coisa, mãe. Dentro da seira há uma com muitas malhas soltas, mãe. Não tem conserto. Se a mãe pusesse aquilo ficava de perna às riscas. Dê aquela meia, mãe. Branca diz que sim com a testa. Perpassa-lhe a imagem do cantoneiro. Não, hoje eu queria antes outra coisa. Não gosto de abusar nem por palavras nem por actos. Nunca gostei. E saí dos camiões por isso mesmo. Mas tenho andado a pensar. Ou estas malvas estão bem tratadas, ou são de muito boa qualidade. Queria uma podazinha. Mas fazendo o favor, enrolava um paninho molhado no pé, que eu só volto à casa dos cantoneiros lá para as seis da tarde. Com um sorriso de dentes e olhos sob o chapéu de metal. Que deus lhe pague. Isso já foi. Agora Branca ouve os regatos que se formaram pelas bermas, sussurrarem na descida. É um barulho doce e débil como de folha sacudida no ramo. A rua tem um ar alagado. Se uma grande ave pousasse nas terras, enterraria as patas até ao canelo. E batendo as asas todas as nuvens deitariam água. Uma aberta de vez em quando. Então os filhos gritam. Oh gente, socorro, socorro, a bicha está aqui. E os outros dois agudizam a língua e a úvula, vibrantes. Uh Uh. Oh gente, oh gente. Uh Uh. Branca dobrou a colcha, o olho complacente sobre a figura cada vez mais fantástica e mais real. Agora em corpo inteiro. Uma investida de arremesso. A língua doirada. Uh Uh. No alto o filho mais velho é a força prodigiosa que faz voar os não alados e galopar os ápodos. Oh gente, oh gente de Vilamaninhos. Na lama do quintal as meias trançadas, ventre e dorso, saltam feitas uma, repuxadas por um fio. Agora gente, agora que o bicho vai voar. A cana, a cana.

Branca sobe à varanda. Se levantar o dedo mínimo pode tocar as nuvens. Têm agora os rebordos doirados como laranjas de chuva, e vêm das bandas do mar. Pode ouvir, abaixo das telhas, os gritos de acuda acuda. Seu filho mais novo esganiçando-se de pé coxinho. Caídos os três, na sucessão dos anos, das suas coxas, a golpe de anca como pedalada de dor, agora. Agora um riso regalado de seres independentes. De resto tudo em redor recolhe ao seu silêncio de água quieta e mansa. Branca ouve o mínimo sumir da chuva entre as pedras. O pó

feito lama. E a folharasca sob as alfarrobeiras abate-se estremecendo sobre o lastro de árvore. Tilintando gotas. E entre isso os passos de Volante que regressam. Vem neste instante calcando uma e outra pedra, depois na lama seu passo abafado e largo como se quisesse galgar um rio, subir uma montanha. Galopar uma cama. Procurar uma mula fugida. Branca ouve-lhe de longe o tum tum do peito.

Assim a chuva. José Jorge Júnior conhecendo o alcance da sua decrepitude disse.

– Esperancinha. Agora já cobri a fama de ter perdido o tino. É ou não verdade? Por isso agora, Esperancinha. Nada é proibido contra a minha pessoa. Podia até mijar na cama e montar galinhas, que todos veriam dizendo. Venham ver o espectáculo. Agora sim Esperancinha, parece que estou liberto de mim. Bota a tua manita aqui nas minhas goelas. Julgas que isto é o gargalo dum velho? Oh engano. Isto é uma hidra. Uma hidra cheia. Agora cheia. Olha o gozo desta chuvinha. A gente põe o pé assim e assim, e tudo começa a ir abaixo. Ensopadinho de chuva. Já a palmeira estaria arrancada de vento, água e abanação, se não tivesse uma raiz tão funda. Não fosse isso, e em breve havera de estar virada com a invernia que vai fazer. Pranta aqui a tua manita. Uma hidrazinha cheia. Esta garganta do teu velho, oh Esperancinha.

– Lembro o serafim de olhinhos fechados. E depois desse lembro a Engrácia. Engrácia era outra coisa. Sempre teve outro jeitinho de orelha. Mesmo sem a gente reparar no buraco, via-se logo. Pelo cheiro. Abria-se o cueiro, e antes de destapar o escrito, a gente tinha de dizer. Aqui cheira a fêmeo.

– Oh Esperancinha. Tu te alembras daquele dia? Há mais de dez anos. Esperancinha, tu te alembras? Eu cá estava no meio da barrada. Estava a amendoeira em flor. E a mula de comer aveia na golpelha. E eu de lha dar à mão como a mula Parceira gostava. Festas no focinho. Pancadinhas no lombo. As fervas do trigo estavam por aí com um palmo de altura. Já nem raleirava a aveia. E nisto eu ouço um barulho de vozes. Que vinha dum grupo de gente. Até aí nada. Mas é que eles atravessavam os trigos e outras lavras como se não houvesse caminhos. Oh homem. Pensi eu para mim. O que perdeu esta gente? E senti-me em cima da golpelha de palha. E pensi. Alguém me há-de perguntar alguma coisa. Mas que ninguém vinha

andando? Então eu alevanti-me.

– Disseste uma hidrazinha? Ali, José Jorge. Já falas do teu corpo desse jeito. Deus te perdoe. Onde se viu esse nome?

– Porque eu, Esperancinha, estava intrigado com as vozes e os timbres delas, e já não podia guardar por mais tempo aquela marafação de saber. E fui. Claro está, a mula a remoer sozinha. E eu Esperancinha, teca teca a andar. Já eu aí ia. Ia aí a uns três metros desviado, quando um homem que já morreu. Por sinal. Me a mim disse. Oh vizinho, faça fé, que andamos a gente à procura de água. Nisto Esperancinha, eu olhi bem. Apliqui bem a vista. E vi. Vi uma criança de olhos fechados, e de manitas estendidas a procurar, a procurar. A procurar. Parecia andar a pro curar um pássaro entre o arvoredo. E vai outro e diz-me. Não se espante, homem, este menino é vedor, e os vedores são assim. Há um lençol, vizinho, um lençol de água aqui debaixo da terra onde vossemecê. Mais eu. Pranta o pé.

– Mas eu que tirava o cueiro e via a menina esburacada e tinha pena da menina? Tinha pena da menina, pronto. Olhava-lhe o escritozinho, uma rachinha empolada. E eu que achava que a menina tinha perdido qualquer coisa? Oh jasus, que ralação.

– Eu cá via as manobras do moço pequeno. Que parecia não ter coragem de vir a fazer-se homem feito. A esbracejar, a esbracejar. A esbracejar entre as árvores. E pergunti. Oh vizinhos, e quem passou autorização à gente? E eles. Autorização? Oh homem, você está louco. Me disseram eles. Louco. Você bem sabe que em Lisboa governa gente que não proíbe que se procure a água. Desde que as custas sejam por conta dos interessados. Mas olhe que eles são conhecedores da natureza humana, e também das escrituras. E sabe o que dizem? Resignação. Piedade. Muitas vezes a parábola dos talentos. Dizem eles. Não se aplica à gente. À gente dizem eles. Que as aves do céu não morrem e no entanto não semeiam. Foi um deles que me disse isto. Mas eu nem me lembro já quem me disse. E eu disse. Oh porra. Oh porra. Se deus tudo quer, pode, e ainda por cima dá a sentença aos actos dos miseráveis, vamo-nos já embora para casa. Pomo-nos debaixo das árvores de boca aberta, e a fruta logo lá há-de cair. E já agora, comer para quê? Para cagar? Mais vale a gente estar quedo. Que assim nem desfolha as figueiras para alimpar o cu com as folhas. Tó diabo. Disse eu. E sabes o que me disseram os marmanjos? Há aqui dez anos atrás? Não fale alto que o menino assim passa pela toalha de água e nem a

vê. E o menino esbracejava sempre de olhos fechados.

– Habituada que estava ao rapuxo de menino. Aquilo me parecia serzinho capado. E eu achava deus injusto com a Engrácia. Mudava o cueiro sem ninguém ver o escritozinho, e tapava a menina tão cheirosa.

– E nisto, Esperancinha. Começaram todos a fazer ses com a boca, para se fazerem calar uns aos outros. E isso, porque o menino, mudo como as pedras, ajoelhado já na terra, abanava a barriga de choro sem remissão. Oh Esperancinha. E eu griti logo, vendo aquilo. Que grande dia. Que grande dia. Afinal debaixo destas barrocas há água pura para regar as couves e tomateiras. E atiri o chapéu fora, e logo ali pus as mãos. Ah mi cago nos cornos. Não houve quem não chorasse com a oração que eu disse. Foi um laudamos té de mais de meia hora. E até aí estava tudo amigo e de bom contendo. Mas oh Esperancinha.

– Olhava-a no escrito e. Deus me perdoe se pecava. Via-lhe os partos que havia de ter. E tinha pena dela, tão rosadinha, tão rosadinha. Também chorava doutra maneira. Uma aflição para mim, que era sua mãe. Mas eles.

– Mas depois, Esperancinha, tu não estás alembrada, que tu não te alembras desses passados. Eu e os vizinhos mais chegados juntámos dois contos de réis. Pusemos as notas ali na bandeja de casquinha e corremos todos os monturos das redondezas. Tu não te alembras. Pois ninguém. Ninguém, Esperancinha, quis dar. Queriam ver primeiro a água. Aqueles filhos da puta, os mesmos que tinham dito. Cale-se tio José Jorge. Olhe que o rapazinho não dá com a água por causa do seu falatório. Isto aconteceu. Primeiro queriam ver um poço aí a gorgolejar água fre fre, pela borda fora. Os pulhas. Depois vieram um dia. Escreve-se, tio José Jorge, escreve-se antes uma carta à edilidade. Ao presidente da e di li da de. Qual quê? Escreveram a carta. Mas a carta. Estrumeira com ela. Esse tal presidente. Se é que existia. Tomara ele dar conta dos seus afazeres. Quanto mais. Assim, Esperancinha, têm tido o que eu lhes dizia. Agora, família, agora, para todo o sempre, nem no cu duma galinha vocês farão uma plantação de couve verde. Oh gente.

– E eles a fazerem para o ar. A urinarem-me o lençol de cima. Às vezes ia-me parar à cara quando eu me abaixava. Nem cheirava mal. Podia beber-se. Mas ela a molhar o de baixo. Sempre viradinha a Engrácia. Perninhas abaixo. Tudo entornadinho. Tu te alembras José Jorge?

– Mas uma tarde perdi a paciência. Mi cago num raio. Salti para cima do

eirado. Isso aconteceu depois de um vizinho ter dito a outro. Que eu queria era guardar o carocinho. Todo, para me sustentar mais a ti na velhice. Já que eles, os filhos, tinham abalado. Quando percebi o segredo dito entre dentes, só atiri o barrete ao chão. Mas depois, ali carago. Depois subi o eirado da nossa cisterna. Desaperti o colete e griti. De pulhas, porcos e cabrões. Daí para cima. E arremedi a todos. Assim.

– Tu disseste. Oh mulher, deixa a rosa da moça tomar ar. Quando criar cabelo disfarça. Já deve ter nascido o filho de um compadre que lhe tape a falta. Por isso a gente manda, e é homem. Assim a Engrácia. Depois de tu dizeres o que eu já devia ter pensado. Começou a ser filha e mana. Mana e filha. Uma raça assim. A modos que injustificada. Tu te alembras?

– Talentos. A parábola dos talentos? Essas palavrinhas doces? São ameixas saragoçanas na boca de porcos por capar. E que as aves do céu não semeiam. Oh avezinhas. Oh avezinhas. Aveziiiinhas. Tudo isto é hidra, hidra cheia, Esperancinha. Hidra regalada. Bota a mão nas goelas.

– Fez-se mulher a Engrácia. Tu te alembras? A deitar corpo. A deitar corpo. Oh jasus. E o ramo de olhos. O ramo de olhos da Engrácia. Depois havera de ser ela a única de tantos que pegava uma cadeira. Para se sentar junto da sua mãe. As manitas cor-de-rosa, teca teca nas suas rendinhas.

De novo amanheceu cinzento e chuvoso. E o dia seguinte amanheceu de igual jeito. E assim o seguinte e o seguinte. E ainda o seguinte sem chuva e sem sol. O seguinte e o seguinte. José Jorge fez várias provas de memória sentindo a humidade do luar de encontro à hidra. Passava as mãos. Mas na venda pensaram em voz alta. Que a alegria era uma planta que requeria luz. Porque ida ela, emurchecia tudo. Alguém olhava o céu e dizia. Basta. Duas vezes. Depois alguém dizia bem mais alto. Basta. Mas as nuvens eram imperturbáveis, e forravam o céu com uma espessura de chumbo e névoa.

Então Carminha Rosa entrou na venda e disse. Agora Carminha vai começar a escrever mais cartas do que a receber. Mas que ninguém se admire, porque o seu afilhado e noivo foi para muito longe, ainda muito mais longe do que é possível imaginar. E lá não chega nada, nem carta, nem mantimento, nem novidade de nenhuma espécie. E disse. Mas ainda me custa a crer que possa vir aqui e não leve para cima as cartas que ele escrevia. Diziam gentil menina, e a gentil menina era a minha filha. E Macário disse. Começa cedo. E Matilde disse. A chuva torrencial. E Macário disse. Não. A espera doce e vã. E Manuel Gertrudes

disse. O que disse Carminha Rosa pode ser verdade. Eu fui a Flandres, mas a certa altura cheguei a estar dentro da própria Flandres muito, muito. Muito mais longe do que Flandres. Porque sendo à beira duma vila, a gente se julgava caídos num cemitério. Só se via terra e terra. Nas covas, a gente. E as estações do ano passavam por cima das nossas cabeças, sem sabermos ao certo se ainda estávamos vivos. Até que disseram que a gente podia regressar. Não conseguíamos fechar a boca de surpresa. Só vim a ter um sentimento igual quando há uns meses vi neste largo voar uma serpente. Era uma espantação interior. Assim um frio. Mas agora já todos nos esquecemos disso, e mesmo tu, Macário, ao dizeres a espera. Doce e vã. Mastigas um veneno impróprio dos filhos de deus. No entanto às vezes és bem mais sábio do que nós. E Macário disse. Quem nesta terra não espera qualquer coisa? E Matilde disse. Eu espero um vinho encarnado como sangue e grosso como calda de tomate. Transparente como água e cheiroso como guisado para atrair aqui os passantes da nova estrada. E Branca disse. E eu. E Jesuína Palha disse. Eu queria fazer um feito que desse para todo o sempre. De tal maneira que obrigasse todas as excursões que vão para Faro e Portimão, a fazerem escalada aqui. E alguém dissesse. Foi aqui que Jesuína Palha matou um animal muito faroz. Nem homem nem mancebo conseguiu jamais fazer o que fez essa mulher valente. Eu. E Branca disse. Muito mais difícil é o que eu espero. Eu espero acordar um dia sem sentir o peso do corpo, nem dos ossos, nem das miudezas do ventre. Estar em casa e pensar. Vou abrir a janela. E levantar-me para abrir a janela sem antes pesar quantas arrobas tem o meu assento sobre a cadeira onde estou sentada. Pensar. Vou chamar o Francisquinho. E não precisar de cortar as coleiras que me amarram a língua para chamar por meu filho. Isso eu queria. E Macário disse. Eu queria uma única mulher. Que me pusesse a mão no pescoço e me dissesse querido. E pondo-me eu junto dela, ela me abrisse com devoção todas as covas do seu corpo. E eu lhe apertasse o pescoço até ela gritar de abafação, mas sem me querer mal me dissesse querido. E Jesuína Palha disse. É difícil encontrar uma mulher nessas condições. E Branca disse. Não é difícil encontrar uma mulher assim, mas é impossível mantê-la. Porque você com a sua navalha de carne vai-lhe esfacelando a alma, pensando que está apenas a coçar-lhe as virilhas. E Manuel Gertrudes disse. Branca, tu só viste Pássaro, e por isso lhe chamas a tal de navalha. Mas eu, que viaji muito, ouvi em Anver uma mulher chamar-lhe de sabre de amor, e em Bruge ouvi uma loira chamar de cometa. E em Artuá ouvi outra chamar de poção, e em Azancur ouvi outra, bem formosa, chamar de sonda marinha. Ouvi outra em Nuvião chamar de relâmpago de mel, e

em Amião ouvi outra chamar de tronco de flores. E só uma que tendo catorze anos, a caminho de Calé, e já contando três mil, lhe chamou de víbora e mosquete de ferro. E essa soluçava como uma madalena arrependida, antes por ter nascido. E agora tu falas de igual modo, sendo casada, formosa e bem falante. Jesuína Palha disse. De qualquer forma. Eu queria que aí nas redondezas estivesse a crescer um animal maior e mais bravo que serpente para o desfazer de raiva com um grande estrondo. E Matilde disse. Eu sonho dia e noite com esses tonéis de vinho tinto e essa tabuleta com um escrito cor de uva aqui por cima da porta. Seria O Mosto do Céu. E eu seria a senhora do mosto. Ah gente. Em tempo de calma as viaturas viriam fazer bicha para entrarem na nossa terra. E Macário disse. Uma mulher que me levasse a dormir quando me dão as insolações mensais, e estivesse à beira da minha cama sempre que acordo. Com uma tigela de caldo, preparada para me animar. E tivesse os cabelos negros e lisos como crinas de cavalo. Mas sendo forte de olhar para me pôr juízo, fosse delgadinha de cintura. E vergasse à passagem do vento. E Manuel Gertrudes disse. Oh punhão. Cala-te que todos os presentes pensam na mesma pessoa, tão claramente falas. E Carminha Rosa disse. Tenho estado calada, mas chegou a hora de me ir. E Macário disse. A espera está à vista. Já cheira a suspiros. E Branca disse. Ai não fosse este peso que me ata os braços. Querer levantar-me do leito, passar a mão pelo quadril e sentir que está tudo em ordem para começar a manhã. E sentir que em vez de me erguer, todo o meu desejo é que a cama se transforme em essa. E em vez de ver o sol entrar pela janela, que alguém me venha cobrir com o véu e o veludo roxo de uma caixa de pinho. Para sempre. E Matilde disse. Quem te assim fez, Branca. E Branca disse. Só quando ouço os meus três passarinhos urinarem no bacio de esmalte, um arrepio me estremece a espinha. E sem pensar em nada me levanto para lhes dar de comer. Dou por mim erguida sobre a cama disposta a acordar outra e outra vez. E Macário disse. Nesta terra os sonhos passam a lamentos sem darmos por isso. Falávamos de desejos. E ainda disse. Que conversa tão sem ordem. Antes o meu bandolim. E Manuel Gertrudes disse. Eu tenho um grande pressentimento. Que uma nova maravilha vai acontecer sobre o redondo do mundo. Uma gente nova vai povoar a terra. Purificados. Só assim eu compreendo que uns morram pelos outros. E João Martins disse. Falas como o padre. Chegue quem chegar, ninguém estará para regar os campos com o suor do seu rosto. Como eu. E Jesuína Palha disse. Falas como José Jorge Júnior. Sempre que o encontro anda a pensar no tempo em que o tal bisavô do seu bisavô matou um animal medonho e quase sempre se lamenta da água do rio que não tem água. Muitas vezes dos que deixaram de

lavrar a terra. Mas poucas fala de todos os filhos e genras que se foram. E Macário disse. Vai fazer uma noite de cão. Longa e fria para um homem só. E Manuel Gertrudes. Só quem não andou por lá em catorze dezoito pode chamar longa a uma noite. E Branca disse. Ardem-me os olhos dos pensamentos. E Jesuína Palha. Nestas noites a empreita rende-me. E Matilde disse. No entanto, muito petróleo gastas. E João Martins disse. Aqui estamos nós a esfriar à porta. E Macário disse. Tão bonitas são as coisas impossíveis. E Macário disse ainda. Tão tristes as que são reais. Quando comparo isso apetece-me tocar. É uma cócega que começa na ponta da unha do dedo da mão, atravessa o corpo. Até chegar à pontinha das unhas dos pés. Ah mundo.

De novo Pássaro. Branca acordou com uma grande dor cravada por cima dos olhos. Cruzando-se as linhas da dor a meio da testa. Esse animal que bordo ainda vai sair do pano para me devorar a vida. Atirando uma labareda de fogo às minhas ventas. Branca passava uma mão pela testa. Tão grande e incómoda era agora essa dor, que lhe parecia ter crescido a cabeça durante a noite. Oh deus. A dormir de olhos abertos. Ainda um dia me saltam das pálpebras para se irem espetar nas canas do telhado. Eu a pôr o dedo para sentir como estão, e eles já lá em cima para verem a minha triste figura. O próprio corpo. Mas regimentado. Embatia nos móveis da casa como se estivessem colocados subitamente em lugares estranhos. Pássaro encontrava-se com as mãos nas orelhas. Ouvindo a música e apreciando pela janela as ancas das bestas. Defronte da cómoda, no meio do corredor, debaixo da espingarda. E o pai-do-céu. Então Branca disse:

– Que mula extravagante.

Que mula extravagante. Como. Você na sua vida nunca viu um cavalo? Como podes confundir as orelhas, as ancas e o rabo de duas espécies que não têm confusão possível? Nunca. Nunca. E Pássaro teve um pressentimento. Correu à cozinha, desembrulhou para o chão a colcha de linho cru, e chamou a mulher. Branca apareceu com uma pastilha branca na mão esquerda, um copo na direita. Com as sobrancelhas separadas por um fundo víneo. Interrogadora. Mas à vista de Pássaro em tal preparo, Branca colocou primeiro a pastilha na ponta da língua, aproximou o copo da boca, bebeu dois golos, arredondando as bochechas de asco. Pousou o copo e disse. Diga Pássaro. Pássaro estava de pé, pernas abertas sobre a colcha enrodilhada no chão. Há anos, anos, nove, dez. Já perdi o conto. Que esta bordadura cresce e não acaba. E Branca preparou-se para falar. Enquanto Pássaro sacudia a colcha como do pó. Tu próprio, Pássaro, tu próprio

não a queres ver acabada. Pássaro passava o dedo do meio, o maior da mão. Sobre as sedas. Tu própria não desejas vê-la acabada. Usas este bordado como para controlares a minha pessoa no próprio espírito. E eu mais do que submissa, acobardada. Caladinha. Mas ultimamente a chuva, a falta de petróleo, e tu próprio metido em casa como laparoto em tempo de geada, adorando o cu das bestas, difícil me tem sido avançar. Pássaro Volante respondeu que das bestas vestia ela, se calçava, bebia e comia. Branca tinha um xaile azul sobre os ombros, a trança caída. E disse. Que mais valia pedir uma esmola por amor de deus, que viver numa casa onde apenas tinha feito de parideira de meninos machos. E servido as coisas que serviam as bestas. Pássaro deixou cair a colcha sobre o cesto, entendendo num relâmpago de muita argúcia, que sua mulher lhe chamava de besta. E sua mulher respondeu do meio da cozinha. Com a pastilha a derreter-se no estômago. Que nunca tinha tido tal intenção de o dizer. Mas Pássaro. Oh Pássaro, desde que a mula se tinha safado, espeidorrando-lhe nas ventas a mais perfeita fuga de que havia memória. Pássaro compreendia haver formas sub-tis de luta entre as pessoas e os outros seres viventes. E por isso, ainda junto da colcha de linho adamascado que se lhe amontoava aos pés, Pássaro disse a sua mulher. Que mexia em cartuchos de papel cinzento e riscado. Que se ela dizia que não tinha a intenção de o dizer, isso já era prova de que desejaria fazê-lo. Que o dissesse então. Que o dissesse então. Que o queria ouvir da sua boca. Que experimentasse dizer. Basta o di de dizer. Branca colocou os cartuchos cinzentos na prateleira do armário e fechou-lhe a porta. Que não mandasse dizer tal coisa. Que não mandasse dizer, porque ela sempre tinha sido submissa e obediente. E que bem poderia fazer-lhe a vontade, insistindo ele daquela maneira. E Branca evocou, com o indicador da mão direita vibrante, como de sezões, o conto do lobo e do cordeiro. Era uma vez uma terra onde os borreguinhos se chamavam anhos. Um ribeiro e um lobo faroz. Pássaro começou a dobrar a colcha. E sua mulher sentiu uma ansiedade no corpo como se fosse roubada a partir de dentro. Comido o anho ainda antes de tempo. E por isso safanou a colcha, e de braços estendidos. Senhora do dragão, das missangas, das linhas, dos pontos. Branca dobrou a colcha, senhora dos vincos. Nesse instante. Nesse instante preciso, Pássaro Volante. Que se tinha sentado. Sentiu que a alma do seu pai lhe falava nas veias. Ergueu-se, e vendo a mulher ainda baixada sobre a colcha, alisando o cueiro que a cobria, Pássaro atirou um pontapé no assento. O xaile caiu, e Branca perdendo o equilíbrio no meio da cozinha ampla e fria, de ladrilho de barro, foi fincar-se com os braços na fornalha para não cair de borco sobre o chão. Obtusa e curvada, de braços esticados, amparando a queda do

rosto. A pastilha chiava diluindo-se na humidade do estômago vazio desde a véspera. Pássaro achou que aquela posição faria rir a bandeiras despregadas quem quer que a visse. E por isso se sentou de novo. Mas Branca. Branca que continuava apoiada na fornalha como quadrúpede que quisesse trepar. Paredes acima. Olhou-o desusadamente por baixo do cotovelo direito. Alcançou com a mão esquerda a tenaz, passou-a à direita, e cega por um fluido de baba e ranho onde nada existia a não ser visco e seu marido concreto. Seu marido concreto. Arremessou-lhe o ferro que se abriu no ar em cruz e se foi espetar na parede, uma mão travessa acima do chapéu de Pássaro. E Pássaro pregado à cadeira, como se as calças que trazia vestidas. E toda a gravidade da terra. O prendessem ao tampo de madeira pelos fundilhos. Sua mulher tinha perdido o juízo. Porque de trança pendida, e de cabelo no ar, formando uma auréola quase loura de arremesso, as mãos na cintura. Parecia um toiro das feiras, raspando o chão com o pé. E as tendas com os cornos. Pássaro pôs um dedo na testa. E pensou que melhor seria sair da cozinha, desligar a telefonia, e ir pensar para outro lado. Sobre a atitude adequada a tal circunstância. E Pássaro ainda nem se levantara. Mas como chegassem à porta seus três filhos machos para asssistirem à calamidade, achou que de novo a alma de seu pai, muito forte e muito homem lhe falava de debaixo da mesa. Por isso se projectou no ar. Vejam meus filhos. Urrou duas vezes, engolfou os bicípedes dos braços, de força e ar, e avançou para o quadrúpede, animal de cabelo, Branca. A quatro sobre o chão e a fornalha. Vejam, meus filhos. Antes de ele se abater sobre a mulher já ela caía de costas. Francisco, Manuel e Eusébio Volante gritando descompostamente. E os dois. Homem e mulher enovelaram-se num só corpo de agressão, porque Branca revolvia-se como sapo perfurado por pau. E procurava o rosto de Pássaro. Enfiava os dedos nos olhos de Pássaro. Mordia os olhos de Pássaro. Imobilizava-lhe ele as mãos e a boca. Então fugia ela. Ela debaixo dele. Escorregando como se as roupas que Branca vestia estivessem ensaboadas de fresco. As pernas nuas até às cuecas de flores, dois sabres de força. Golpes de flanco, anca e coxa. Aí, aí. Oh raiva acesa e força excomungada. Branca rota e nua, ágil como a cobra que vira voar sobre a cabeça de toda a família da rua, ergueu meio corpo. Apreendido pelo pulso mordido de Pássaro. Abriu a gaveta e retirou de entre os garfos o facalhão de dois gumes. O facalhão de cabo de pau brochado de porca amarela batida, lâmina negra de anos e grunhido de porco, ferido pela papada. A faca na mão. Mas Pássaro. Aí. Aí pelos mortos, e pelos três filhos todos machos que tinham a boca muito aberta de gritar à porta, como se esperassem filar pães inteiros. Aí. Aí Pássaro compreendeu que aquela faca ia mudar a vida. E

enquanto Branca de lâmina em punho, nadava num fluido onde haveria de se diluir todo o sangue que escorreria dentro de instantes pela cara abaixo de Pássaro. Testa aberta por uma estrada vermelha, lábio rachado pingando coágulos roxos como amoras. Enquanto isso. Pássaro sentia que daí a pouco haveria de virar com o pé o corpo de sua mulher sobre o solo, e toda a gente do povo, assomando pelo postigo, vendo o charco no chão, haveria de dizer. Assassino. Assassino. Por isso ele fez três passos em direcção a ela. Camisa desfraldada, braguilha nos joelhos, ventre solto, umbigo envolvido em cabelo. Segurou-lhe o pulso do braço que vinha no ar. Certeiro como um tiro. E a força que imprimiu sobre o pulso foi tão rápida, forte e veemente, que a faca estremeceu e caiu no chão com um ruído de metal. Então os três filhos acharam que era preciso avisar alguém. E todo o mundo. E abrindo o trinco da porta da rua, pediram socorro como se a casa estivesse a arder, e o fogo já lhes devorasse as roupas do corpo. Assim, quando Branca com os olhos cegos pelas pálpebras em crescimento, e Volante despenteado, rubro e sem chapéu, apareceram na rua enovelados um ao outro. Como um corpo só que se quisesse vomitar a si mesmo. Os vizinhos começaram a chorar e a gritar descompostamente. Não porque homem e mulher se arranhavam como ginetos e mordiam como cães. Não. Mas porque nunca tinham pensado que Branca, uma só vez na vida, fosse capaz de outro gesto senão o da obediência, comedimento e castidade. E as escutas intermináveis dos ruídos imperceptíveis. Oh gente que se matam. Grande é a miséria desta vida. Oh gente que deixam três órfãozinhos no mundo. Entregues à vizinhança. Oh gente. Então Manuel Gertrudes apanhou Pássaro pelos ombros da camisa, retalhada de esfiampas triangulares, e disse. Homem que te perdes. E Pássaro ofegante, uma perna de cada lado do corpo de Branca, limpando o suor da cara com a mão, o ranho com o pulso, disse.

– Ficou louca, porque tomou uma pastilha em jejum. Olhem todos para a minha desgraça.

Branca estava estendida no chão. A saia preta enlameada, arregaçada até às ancas. Via-se por cima das pernas claras, a separá-las, um triângulo de flores que se perdia na cintura. Tinha os olhos completamente fechados por papos de carne nascidos espantosamente sobre a estreiteza duma pálpebra. E a boca não tinha forma. Onde estava o nariz da mulher? E por capricho nunca visto nem imaginado, apesar de parecer morta não queria que a compusessem. Nem tocassem na trança. Os vizinhos faziam círculo falando todos tão alto que não se ouviam, e as crianças. As crianças de Branca aprisionadas por um terramoto sentimental de baba e pranto, queriam que uma grande estrela caísse do céu

sobre Vilamaninhos. Sendo dia. Para que não fossem só eles, meninos de José Pássaro Volante, a sentirem na alma tamanha desgraça. E que a estrela fosse súbita, resplandecente, bola de fogo que tudo ateasse e nem houvesse tempo para o mais breve acuda. Mas ao cair sobre a terra molhada da chuva, chiasse tão alto e vivo que todos ensurdecessem da chiadeira, antes de serem queimados. Pensava Francisco. O mais velho dos três. Branca de borco ouvia o cantoneiro. Amo as palavras bonitas, mas às vezes apetece-me ir buscá-las ao fundo das tripas e das fezes. Ninguém se liberta se não quiser libertar-se. Empedernidas as pessoas criaram o jeito de olhar a pila como centro do mundo. E para ficarem com a boca cheia de riso, basta-lhes um pum. Podiam vir mil gestos de libertação. Como ninguém sabe ler os sinais, ficam todos pelo lamento das coisas. Apetece pôr as mãos nos olhos e chorar. E depois se ia como viera, só havendo braços para rebocarem o corpo. Palavras de upa, upa. As reais.

– Consegue, ver-me? Disse Carminha.

– Não consigo, não, Carminha. Apenas um vulto. Disse Branca.

– Conseguiu dormir? Disse Carminha.

– Olha, Carminha. Disse Branca. Tenho passado meses a dormir de olhos abertos. Mas esta noite com eles fechados, não consegui dormir.

– Pássaro, Branca. Onde dormiu ele? Disse Carminha.

– Junto de mim, Carminha. Ressonou toda a noite porque havia muito tempo que não lutava com ninguém. Por isso ficou cansado. E tu, Carminha. Disse Branca. Ainda lhe escreves?

– Todas as noites, Branca. Disse Carminha. E nunca repito o mesmo assunto. Escrevo grandes cartas contando tudo da minha vida. Primeiro desejo-lhe saúde. Depois digo-lhe o que a gente comeu e fez. O que a gente pensou. Tudo o que a gente quer fazer. E falo da grande pena que sinto por ele estar longe. Depois mandamos as saudades muitas. De minha mãe, as suas e as de todos os vizinhos um a um. Depois eu assino, dou um beijinho no centro das folhas e dobro-as em abraço. Meto no envelope, lambo a cola, passo com o dedo para segurar de canto a canto. Colo o selo com a língua. Depois faço um risco a lápis, direito. Direitinho. Escrevo o nome e o número, o esse pê eme, e depois com uma borracha apago o risco, sopro as aparas e olho a carta. Assim se passam estas noites de medo.

Agora as árvores já pingam quando uma pessoa passa, mesmo que tenha escampado. Basta um passo de gente a estremecer o caminho, e as folhas abanam gotas para cima do chapéu de quem vem. Por isso muitos andam de guarda-chuva aberto sempre que saem de casa. E no chão a lama acumula-se, deslavando umas pedras e cobrindo outras, as que estão no meio dos socalcos. Uma pessoa sai de casa com o pé limpo. Sapato enxuto. E vai pela embeiradinha do caminho, aí onde a terra se acumulou, abateu e fez uma plataforma de solo duro. Mas ali abaixo escorrega o pé nos limos verdes, e o sapato de cardas desenha riscos como de aguilhada. E vai ficar enterrado na lama da cova do centro do caminho, por onde ninguém passa. Se não aos saltos, pé aqui, pé ali como rã. A pessoa vai à venda e volta. Regressa com o sapato almofadado de terra, o salto enlocado como de trampa. Que é preciso bater à entrada. Só em baixo o rio. Grande sulco aberto. É uma lembrança de coisa passada, onde foi possível plantar laranjeiras. Colher laranjas. Na borda do rio e do pego. No tempo do avô do avô de José Jorge Júnior. As tardes baixas, nuvens do mar, redondas como bojos de infusa, carregados de escuro. E uma ou outra ave marinha, de estrada perdida, atrás das nuvens soltando pios de mar. Venham ver

uma gaivota. Ave branca, perdida atrás das nuvens. Depois se solta, inconforme e vai. As asas longas. Maria Rebôla vem de dentro de alumiar o santíssimo da igreja. Garrafinha de azeite na mão. Bate com a porta de almofadas de madeira despintada sobre os batentes. Lá dentro um frio e um escuro. Estremecem-lhe as carnes da proa da barba e do cu. As mamas penduradas ao pescoço, entaladas nos braços. Cá fora é outra coisa apesar da chuva. Até por entre as nuvens rápidas o sol aparece. As pessoas levantam a cara e sacodem os sapatos, sobre as pedras, feitos cascos. Por um instante o branco das casas que são brancas fica branco e envidraçado de gotas. As empenas de argamassa cinzenta, lembram metal areado, resplandecente.

Também Francisco Volante viu a ave do mar, e por isso pegou num papel e fez dele um barco. Subiu ao alto do empedrado, por onde ia correndo um regato caído das goteiras, rampa abaixo em direcção ao pontão da estrada. Nenhuma estrela de fogo caíra em Vilamaninhos. Antes a chuva que desanuvia os olhos. O barquinho tinha a quilha de papel quase desunida, a vela aberta, o todo frágil. E no segundo portal encalhou e ameaçou desfazer-se. O filho de Branca vendo isso, pegou num pauzinho de amendoeira muito seco, mas inchado da chuva, e foi desencalhar com toda a urgência o barco de papel. Pôs-se a embarcação a correr velozmente com a água, que descia num murmúrio cantante. Até se encalhar de novo noutro portal de casa. E assim. Barquinho encalhado, Volante descendo. Barquinho encalhado, até chegar à estrada. Quando aí chegou os lençóis acenavam no alto das casas, varando paus e fazendo estalos de vento. Virou-se Volante sentindo o mundo lavado, o ontem e todo o futuro, em constante evaporação. Eh malta, vejam este barco que parece de madeira. Então muitos barcos desceram o mesmo regato, correram pela valeta, sumiram-se sob o pontão. Apareceram na valeta que acompanhava a estrada. Eh maltinha. A tarde fez-se de sol, com uma armada de papel. Contra-almirantes e primeiros-tenentes batiam pala diante da gaivota que fazia círculos e soltava pios sob as nuvens, de vento virado e sul perdido. Diante dessa testemunha. Houve pescas e apanhou-se peixe, vendeu-se peixe nas margens das valetas, comeu-se peixe vendido pelos donos dos barcos de papel. Deu-se dinheiro. Dedos com dedos. Por peixe grosso que iria ser vendido em Lisboa. Até os gatos miavam de rabo levantado. Besa Gato. Piratas também quiseram assaltar a armada. Mas na armada os marinheiros eram mais valentes de músculo e rápidos de flanco que os piratas. Que afinal nem barcos tinham. Então o país de Portugal declarou guerra à Espanha nas ruas de Vilamaninhos. Houve quem gritasse. A eles, a eles. E houve quem respondesse. Pum pum pum. Tau. A realidade era agora uma roda de gritos, e

uma gaivota às curvas, às curvas, piando de mar. Eh meninos. Algum de vocês já alguma vez viu um barco? Eu não vi. Disse Francisco Volante. Mas é como uma cama com velas. E alguém já viu uma vela? Voltou a perguntar o cantoneiro. Eu. Disse Manuel Volante. Mas ela é um lenço de assoar dobrado por duas pontas. Muito. Muito bem. Disse o cantoneiro levantando o malho. E o mar. O mar já alguém viu? O mar, o mar. Disse Eusébio Volante. O mar é como um trigal cor do céu, azul. Vejam, vizinhos. Ah, estes podiam viajar comigo. Em menos de um mês aprendiam a mexer nas alavancas do camião, e a conhecer a rota da estrada sem olhar os marcos quilométricos. Pela sombra, pelas ursas e pela estrela polar. À noite.

Já as nuvens eram redondas como cachos, e rasgavam-se pelo céu como tecidos de lã e espuma. Cor de açafrão. Quando apareceu, vindo das bandas da ponta extrema, nascente de Vilamaninhos. O cantador. Trazia a boca muito aberta de cantar, e os olhos fechados como se fosse cego, tendo o dom de se desviar dos valados e das esquinas, apenas pelo faro. Balançava o bandolim de peito a peito e a mão tremia, fechada em punho sobre a boca da caixa. Como se lhe vibrasse uma verdadeira língua. Vinha sem abrigo nem chapéu, e as botas por atar. Vinha cantando. Apenas as palavras eram tão prolongadas que perdiam o corpo, e alguns sons tão represos na garganta que pareciam sussurros. Cantando. Em fazendes vinte giros. Em piandes vinte vezes. Desfaço a boca em suspiros. Ai ai ai. Em piandes vinte vezes. E continuava a avançar como se viesse encharcado de sumo de uva viva. E todos se afastaram para deixar passar aquela pessoa que sendo só tinha a força de um cortejo. Cantando. Gaivota, mana solteira. Dizia de costas, mexendo apenas os cotovelos, e o braço do bandolim, nunca levantado. Gaivota mana solteira. Havera eu de ser mar. Havera eu de ser mar. Acoitado à minha beira. Oh solteira, oh solteira. Se comigo queres casar. Depois parado, cantando, às arrecuas com o corpo. Gaivota mana solteira. Branca, fofa companheira. Branca, fofa companheira. E a beleza do céu emprenhado do poente, água e uma claridade de fogo, prendia gente ao solo. Reparando nas bandas do mar. Hoje toda a gente sonha, porque há um sinal no céu. Um outro.

Carminha Rosa acordou várias vezes durante a noite. Era um leve bater de postigo. Depois uma telha tinindo na outra. Um conhecimento imperfeito, mas autêntico, de que alguma coisa andava às apalpadelas pela casa. Sem ser gente.

Nem vento, nem chuva. Era um pesadelo nocturno. Um desajuste entre a combinação e a pele. Um desconchavo entre a pele e a carne. Era enfim. Quando a manhã já se sentiria raiar, um ataque de azia. Coisa ácida e mordaz às dentadas no bucho e na veia que vai, e leva, do bucho à boca.

Carminha Parda, podia ver-se através do escuro. Dormindo na casa ao lado. Depois da noite, em que de carta na mão, levantada à luz do candeeiro, dissera. Já está. Coisa santa essa. As mãos da mãe na sombra da parede, mudando as palmas com a velocidade duma sabedoria de hábito, eram orelhas de lebre comendo couve, ou crepitação de chama. Carminha de carta na mão. Já está. Ofício religioso, acção diária, chave de um sortilégio. Palavras já iguais, sentimentos iguais, projectos iguais. Apenas umas linhas novas a indentificar a carta selada e colada. Que viera um pássaro de mar, tresmonteado, andando aflito, ali em Vilamaninhos, à procura de rochas. Pobre bicho. Era grande, mas pelos pios que soltava, parecia filho à procura da mãe. E as mãos da sua mãe, ali, zás e zás à procura das duas braçadas a mais na empreita com que pagava o selo. Fêveras na boca. Olho endurecido de fixidez. Ramal a ramal. Outra e outra fêvera à procura do final da estrada de palma, como dizia. Pronto. Então Carminha estava cheia de si. Carta na mão. Abriu o postigo, esticava a carta ao rocio da noite. A princípio uma grande lufada de ar fresco cuspia-lhe gotas na pele. E a mãe falou. Que me apagas a luz. E era um escuro muito escuro de noite sem lua nem estrelas, nem outro qualquer esplendor. Depois distinguia no breu, a três metros, as vizinhas casas destelhadas. E uns ramos abanando, dando presença de si. Via-se. Tudo parado. Carminha deixou-se estar. Para além das casas, a estrada. Para além da estrada, o mato. Para além do mato os figueirais, e as outras terras, e as outras ainda. Para além de todas as terras, o mar. Para além do mar o sul, e no caminho do sul mais extremo, o bojo da terra, e para além do bojo da terra. No fundo dos escuros, das noites e dos dias. Muito para além de tudo isso. Ainda para além do sul tão extremo, que já passa a ser norte em relação ao que ainda resta, nessa direcção. Dormirá o soldado se ainda por essas bandas for hora de dormir. Porque lá. Dizem. Anda tudo ao contrário. As chuvas e o estio. O frio e o calor.

Carminha Rosa semierguida na cama de ferro, de quatro pernas, pensou num chá de erva-cidreira. Um caldo quente e cheiroso, que lhe empurrasse a queimadura do bucho para o fundo das vísceras. E lhe adoçasse a língua. E dispôs-se a sair da cama. No entanto, com um pé no tapete do chão, Carminha Rosa percebeu que a indisposição não lhe vinha do estômago, mas de qualquer

outra miudeza localizada na borda do coração. Ou mesmo dentro. Dentro do motor. Pensou. Era no meio da caixa do corpo. Apertado como por tenaz em brasa, ou sapatada de ferradura. Isto é o sabor do passado. Disse. Isto é uma espécie de lembrança de coisa vivida noutros tempos. É alguém a chamar-me. Não é azia, nem merece erva-cidreira. Isto é alguém a chamar-me de santa. Santa Maria Goreti, rainha da pureza e escrava do pecado alheio. São as mãos brancas e finas de quem nunca cavou, nem pôs um taipal. Gestos mansos de benzer as hóstias. De baixo a cima. De lado a lado. Carminha Rosa. A azia é um mal bem menor. Carminha dormia no sítio, e como a havia deixado de véspera. Apenas o dia iria já tão alto, que forçoso seria acordar para deitar um ramo de fatana à ovelha. O que queria dizer a magana com aquele balido senão isso? E vestiu-se de postigo entreaberto. Depois era a cozinha o segundo motivo. Onde estava o café? Tirou do armário um saco, um cartucho de arroz, duas velas de sebo de holanda, uma barra do sabão envolvida em pedaços de jornal. Atirou o jornal para o chão, pegou na faca, fez da barra de sabão vários bocados. Aqui sobre a tábua, para endurecerem. Olhou o que acabava de fazer, à procura duma desaprovação antecipada. O cabelo anelado e basto, em leque de ondas e despenteação. Cruzes, que tenho eu? Sentia-se vazia, feita apenas de gestos, perdidas as intenções. Então uma dor física, violenta, nada tendo a ver com a memória dos dedos do padre, apertou-lhe o ventre, e Carminha Rosa. Apressada e descomposta. Pegou no papel de jornal e dirigiu-se à latrina. Era uma casinha de madeira cinzenta. Uma arrabouça de tábuas e frinchas, cor de osga. Antes ajoujada de panelas com buraco, vasos quebrados, um craveiro. Uma arrecadação feita lixo. Mas tudo isso havia sido limpo, queimado e enterrado com a vinda do soldado. Por cima a figueira verdeal era a grande árvore. E a casinha de porta com janelo como bilheteira de circo. Sem a fechar, Carminha baixou-se sobre o banco de pau, sentou-se, e ficou a olhar o céu enevoado da manhã que avançava. Apenas se adivinhava o sol atrás das nuvens num dado ponto do céu. É forçoso que eu esteja doente. Disse. As traseiras da casa, descaiadas pela chuva, ressumavam humidade. As heras trepando cafelo acima. Carminha Rosa passou a mão pela testa. Como assim. Estar ali despovoada de memória a ver a sua própria casa. Reparando em cada caganifância como se a quisesse regatear a um dono que não fosse ela mesma. Oh deus. Esticou o papel de jornal. Havia a fotografia de um homem, rasgada pela bochecha e pelo ombro. Por baixo uma cruz e um escrito. Carminha Rosa soletrou e desviou a vista. Virando o papel um anúncio de vinhos em letras grandes. E uma garrafa desenhada a pontos quase indistintos de miúdos. No entanto essa vasilha era

grande e nítida, e Carminha Rosa pen-sou no dinheiro que gastaria com as bodas de Carminha. Depois um quadradinho, pequeno, um espaço de três dedadas. Letras curtas, circundadas de cercadura ondulada. Ondulado miúdo e invisível. Carminha esticou o dedo e aplicou o olhar atento. Aí. Aí no centro do rectangulozinho, junto da margem onde começavam os discursos. O que se pode dizer num papel de jornal que embrulha sabão e outras mercadorias, que seja tão insignificante que mereça tão pequeno espaço, sendo ao mesmo tempo tão importante que possa vir em letra de forma para que toda a gente leia? E Carminha Rosa, com o dedo indicador apontado, e os olhos convergindo nas letras, pôde exercitar a vista. Leu palavras e palavras. Depois palavras com palavras. E depois pensou nos pensamentos das palavras do quadradinho. E Carminha Rosa quis levantar-se para ler melhor. Se estivesse boa, e lesse de pé, não poderia ler o que inventava de cócoras. Ali sentada, diante das letras miúdas. Daquele quadradinho pequeno como um polegar. Levantar-se. Abanar a roupa. Fazer fugir aquela procissão de luzes que vindo do canto do olho lhe atravessavam o nariz da cara. Eu estou a ler qualquer coisa ao contrário. Disse. E de novo quis levantar-se. E o buraco puxava-a para o esterco, como se tivesse os pés colocados num pântano de imundície, e não houvesse saída possível para a respiração pura do ar. Oh deus, oh deus. Sou uma ilha. Estou enlocada de merda por todos os lados. Com grande esforço levantou as nádegas da tábua. As duas vistas, as duas pernas, os dois braços e todo o corpo lhe tremiam. Estamos perdidas. Estamos perdidas, Carminha. Puxou as roupas até à cintura e saiu do abrigo. A figueira verdeal fazia copa redonda. Virou o retalho do jornal contra o sítio do céu onde parecia esconder-se o sol, e pôs-se a ler alto para ter a certeza de que era mentira o que acabava de compreender. Mas quanto mais e mais alto lia, mais lia a mesma coisa. Então penetrou em casa, depois no quarto onde Carminha, a Parda, ainda dormia. Abriu a janela, sentou-se na beira da cama, estendeu o pedaço de jornal e disse.

– Lê tu, Carminha, que eu há uma hora que estou a ler qualquer coisa ao contrário.

Qualquer coisa ao contrário? Nunca na sua vida leu alguma coisa ao contrário. Porque sempre soletra. Também Carminha se pôs de pé. Olhou a mãe de frente, ainda amornecida da cama, o rosto riscado dos vincos da almofada. Já sei. Já sei. Diz aí que morreu. E começou a gritar por socorro, contra o macio convexo da borda da colcha. De joelhos.

Cheiraste-o, mas nunca roçaste uma única vez a fímbria da tua venta pela pele do seu peito glabro. Cor de terra. Cor de figo de seira no mês de maio. Beijaste-o, mas nunca a tua língua. Nunca o teu beiço tornado roçagante e úbero. Cingiste-o, mas nunca o apertaste a ponto de crispares a pele dos dedos. E o ponto de clivagem entre o teu flanco e o seu flanco. Derreter-se o suor a enxumbrar as roupas. Puseste-lhe a mão no cinturão, mas nunca o dedo te saiu dessa distância. Nunca a palma da tua mão se plantou. Camisa de permeio. Macia e morna contra a pele da cintura. Nunca lhe puseste o cabelo à disposição do seu queixo. Nunca o teu nariz fez um arco-celeste no seu queixo ensombreado de ligeira barba, feita à navalha cada manhã. Nunca a oferta do lóbulo da orelha. Como para segredos. E nunca ele chegou a entalá-la entre os lábios húmidos da sua boca. E no entanto ele desejou essas delícias. E tu não as conhecendo, desejaste dispores-te a tudo o que acontecesse. Agora: Que não colheste fruto, mas apenas cheiraste as flores. Tens um pedúnculo decepado em tua mão. E ficas de cara lavada por chuvas de lágrimas, grossas como uvas, redondas como esferas, a lamentar um corpo. Ainda morno de lembrança. Ainda perfumado de um sabonete espumoso de feno e óleo. A janela da sala é humana. Tem dois olhos de quadrícula branca despintada, de cada lado do nariz. O batente. E uma testa arqueada sob cantaria alta. Uma boca ou umbigo, no peitoril por onde a água corre quando é tanta e arrebatada que entra de qualquer modo pelas ranhuras. E agora as lágrimas. Por um homem de pernas altas e ventre liso como se nunca comesse. Que vinha de camioneta. E eu sempre esquiva. Agora vou ficar com tudo isto para oferecer a ninguém. Uma inutilidade insignificante. Um desperdício do corpo. Oh deus. E ele lá tão longe que já o próprio sul é norte em relação a tudo o que existe. Ele a andar pelo chão, a baixar-se para agarrar uma pedra, um pauzinho. E daí a espingarda a disparar contra o seu dono. O seu cano direito nas suas costas. Mas vai ele a levantar-se com a flor ou o pauzinho, ou o fruto na mão, e a espingarda a descarregar-lhe sobre a nuca onde eu passei uma mão rápida, tendo eu desejado aí deixá-la, pelo menos uma noite inteira. Ou estando ele sentado numa pedra do caminho, e de repente um ruído de pássaro. Então ele voltando-se para as árvores e a espingarda, traiçoeira, desfazendo-lhe as costas com o tiro. Ou então deitado, à sombra de uma árvore. Daquelas sem fruto, só raiz e folha. Um sol escaldante. E a arma ao lado, pousada sobre o mato e as formigas. E vai daí. Vai daí, estando ele a sonhar com ela. Vai daí a espingarda ergue-se no ar, e dispara três tiros entre os dentes do seu amor. Ou outra forma, em que o acaso, por acidente, tenha entrado todo-poderoso. Para mal dos que tanto amavam.

– Agora, mãe, a noite não tem fim porque não vai desembocar em amanhã nenhum.

– E eu não tenho pensamentos. Deixei-os na latrina pouco antes da notícia. Agora que eu queria enrolar o cabelo debaixo do lenço, preto, e dar duas voltas para poder prender com o gancho. Está cortado. E já ouvimos as duas e as três da noite.

– Depois a gente há-de ouvir as quatro e as cinco da madrugada, e a gente não há-de saber o que vai dizer à vizinhança.

– Hão-de fazer pior alarido que no verão passado. Quando pensaram ter matado a cobra.

– E agora. Que já têm a pessoa morta o que não dirão?

– Escreve num papel. Carminha está viúva. Ou antes. Carminha Rosa e sua filha fazem saber às pessoas de Vilamaninhos que o afilhado de guerra morreu.

– Ou então. Manuel Amado, soldado de infantaria número zero quatro nove um nove cinco sete quatro. Faleceu por acidente quando limpava a arma. Muita gente vai chorar. Todo o homem e mulher de sentimento há-de subir a rua, mas só a mãe há-de aparecer ao postigo da porta para não dar resposta nenhuma. Dado que nada sabe.

Jesuína Palha disse. De pouco lhes valeu andarem a queimar toda a morraça. De nada serviu terem deixado emagrecer os bicos que lhes prantavam as cagadelas na rua. Já morreu o soldado. E Macário disse. Já. E Matilde disse. Não cantas agora os quírie eleisão pelo defunto? E Macário disse. Não havera de cantar. E João Martins disse. Pesa-te isso? Se fosse lua nova ou minguante já lá estavas. E Macário disse. Já. E Matilde disse. Disse-me Carminha, a mãe, que está prestes a enlouquecer. Tem ela a impressão de que o nascimento, o crescimento, a despedida e a morte do soldado, tudo lhe aconteceu dentro das paredes de sua casa. E mais. Que aquele desgosto lhe entrara pela janela, sem que ela tivesse dado o mais pequeno passo para que tal acontecesse. E Macário disse. E eu ontem vi Carminha, a filha, atravessar o largo, como se quisesse sair da vila para morar noutra terra. Ainda a chami, e nem se virou. E Matilde disse. Eu ouvi Carminha, a Rosa, dizer que era a segunda desgraça que lhe acontecia em casa. E Macário disse. Merda para as desgraças. E Manuel Gertrudes disse. Eu lembro-me da primeira. Quando Carminha nasceu já o padre tinha sido tresmonteado daqui. Mas antes. Oh antes. Combinavam os encontros entre os penedos do rio. Mas para que isso acontecesse fingia ele pela manhã sair do

povo. E a Carminha pelo meio-dia ia procurar um braçado de erva para os animais. Ela voltava para casa depois do encontro. E ele já noite fechada. E isso para que quando chegasse ao largo. E a gente lhe perguntasse. Onde foi senhor prior. Ele pudesse responder. A Faro falar com o senhor bispo, queridos paroquianos. E assim parecesse verdade. E Matilde disse. Uma vez o padre disse a Carminha lá na sacristia atrás das varas de pálio. Dizem que disse. Aqui ninguém vê nobiscum. E ela respondeu. Vê sim, deus não dorme. E ele, dizem que disse. Fica mais um pouco mecum e tecum que eu ouço deus ressonar, e nunca o vi doutro jeito. E Manuel Gertrudes disse. Estava a mentir à rapariga, esse padre dum cabrão. Porque ele próprio o disse publicamente à prática. Que deus não ressonava, antes fingia, deus. Disse que apenas fingia deus ressonar pelo nariz, mas que ia mirando tudo com os olhos e saboreava a vingança com a boca. Para tarde ou cedo tirar despique do que é feito na terra. Mas afinal, pelo que dizes que disse, mentia à rapariga só para a iludir. E Jesuína Palha disse. Você fala dela como se lhe tivesse algum sentimento. Ou tivesse tido. Mas eu que apenas sou vizinha, culpo-a. Porque ainda antes dessas palavras que dizem que teria dito, já ela levantava as saias diante do pobre do padre, mostrando-lhe a pêra. Vocês que são homens me dirão. O que faria um padre junto duma visão desse tipo? Assim mecum com tecum? E Manuel Gertrudes disse. Bem podia eu ser pai dela, oh Jesuína. Mas ainda agora com o cabelo cortadinho, ela me parece uma moça. E Jesuína Palha disse. Já tem os cabelos brancos, essa de quem fala. E Matilde disse. E agora todos os que tiver doutra cor, cedo hão-de branquear também. Logo vir a morrer o futuro marido da filha, por acidente de armas. E Macário disse. Aí está como vai ser minha. Nunca ninguém a desejou tanto nesta terra como eu, e afinal agora, é viúva dum forasteiro. E Matilde disse. Não fosse você além de aluado durante catorze dias do mês, ainda por cima ser alarve durante os restantes que lhe sobejam do alua mento, e eu não diria nada. E Manuel Gertrudes disse. Que ninguém se ofenda, nem ofenda. E Matilde disse. Se esse que aí está fosse bem aparafusado da memória como os irmãos de raça. Tal como eles. Já cá não estaria aqui a ver cair a chuva. Antes longe, para onde foi e havera de ir, toda a gente que preste. E Macário disse. Pois já. E Manuel Gertrudes disse. Pensem antes no soldadinho morto. E Jesuína Palha disse. Pensem antes nos dias que se seguiram ao voo da cobra. Andávamos emproados de ter visto a maravilha. Ninguém se insultava pelas ruas. E a gente julgava estar próximo o reino dos céus. E Manuel Gertrudes disse. Estar próximo o reino dos céus. Como assim? E Jesuína Palha disse. Ficámos varados, e por essa altura sentia-se o cheiro da alegria e da paz bafejar das bocas da gente. As coisas que

aconteciam num dia. E Manuel Gertrudes disse. Espanto é uma coisa. Entretém a vida e faz com que os dias e as noites sejam mais curtos. Mas esperança é outra. Oh se é outra. Só quando uma geração aparece disposta a penar pela seguinte. A esperança é tão grande que os mortos têm um sentido. Assim, quem lá vai nessa disposição da alma pensa. Vamos morrer pelos que estão a nascer. Porque se lá fossem a pensar que apenas seriam estrume os ossos, mais valera ninguém pegar em armas. Penso no noivo de Carminha. Mas o que sucede é que as gerações que vêm. De mal-agradecidas. Ainda acalcando o corpo dos parentes, já lhes negam a doutrina. E Matilde disse. Parece padre falando. Quem o entende? E Manuel Gertrudes disse. Isto. É que os que vão à luta morrem de olhos arregalados na virgem e de boca cheia de riso. A julgar que cobram as dívidas do futuro. E vêm daí os do futuro, oh gente, olham à volta e dizem. Que porcos foram esses, os que se deixaram morrer por nada? A gente nem agradece ter nascido. Dizem eles. Ah punhão. Ah punhão. Isto é que me mata. E José Martins disse. Homem, que vai morrer de tanto tremer a calva. E Manuel Gertrudes disse. Deixa tremer, que treme a cabeça que já muito viu. Eu queria outra gente, e ando à espera dum sinal do céu. Anunciando. E Jesuína Palha disse. Se pensa em gente com mais altura, mais energia e mais santidade do que a que já existe, está enganadinho, Manuel Gertrudes. Se a sua esperança é isso, é como pôr um cagalhão de cão dentro da gaiola dum passarinho e esperar que ele cante. Ao meio-dia. E Jesuína Palha disse. Enquanto as pessoas forem pessoas sempre se hadem lavar com as mãos, comer com a boca, fugir com as pernas. Para serem feitos hadem entrar por um buraco, e para nascerem, hadem sair pelo mesmo. E cheira-se pela venta, e tem-se cabelo sobretudo na cabeça. E também a gente terá de se abaixar para fazer o serviço. E sempre assim sará. E sempre assim sará. E Manuel Gertrudes disse. Eu falo das coisas da alma e do coração. Não falo das formas do corpo. E Matilde disse. Tudo isto porque morreu o soldado. E Jesuína Palha disse. Eu acredito noutro tipo de esperança. E de milagres, porque os vi saltarem-me de debaixo dos olhos.

Pode-se pensar que em terra seca nunca é de mais chover, porque a água pode desaparecer da vista da gente, mas lá fica em algum lugar preciso. E que preciso não seja. E que venha a sumir-se e a evaporar-se. Só a visão por si, tapa uma falta. A primeira água, arrebatada, essa solta-se em cachão para o fundo da ampulheta. Vinda dos telhados sujos do verão, das aves e dos gatos. E sai pela boca aberta dos seus baixos, ruas fora, até sumir na terra. Manso lastro de água. Mas depois veio o dono da cisterna, põe-se de cócoras junto da ampulheta com

uma rolha na mão. Envolve-a num pano de camisa rasgada, tapa-lhe a boca de saída, e a cachoeira produz-se em bolhas transparentes e brancas. Faz um remoinho de leve espuma como se procurasse saída, e o som da fartura líquida é um gozo de alma. Pode entrar na cisterna de alvenaria, e subir durante os dias e as noites até ao nível do eirado. Aí chegando já está. Mas as fendas com o passar dos anos, os abalos de terra, são uma porta aberta. E depois os escorropichos do céu no mês de maio apenas chegarão para pin-tar o cimento de manchas espalmadas. José Jorge Júnior mete a cabeça dentro. Agora sim. Pode Maria Rebôla vir destapar as ampulhetas. Está feita a reserva da casa. O meu juízo ainda dá para isso. Oh gente. Encapotado e sentado de encontro ao tronco da palmeira da sua rua. Passando uma mão sobre a outra. Chova que chova. Se não corre pelo leito, nem se vê nascer do chão, que caia do céu e se derrame pela terra, ensopando-a. Nem que para isso seja preciso este bolor nas barbas.

Branca estende a colcha sobre a cama. No olho esquerdo apenas já uma sombra de negra verde e violácea. Mal se adivinhando. Como se por aí tivesse passado um dedo sujo de tinta. Leve dedada. Agora que apenas falta uma cercadura em ponto cadeia de seda lilás e verde-salsa, acontece-lhe ter de recuar até à porta. Receia e não receia que o bicho se solte do pano, levante voo, e batendo-lhe com a barriga de escamas, na cara, a faça cair desamparada no chão. No entanto ele saiu dos dedos. Estes. Branca estende as palmas das mãos, viradas para baixo e para cima. Mas os filhos dizem. Avoa, mãe? Que disparate. Então não o viram bordar? Se passarem a mão por cima, não encontram debaixo de cada dedinho de vocês, as linhas e as missangas iguais às que estão ali dentro do saco da costura? Que espantação é essa? Avoa agora. E Branca desmente. Pelas madrugadas húmidas e bafientas do inverno longo, Branca acorda com os rumores distantes. Da água caindo nas folhas muito antes da nuvem chegar. Do ruído das ondas das praias. Branca ouve, mas nunca viu. Um tumulto alagado. Dizem. Às vezes ela dá com uma faísca de olho a perpassar-lhe na cara. É Pássaro. Um relampejo. Como se desde então receasse as pastilhas brancas. E diz-lhe. Peça inteira de um pescado a saltar na areia. A cavalgar em osso. Porque não abanas? Não abano como? Perdi o uso, Pássaro. Antes sempre abanavas. Isso era o vento que me dava na espinha. Pássaro fez relampejar o olho pela cabeceira da cama. Brilha assim desde que foi da pastilha. Mas Branca fica com o corpo pegado ao colchão. Mesmo que o sol se levante. Uma colcha acabada. Onde colocá-la senão na arca? Senão na arca? Um bicho de penas de missanga, língua de oiro, a voar no pano cru? Como se fosse desalvorado numa carreira de assombro? Avejão de garras? Recruta de fastio e nojo?

Lê aqui, Carminha. Agora, minha mãe, tenho asco às letras. Leia a mãe soletrando, que eu não. Então Carminha Rosa abriu devagar, rasgando pelo lado. Primeiro as arestas do envelope, e de dentro saiu um papel de letra magra e deitada para a frente como se fosse cair sobre as linhas. Não traz selo nem remetente, e foi metida pelo portal. Se lesses verias. Parece vir cheia de ses, e todas as condições impostas à noiva. Tó diabo, Carminha. Ainda por cima te chama viúva triste, e se queres ser alegre. A segunda, Carminha. Esta vem pelo correio público. Ah esta sim, Carminha. Esta merece resposta. Resposta dada e mandada pela mesma via. Mas Carminha, a Parda, tem os braços levantados diante da janela transparente olhando as casas de fronte. Perdidas as carnes faceiras. De mãos erguidas de encontro ao vidro, como se quisesse levantar voo, e uma gaiola de membros terrestres a prendesse ao solo. Para quê, minha mãe. Preferia agora que já ninguém me escrevesse nem se falasse de mim. Qualquer ser ou figura a quem me liguem será um desconcerto. Chegue quem chegar. É uma coisa velha e descomposta. Só queria ver o tempo passar.

Mas vendo Macário acordar vêm os pensamentos. Uma pessoa levanta a mão para o ar. O redondel da terra quieto, sem um bafo de nada. E a lua a acenar, a acenar. E ela nada. Disseram que sim. Que de motor se pode lá ir ter. Mas que não vale a pena. É só poeirada. Diz que uma pessoa põe os pés e há uma altura de pó. Velho, velho. Que não segura a gente. A gente em caindo lá. Dizem. Pode afogar-se nessa poeira nojenta. Mas também se a gente se levantar. Com um pulinho. Tudo aquilo abana, e a pessoa pode subir por cima das alfarrobeiras. Que lá não há. Às vezes uma pessoa pensa que tudo isso é uma grande mentira, invenções de gente que diz que sabe mas não sabe. A lua é uma outra coisa, a acenar a acenar toda muda, mas ninguém lá chega. No entanto fascina. Quando fica vaga mingua a gente. Claro que nuns quase não se sente essa vaguidade, mas noutros. No Macário. É um desconcerto acabado. Ou dorme ou faz bacoradas. Tendo no entanto às vezes um juízo de assombro. E a lua a dar a dar, a rir como se tudo estivesse bem, e a magana fosse a dona das noites. Às vezes tem círculo sem estrelas dentro. E chuva que vem no ar. Às vezes dentro do círculo tem estrelas. É vento. A magana ri da gente, muito muda, mas às vezes a magana fala.

Branca atiça um ferro de engomar, abanando o ar sobre os carvões

incandescentes. Mal pouse as mãos no regaço, cobrem-se as brasas de poalha cinzenta, um leve fumozinho de vento atiçando. Tem a colcha aberta sobre a tábua de engomar, e tudo o que seja cadeira e banco. Para lhe sustentar as pontas. E Pássaro com um cotovelo apoiado sobre a arca, olha para a nesga da porta. Dá para o quintal e as bestas abanam as caudas compridas, coisas independentes, seres franjados dum lado a outro. Preciso que me digas, Pássaro. Uma vez acabado o trabalho, o que queres que faça disto? Pássaro vira a cabeça, tirando o chapéu. Tudo o que possui. Possuiu e possuirá. Poderá perder. Se não é que perdeu algum bem tão evidentemente perdido, que todos o lamentam. Sem falar. Mas mais quem come contigo à mesa. Andam as três certezas abaladas. Sobretudo desde o verão passado quando uma mula em plena courela de alfarrobeiras lhe saiu das mãos dando o fora e ainda não voltou. Foi o sinal do céu mais evidente de que tudo o que possuis te pode escapulir das mãos imprevistamente. Através das bestas, teu primeiro bem. E que terás de mudar de vida. As bestas não só enlouquecem como cada vez apresentam mais moléstias. Conhecidas e desconhecidas. Para além de que se reproduzem cada vez menos e por isso custam cada vez mais. Ah cego de ti sobre os sinais dos tempos e a linguagem das bestas. Gostas do cheiro do coiro e do suor das ancas meneadas. De as nutrir de aveia e palha fina. Vêm para a tua mão em pele e osso, desferradas e com crinas de palmo, e quando vão daqui enchem os atafais de manteúdas que ficam. E com elas exercitas a voz de comando. Dizes. Alto. Parem. E elas param. Andem. E elas andam. Vá. E elas trotam. Mas o cantoneiro fala de outra forma e diz a Branca. Senhora dona, dentro de pouco tempo ninguém saberá o que é isso de atafal, cilha ou cabrama. Uma sobrecarga, um cabrestão. Ninguém distinguirá um melim dum varal. Uma peia duma trave. E ele vai ficar agarrado a esses objectos, tornados despojos do passado? Dentro de pouco tempo quando as bestas defecarem. Todas as sedas dos rabos espetadas para o ar. As pessoas hadem tapar o nariz. Acharão o cheiro pestilento. E os teus filhos dirão. Fadorento. Mas ele. Pássaro. Ainda a remirar-se no doirado dos benicos. Pensando. Comeram erva. Comeram fava. Sim. Dizia o cantoneiro entornando o resto da água sobre uma folha de malva.

Ainda ontem Pássaro procurava a mulher na cama, e ela vá de se fazer de morta. Então ele de levantar a mão para lhe chimpar a cara. Porque com as bestas, um homem dá aveia e elas comem, mas se lhes der só palha, acabam por comê-la e ainda por suspirar pelo dono quando lhe pressentem os passos. Suspiram e regougam. Não guardam rancor. Às vezes dá-se-lhes na pele, e elas apenas encolhem o lombo. Quando muito um pinote. Voltando a dar cevada e

aveia, elas riem logo a um homem. De orelha estendida. Menos a mula Menina, que se foi. Mas com as pessoas é diferente. Porque cada bocadinho que lhes tires uma vez, nem mais por isso, as poderás compensar. Embora as pessoas possam disfarçar as mágoas.

Branca dobrava a colcha ao meio da casa, de forma que o dragão indobrável ficasse num rectângulo. De fora. E perguntava. Isto é para guardar? Pássaro mudo olhando as paredes. Arranji este jeito de ser e vida, e agora o que pode um homem fazer? O cantoneiro José Maria disse. Senhora dona. Veja os camiões. Aprecie. Mas as bestas são cada vez menos domáveis e mais lentas. E às vezes olho Pássaro. Quando anda apeado arqueia as pernas como se sentisse saudade das montadas. Até nos ossos. Para além de que a pele dele e o coiro da albarda já devem ser uma e a mesma coisa. É ou não é, senhora dona? E Pássaro sem ver a colcha. O que possuo eu além da casa deixada por meu pai, muito homem? Apenas bestas que levo e trago. Duas dúzias de notas escondidas numa terrina da sala. Pode-se contar pelos dedos. Três filhos medrosos da minha voz de quem já começo a desconhecer o escrito da masculinidade. Uma mulher tão muda e pasmada. Essa. Que se não se perfumasse ao domingo mal pareceria existir. Uma vizinhança assombrada da minha chegada, falando-me em coro como se eu fosse forasteiro. Forasteiro que acabasse de aparecer na vila e trouxesse sinais de peste na testa. Eu próprio os sinto unidos contra mim por uma coisa invisível e muito secreta. E eu já só lhes falo a direito quando montado nas bestas. Chateia-me aquele disse que disse. Às vezes penso que se fosse possível entrar em casa, dormir e comer a cavalo, outro seria o amor da mulher pela minha pessoa. Então Branca sentada com a colcha no colo. Pensa pelo pensamento do cantoneiro. Este, Pássaro. Vive desde os tempos de embrião e feto empedernido duma ferocidade que não é sua, mas de quem o permitiu e fadou. Porque deus nos fez em cadeia para sermos escravos uns dos outros. É ou não é, senhora dona? Diga-lhe que é bom que ocupe o espírito com pensamentos sobre o que poderia ser se não fosse o que é. Mas repito. Em breve ninguém saberá o que é um arado. Vão perguntar aos velhos o que é um timão, um aiveco, uma rabiça, um tirante. Para que serve a relha e o gancho dela. Mas nem eles. Que já terão perdido os dentes. Saberão responder, porque lavrar cairá em desuso. E não porque não seja preciso, nem bonito lavrar, mas porque mesmo nas horas de geada e frio, o lavrador sua e chora sobre os torrões. Oh, esse Pássaro. Anda a perder os seus dias. Porque tudo o que estou a dizer são lampejos de razão. Há aqui um momento morto entre duas coisas. Dois mundos. Duas horas. Um compasso de mudez. À procura duma saída. Mas um dia, senhora dona, os camiões hadem

lavrar. Grandes motores, em vez de burros. Noutras terras já os há. Repito. Ninguém fará ideia do serviço prestado pela barrigueira.

Assim por uma tarde. Estavam as nascentes vigorosamente abertas nas baixuras. As rãs cantavam um recanto rouco à beira das casas. Patas elásticas. Domingo. Quando se apeou da camioneta verde-lama um homem que nunca ninguém tinha visto. Trajava um fato de linho branco como se fosse verão, mangas curtas com revirão como se fosse mulher. E para caminhar apoiava-se numa bengala preta esculpida. Sendo no entanto novo, perfeito, e tendo um bigode fino e aparado, acompanhando toda a comissura dos lábios. Os vizinhos da terra que viram um homem atravessar o casario habitado e dasabitado, enfeitado de tão singular apoio e com um passo tão determinado como se fosse filho do lugar, ainda pensaram que se tratasse de algum emigrante vindo da Argentina para vender a casa do pai. Mas ninguém se lembrou de ter ali havido alguém parecido com esse homem que subia. Por isso, quando começou a galgar a ladeira de pedra que levava às últimas casas da vila para nordeste, todas as pessoas que pressentiram a novidade saíram à rua. Mas só as crianças tiveram a coragem de o acompanhar de perto. Habituadas que estavam. Uma vez por ano. A seguirem a guarda montada a cavalo, estoirando sobre o lajedo. Quando viram, porém, que o homem avançava resolutamente para além da terceira casa desabitada da ladeira, todos sentiram um baque de certezas no coração. O homem dirigia-se a casa de Carminha Rosa. Realmente as crianças, que acompanhavam vinte passos atrás, puderam ver que de dentro alguém abria a porta ainda antes de o visitante ter transposto o primeiro degrau. O homem entrou sem hesitar, menos do que tempo de limpar um pé no tapete, e fechou a porta atrás de si como se fosse visita velha. Os postigos ainda estremeceram com a pancada por alguns momentos. Mas depois tudo voltou a ficar parado na rua como se ninguém tivesse chegado. O céu de velhas nuvens, paradas. Então nos pátios e nas varandas os vizinhos começaram a interrogar-se sobre a natureza e origem de tão estranha figura. Como? Você se alembra do noivo de Carminha? Morreu por acidente com uma arma de tiros, longe das batalhas. Sim. Quem não se alembra? Apenas com vinte e dois anos de idade. E do nome, você se alembra? Manuel Amado, chamava-se ele. E ela diz. A Carma Rosa. Ela diz que lá na casa dela a desgraça é fêmea e macha. Porque mesmo sem homem se reproduz. Mas afinal ela mesma anda à procura deles. E abre a porta a um qualquer. E este? Este parece um ser vindo dos astros. Onde se viu? De braços à mostra, num tempo destes, com esta viração do norte? Era melhor subirem e

perguntarem. Mas depois. Seria melhor esperar, porque havia muito tempo para se saber do sucedido. Jesuína Palha, que tinha vibrado o golpe mortal na cobra. Com uma cana, a meio do verão passado. Contradisse tal opinião. Há tanto tempo à espera da decifração dos sinais. Será este, oh virgem? É demasiado longa a espera de uma tarde inteira. Ao que uma adolescente ainda menina, de pulso e artelho franzino. Longe de possuir ancas. Acrescentou que melhor seria ficarem todos em suas casas, enquanto ela própria ia perguntar quem era, pedindo um copinho de água como se viesse a passar de regresso dos matos. Então os circunstantes preveniram. Primeiro tens de pedir água. Depois tens de perguntar se estão boas e se estão sozinhas, em seguida perguntas quem está, porque ouviste vozes ao passar. Donde veio e o que pretende com tão estranho fato. E a menina, de pulso e artelho franzino, preparava-se para ir dar a volta ao povo, e poder entrar pela saída nordeste. A ponta empedrada da estrela de ruas. Fingindo vir dos campos. Quando a porta de Carminha Rosa se abriu e ela mesma, vestida como se estivesse de abalada para Faro, se dirigiu às vizinhas. Tinha puxado o lenço para a frente e mão direita levantada, falava com muita gravidade. E disse. Carminha vai tirar o luto porque arranjou segundo noivo. Voltou costas e meteu-se em casa. Com a mesma pressa da saída. Como se ali tivesse vindo para dar a justificação, e a justificação fosse necessária por obrigação. Que forma desabrida. Esta mulher. Regressaram pela descida do empedrado, ervas e lama. Ah, seja quem for, este é o segundo que vem de camioneta. Ainda bem que Macário está a esta hora ressonando as suas maleitas, de outra forma era capaz de lhe acertar com uma pedrada no coiro do cabelo. E Jesuína Palha deixou cair os cantos da boca por desalento. É muito duro esperar em vão.

Carminha agora diante dos vidros das janelas. O pó desenhava escamas, fino véu de malhas, camadinhas curtas pintalgando o todo e a transparência. O balde cheio de espuma branca, e Carminha Parda em meias sobre a cadeira levantando o braço, mão encharcada de pequenas bolhas. Custa a crer tão lenta meneação. Carminha ali. Assim de baixo para cima. Abrir agora a transparência para quê? Para que o casulo da casa se esburaque para a rua, e se veja o que lá se passa? A primavera a vir atrás dos ventos de leve fúria, nuvem desgarrada no céu? Antes assim. Assim os vidros. Em vez de abrir o casulo de coisas opacas contra a verdade do sol aberto, nuvens abrindo e fechando o redondo do céu. Parar as acções. As bolas de espuma a sumirem na superfície do alguidar e a janela já translúcida de poeira. Fugir dessas recordações. Antes a figueira do quintal.

Partir um veio do verso das folhas, e a seiva branca de leite sair das nervuras. Das folhas e dos gomos. Gotejar sobre o chão. Entornar-se o leite azul e aquoso das folhas. E assim parada, Carminha, agarrada a esta interrupção. Aquele cheiro de folha de pele doirada, rosto imberbe. Corpo inteiramente arfante dentro de uma farda de terilene e boina. Rosto aberto, olhos descidos. Depois o cinto por onde metera os dedos, uma leve escapadela, ali posto no lugar a apertar o baixo das costelas, flutuantes a um leve arfar da boca. E esta cosida com um espasmo de beijo. E o todo dentro da caixa de pinho. E a caixa de pinho cheia de todo que ali estivera a passear no quintal com um estalido, ranger de botas sobre folhas de romãzeira. Tempo. Nada regressa. Pensou Carminha Parda. Nem se repete. Agora o sargento. Vindo atrás das sombras. Como uma ave piadora. Ele, Carminha. Tinha nesse momento ao lado do corpo uma arma que dizem laite. Desencaixou-lhe a coronha, tirou-lhe as balas, pôs-se na limpeza. Depois estavam a conversar. Houve alguém que disse. Uma arma. Há gajos que andam chateados da vida. E um gajo chateado com a vida olha para este cano, aplica-lhe o olho como a binóculo, e lá dentro vê o paraíso. Se o gajo é coxo, fica com duas pernas sãs. Se o gajo é maneta fica com as duas mãos. Se o gajo é cabrão fica sem os cornos. Se o gajo anda teso, fica abastado. Então a pessoa em questão levantou a arma e disse. Apontam-na assim? Nas fontes? Fez o gesto, e zuz. Zuz. Uma detonação da arma que se chama laite. Ficou com os olhos virados da surpresa. Estava ele na imitação dos outros. E vai. Ele próprio vê o paraíso. Podia-se dizer que o gajo estava a gozar, com os demais, os gajos que viravam os canos contra a cabeça. Muitos são assim. Poucos ficam nas batalhas. Uns todos desfeitos, outros feitos. Se queres saber. Mas passados meses é tudo igual. Aos que levam um tiro acima das fontes voa o tampozinho da cabeça como testo de púcaro. Às vezes os olhos ficam espantados. O que é isto? Parecem dizer. Não chores, Carminha. Vida nova. Tens as tuas coisinhas. A boda em junho. Mostra, Carminha, as tuas pernas. São assim torneadinhas até lá acima?

Antes ficar sob a figueira abanada de vento e gomos tuberosos. Fazer uma caldeirinha de terra. Chamar as meninas. Venham. Fazer montinhos com as duas mãos. Limpá-las depois nas abas dos vestidos. Descer as cuequinhas. Agachar o corpo, afastar as coxas sobre os montes. Onde com o cotovelo cada uma já fez sua cova, aplicando o redondo do cúbito, como formato. Depois, olho aplicado sob as saias, encher as caldeirinhas de xi e água loira, como de azeitona britada. Enchi a minha sem rachar. E eu, e eu. E eu. Ou um jantarzinho de serralha. Com água e figo. Pão miudinho. A fervura de dez segundos, a refeição de trinta, pela boca de uma boneca de trapo. Ou gritar cucu e olhar a renda da chaminé de cal,

até alguém dizer já vale já vale, e outra coito coito. Antes isso. Pensar nisso. Com as folhas da figueira esboroadas nos dedos. Leite a escorrer até ao entremeio, e aí pegajoso. Ele era alto, seco e húmido. E tinha um riso de cão pequeno. Um ar de fruto. Um ar de fruto e um sabor de fruto fresco.

O cantoneiro disse. Tirem o cavalinho da chuva, que nada anuncia nada. Tudo acontece desligado. Mas aqui não. Ficam à espera que duma cobra saia uma voz. Das moscas venha a chuva. E agora que dum morto saia uma morta. E Macário disse. Mas há homens que anunciam outros. E João Martins disse. Estás tramado amigo, com este segundo. E Matilde disse. Traz bigode, bengala, e não é soldado mas sargento. E Jesuína Palha disse. É tudo igual. Também vem e vai de camioneta. Passarinhos de arribação. E Macário disse cantando de uma só vez. Oh cobrinhas do monturo. Já descem aos cagadoiros. Tem a vidinha no duro quem porqui acha tesoiros. Acha tesoiros e tesoiros. E Jesuína Palha. Filho, falas e cantas com um despeito do tamanho dessa torre. Mas tu me alembras o meu feito. E João Martins disse. Falar aqui, o Macário, da cobrinha, é uma maneira de fugir ao assunto. O cantoneiro disse. Macário é como eu. Diz frases de fantasia, mas fala de si mesmo. Sim, quem, me ouvindo falar, sabe por quem suspiro desde que deixei os camiões? E Pássaro disse. Também eu ando lixado com a puta da vida. Desde que me fugiu essa besta. E Jesuína Palha disse. Está enganado. Toda a gente anda assim desde que há desconhecidos na terra. E Manuel Gertrudes disse. Tenho estado a pensar em palavras aqui ditas. Pois eu acho que um visitante explica o outro. E Jesuína Palha disse. Isso também é verdade. Este que é sargento não vem só ao sábado. E Matilde disse. Vem também ao domingo e à quinta-feira. E Jesuína disse. A Carminha lá lhe dará o licor de tangerina. E Macário disse. Será isso o que o faz falar? E Manuel Gertrudes disse. Com sua licença, realmente ele tem um badalo na língua. E João Martins disse. Com licença de quem? E Manuel Gertrudes disse. Dos meus superiores. Não te esqueças que eu fui à guerra e aprendi a etiqueta. E Jesuína Palha. Como havíamos de saber que Carminha Parda tinha escrito uma carta de resposta ao pedido de madrinha de guerra? E que fora a pessoa do sargento Marinho quem comunicou. Na devida altura, e à família do soldado. O triste acontecimento? Assim sabemos tudo. Disse até, aí sentado, que já lhes deu dois contos de réis para lençóis de enxoval. Disse mais. Que ele tinha dito. Quero lençóis alvadios. E que as maganas compraram-nos todos brancos, tal é a mania que a Carma Rosa tem de se imaginar a mexer em anáguas de padre e outros paramentos. E José Maria, o cantoneiro, disse. Esse, dizendo isso, desenterra o

morto para lhe mostrar a cara, com dois meses de sepulto. E Jesuína Palha disse. Desenterra o morto? Que importa se fala dos vivos? Diz que teve a ideia de vir pedir em casamento a Parda, porque soube pela boca do soldado ser ela formosa e virgem. Oh Macário. Bem podes cantar hossanas. E laudamos, oh grande cantador. Diz que vem buscar a Carma nova para a levar para uma casa grande, limpa e noutra terra. E esta? E Manuel Gertrudes. Acalma-te, amigo. Toda esta gente tem raiva de guerra mas não sabe como nem contra quem fazê-la. Oh poças. E Macário disse, cantando. Se eu possuísse uma língua. Que cuspisse tudo o que penso. Eu havera de amandar-te. Ai eu havera de amandar-te. Dez navalhas de má senso. E Manuel Gertrudes disse. Descarrega aí, cantador, sobre a figura desse homem. Com sua licença.

Na antevéspera do primeiro domingo de maio. Maria Rebôla abriu a porta da igreja com a chave e as almofadas do cu. Batendo contra os batentes. Para que o bafio saísse pela porta, as aranhas tomassem seus esconderijos, e os morcegos caíssem de podres sobre a luz das lajes. Aí seus filhos da puta. Então a rendazinha do altar foi tirada de sob as pagelas, e os castiçais, e lavada na pia de água benta com sabão e água de jarro sem benzedura. Depois sacudida, a espirração da água contra as paredes do sagrado. E depois ao sol no estendedoiro da sacristia. Casinha pequena, com quatro azulejos, ensombrando de azul a claridade da clarabóia. As teias das aranhas. Na véspera, dia de sábado, Maria Rebôla estendeu a renda sobre o altar, pôs campainhas nos solitários e vasculhou o manto de nossa senhora. As manchas de bolor, do tamanho do calo das mãos. Pareciam de óleo. Desde que o padre Pardo se fora, trotando com olhar de mártir sobre a anca da mula, nem mais. A virgem pingava farrapos. Silêncio e opróbrio. Coroazinha à banda, mãozinhas ladeando o coração crivado de espadas-dores. Espetado de lanças douradas. Olhando para baixo, para a cabeça dos fiéis ausentes. Maria Rebôla disse. Parece que a senhora chora. Mas quem raio tem vontade de entrar aqui neste algueirão de sombras?

Queime-se eucalipto e folhas de rosa. Não. Antes um pouco de rosmano. E com um vasculho tirem-se as teias maiores. As que vierem ao de cima. As outras, em abrindo-se tudo o que for porta, o vento mesmo as sacode. Amanhã já o novo saiu, foi-se aí pelos caminhos. Quando o senhor prior de Faro chegar, e parar na sua viatura de motor à porta, há-de abrir as narinas para dizer. Quão cheirosa, irmãos. Quão cheirosa a rusticidade. A mão delicada como se os dedos

palestrassem, só. Começaria a missa.

Mas só pela tarde de domingo o sol abriria as asas. Brilhante, e as casas apareceram resplandecentes de musgo e sombras de antiga cal. Como se acabassem de ser recuperadas de um mundo submarino. Os vizinhos sentiram que todas as coisas estavam verdes, e que o leito sem água era insignificante entre as baixas linhas da terra ondulada. Por isso a taberneira abriu as duas metades da porta com os joelhos unidos, deixou que um rectângulo profundo de luz invadisse a venda até ao balcão, e espreguiçando-se no limiar, ajeitou um molho de orégão. Pendia da cantaria preso por um laço de guita. Ah que linda missa. A gente sente o coração lavadinho. Tenho a garganta apanhada de cantar a mira culo sa rai nha dos céus. A gente expurga o mal cantando, fica limpo, cantando à virgem mãe, maria santíssima. E Lourenço disse. E deus mandou um lindo dia. Inseguro, mas lindo. Inseguro porque. Se você observou. O círculo da lua era um cardume. Vai vir um vento rijo. Mas hoje, louvado deus, que lindo dia. Então uma revoada de cães que se cheiravam puseram as patas no portal. Indecisos. E a taberneira disse. Xô canzoada. João Martins abriu os olhos e ergueu um pau que lhe ficava à mão, e estava entre uma saca e a porta, e mesmo sem se levantar enxotou os cães. Ladrem nos montes, seus perros. No entremeio das pernas é só pulguedo. Vizinhos vinham chegando. Um resto de coletes e cadenas de oiro, tilintando nos ventres a missa acontecida. Já me tinha esquecido dos mandamentos. E a mim. E os que vinham chegando, traziam os rostos franzidos pelo súbito sol, que sem um farrapo de nuvens se entornava sobre as casas. E caldeava as imagens das coisas e dos seres entre as pestanas da gente. Então João Martins experimentou uma alegria extrema por se sentir completamente sóbrio. É chegada a hora da molhadura. Cada um pode começar a pingar-se à vontade porque hoje foi dia de missa. E deus fez vir o sol para aquecer o piolho da gente. As terras, vizinhos, que se danem. Cresça o restolho. E isto é pela primavera. Então um vizinho vendo os cães entrarem e saírem resolveu sentar-se e dizer. Quem havera de dizer que deus fez os perros ainda antes da gente. Aperfeiçoou os dedos e a arte com eles. Dizendo e bebericando devagarinho. E nessa altura. Ainda hoje um pergunta. Donde vens, para onde vais. E o outro responde. Vejam além. Se quiseres saber tens de cheirar por trás. E isso porque a determinação das idas e das vindas destes animais não se localiza na cabeça. Como imaginamos. Mas no traseiro, que é centro de órgãos mais importantes do que os da gente no mesmo sítio. Assim. Vejam, vizinhos. Tanta cheiração antes de se decidirem. Aí estão eles. Olhem todos. O céu

brilhante. Fechavam-se os olhos e viam-se estrelas de luz. Tremeluzindo, brancas, azuis e amarelas. Despiram os casacos. Isto é já uma tarde de domingo de franca primavera. Pode-se ficar com colete, chapéu e man-gas de camisa. Os cães passavam de novo cheirando-se e mordendo-se. João Martins atirou uma batata do monte. E os animais nem sentiram. Apenas um deles ganiu por instantes num fio de ladrido muito fluido e muito breve, e a batata. Uma batatinha de pele cor de gente. Ficou entre a calçada, com um ligeiro salto. As casas resplandeciam sob o arco do sol a dois palmos precisos para a direita do zénite. E os vizinhos com os beiços presos do bordo dos copos estoiravam as línguas. A tarde aquecida. Por isso as rãs se metamorfoseavam num ápice de calor e água. Ouviam-se os gritos de coaxo, corda vibrante de pele e ar. Um arquejo de som. Mas falta aqui Macário.

– Não vem, vizinhos, não vem. Receia encontrar-se com o segundo noivo de Carminha.

Mas lá por isso. Continuou João Martins. Não vamos deixar esta tarde cair na moleza dos pensamentos. Ainda esta noite eu tinha um cestinho de figos. Pequinichinho, pendurado dum telhado. E como não soubesse o que fazer do cesto, resolvi comê-los e deitar fora o cesto. Mas nesse sonho o cestinho tinha-se habi tuado de tal maneira aos figos, que me obrigou a comê-lo também. Oh carago de vida. Que a força do sonho foi tamanha que pela manhã vim a acordar cheio de dores, plantadas como turquês à volta da boca do estômago. Então Lourenço disse dos seus. Que eram tão tão parecidos com a vida, que quando acordava já se tinha esquecido de tudo. E às vezes acordado, julgava-se a dormir e a sonhar. Manuel Gertrudes pousou o copo. Oh Lourenço, se isso te acontece é porque já não cavas e só magicas na forma de mudar de vida. Com a enxada nas mãozinhas, ó possas, a gente sabe que está acordado. Mas eu se sonho é comigo mesmo noutro estado. Sou uma toupeira metida num buraco, cavando, cavando com as patas em frente dos olhos. Mas oh vizinhos, que quanto mais cavo, menos vejo. Chego como esta noite a minar toda uma nação à procura da saída. Mas agora, vejam, vizinhos, que hoje o sol continua parado. E aí vem um grupo de raparigas descendo a rampa. Tão formosas, vizinhos. E Carminha, a filha, a mais de todas. Pois eu. Disse outro. Esta noite possuí uma mulher jovenzinha e rosada, mas vejam como são as coisas. Quando me dispunha a pagar-lhe o acto com uma nota de cem mil réis, não é que reparo ser ela a virgem maria em pessoa? Pôs as mãos no coração, cobriu os seios. Redondinhos, redondinhos. Com o manto levantado, e fingindo-se ofendida, quis mandar-me para as profundezas do inferno. Como se a tivesse violado, e fosse a primeira vez. Tiago

também quis contar. Mas o que acabas de contar tu. Oh Marçal. É tudo pura mentira. Que quem não mente não conta aos repelões. Tu pensas no momento de falar, e isso é prova de fantasia. Nesse instante, porém, Matilde incomodou-se de mais. Os cães surgiam cheirando-se e revolvendo as caudas, umas atrás das outras. As raparigas faziam círculo à sombra da palmeira. Grandes dedos de folhas, estiriçados a partir do pé. Vinham vestidas de castanho e verde, e só Carminha tinha uma saia de lã amarela, e era a última da ponta. Roçava a parede no andar, o cabelo preto asa de corvo, azul de carvão, estendido sobre a blusa amarela também. Manuel Gertrudes disse, olhando-a. Macário está a dormir desde anteontem. Respira bem, mas o juízo estancou. E puxou o relógio do fundo da algibeira. A camioneta da tarde que trazia um só passageiro parou afugentando os cães. Resfolgava um ligeiríssimo pó que trazia no dorso, e mal parou, partiu com a pancada da porta. Sem passageiro nenhum. E Matilde Santiago, que reparava do balcão pôde dizer. Chega o senhor sargento Marinho.

De fato fresco e claro mesmo para um dia de sol. E desnecessariamente apoiado numa bengala preta. Como sempre. De cabecinhas esculpidas com olhos fechados. Boas tardes. Sob o casaco-camisa, os braços eram rolos de músculos que se mexiam como animais independentes. Falou da saúde de todos. Tudo bem? O seu corpo ergueu-se diante da vizinhança. Depois da boa tarde o que se pode dizer perante o segundo forasteiro? Mal caído no seu corpo, o seu vinho era mais lento, mais grosso e rubro. Mosto do céu. Pensava Matilde. A grossura do vinho depende também da mão que segura o copo. As raparigas subiam e desciam a estrada como bando de aves em pasto. Via-se Carminha descer entre as outras. Passava um dedo por portas e cantarias e não olhava os homens. Mas sabia. Que havia uma cadeira listada de lona, azul e vermelho no pano do cru, estamenha fina e dura. Que a cadeira era cómoda. Tão cómoda que qualquer cu de homem aí sentado tomava a forma dum coração invertido. Que ao sentar-se sobre ela. O sargento Marinho. As tabuinhas laterais impavam de peso. A mão de madeira espalmada arredava uns milímetros de rota, sob a mão do sargento. E as pernas ganiam para o chão. Um peso assim. Tripas cheias de coisas substanciais. Com sua licença. Pensava Manuel Gertrudes. Licença dos meus superiores. Tudo tão sólido. Pele, músculos, ossos. Digestões contidas com a mão. Com licença. Via-se logo. Um peso acalcado, tomado noutras terras de Portugal. A pele lustrosa. E então, de tornozelo magro, enfiado no cano das botas, os vizinhos ouviam-lhe a fala. À procura do alcance do seu discurso. Vinho na mão pousado. Vagaroso, cintilante de laivos, cheiro a mosto, suco de romã. Então um conto.

– Lá. Tudo é macho. Até as plantas. E grande parte de todo o reino vegetal. Andamos quilómetros e quilómetros, e as árvores grandes, maiores que alfarrobeiras, não têm um fruto que se coma. Também há rios. Mas são de lodo. E têm toda a qualidade de bicharada. Grada e miúda. Muitas vezes, meus senhores, perto de grandes caudais temos de beber mijo de pacaça. Umas vacas. Para nos dessentarmos. E a terra. Escura como se fosse das batatas e trigo. Não dá nada. Nunca percebi se o mal está na terra se na gente. Essa é uma outra conclusão que não cheguei a tirar. Até as pessoas são machas. E isso porque nada produzem. Só para manter o esqueleto. Depois aqui. Suponhamos. Uma laranja caída no chão. Se passarem no outro dia por lá, ainda a laranja está boa. A menos que já tenha caído tocada. Mas lá. Oh lá. Passadas duas horas a laranja. Nem casquinha. E tem de se tapar o nariz de tal forma cheira a podre e a azedo. E os bichos. São assim. À uma, à uma, a ver quem mais, amigo. Grandes como assim. E às vezes, meus senhores, mesmo a fruta lavada os tem. Dos invisíveis, claro. Um dos senhores pega numa fruta. Quer comê-la com pele? Não senhor. O senhor tem de descascá-la assim desta grossura, se não quiser engoli-los todos. Porque o senhor pode pô-la dentro de água, tintura, benzina, lixívia. Observa de novo, e lá está. Não morrem.

Passeavam rua abaixo rua acima. E uma delas, ainda tão adolescente que nem sacudia as ancas, comandava o riso. O sol doirado, aberta bola de fogo. Carminha também vestia de amarelos, outras de verde e castanhos, uma só de verde. Os cães em bando faziam círculo e fileira, ganindo no largo em volta da cadela preta, felpuda, oferecendo-se e recusando-se. Uma promessa de cadela mansa e fugidia. Marinho ajeita as coxas. Sacode o saco de um peso sólido sobre a lona. Coração invertido. Depois era outro o conto.

– A mim me aconteceram coisas do diabo. Às vezes uma pessoa tem de chamar a si todo o poder de decisão. Um dia estávamos sentados no acampamento. E apareceram duas mulheres com lepra. Pelas mãos, pelos olhos, meus senhores. Pingavam-na viva pelas feições abaixo. E pediam de mão estendida que as levássemos a um hospital. De tanto benzerem com os dedos a gente lá as entendeu. Claro. Era daí a uns cinquenta quilómetros para leste, meus senhores. Mas elas sabiam que era proibido, e queriam forçar a lei. E eu disse. Meus senhores, lancem a corda. E eles lançaram. E elas começaram a andar agarradas à ponta. Vinham atrás da gente. Devagarinho, devagarinho. Mas lá tudo era aprazado. Então eu pensei. Espera, Marinho, que tudo tem solução. Sentámo-nos debaixo de um renque de arvoredo. Esperei que estivessem a

dormir. E aí dei ordem. Fogo. Estavam de costas, e morreram sem saber de quê. Estou a vê-las. A mama delas. Com sua licença. A mama delas era uma tripinha pendida. No fundo da tripa, já quase no umbigo, a teta murcha. Quando morreram, pareciam ter quatro braços. Dois de cada lado. Sendo um deles a mama pendida. Com sua licença.

A taberneira tinha parado de servir os copos, perdida na visão dos beirais da igreja tão verdadeiramente brilhantes. A morte que lhes dei foi limpa. Estavam agarradas à corda e morreram de costas. Os vizinhos disseram. Sim. Quem podia ser melhor em tal situação? Um escarnaçado nem teria tido a invenção da corda. Passavam três rapazes pedalando devagar. O filho da Hermínia. Montados em bicicletas, como no dia em que uma cobra viera alvoroçar a vida. Os guiadores retorcidos como chavelho de cabra, o selim erguido. As raparigas puseram-se de novo a rir. E a cadela felpuda oferecia o traseiro negro. Levemente semeado de pêlo branco. Desviada a cauda. E chegado, de olhos pendidos, a boca hiante, orelha móvel, um rafeiro eleito. Os outros rosnavam, leves ladridos de cobiça e ciúme. E um cão pardo. É da família dos cães dos grandes montes. Com o ar importante de um herdeiro degenerado, farfalhuda orelha castanha, cor de trigo torrado ao sol. Rosnava mais e mais alto. O sargento noivo não desconhecia que Carminha se passeava rua abaixo rua acima com as outras raparigas, e passando a mão esquerda pelo bigode, a direita segurando o copo, ainda com um resto, dizia. A tarde cheia, todos os vizinhos sentados. Manuel Gertrudes de pé, joelhos afastados, jaquetão aberto. Atentamente. E o conto ia e vinha.

– Lá. Os sol-postos são sempre amarelos como vai ser o de hoje. As tardes mornas e bafientas. Abre-se a boca para se engolir o ar e de pesado nem chega ao bofe. Então às vezes um homem sonha. E um dia os rapazes quiseram uma rapariguita que havia perto do aldeamento. Fui falar. Eu em pessoa, meus senhores. E por gestos. Com o avô da miúda, e ele pediu duzentos escudos pela neta. Eu disse. Duzentos escudos? Você não tem esperteza. E fiz assim com o dedo. Cento e cinquenta. Sim senhor. Mas o filho da puta antes de dar a moça, resolveu dormir com ela.

A cadela preta, de cauda levemente semeada de branco loiro, puxou as orelhas para trás. Ganiu e furtou-se ao rafeiro. Adiantou-se o bisneto recruzado de cão de monte, a lamber o traseiro da cadela preta. E olhou à volta com olho escuro, dolorido do namoro. A cadela quieta. Lambida e cheirada, trocava o olhar manso de quem apazigua contrato. Aquietada. Conduziu-a o cão para fora do grupo, e os outros. Fileira cerrada. Rosnando e medindo-se, perseguindo o casal formado. O descendente dos pastores dos grandes montes abocanhou a cadela preta na

nuca, cingiu-a pelo lombo com as patas dianteiras, e pôs-se a possuí-la diante de todos. As raparigas tinham-se voltado para o lado, e com as mãos postas e estendidas no regaço, jogavam às prendas, misturando as flores de várias espécies. Valia cheirar e tocar com os dedos, desde que os olhos estivessem fechados. Era de adivinhar. Rapazinhos, malmequeres, goivos, sardinheira. Passava uma e ia deixando cair espécie a espécie na mão das outras. Riam forte com o sol na tarde, mas ainda longe de se ir esconder. O noivo falando alto. Tão alto que donde Carminha estava. Sentada sobre o valado. Ouvia-o distintamente. E Manuel Gertrudes ainda de pé. Oh senhor sargento, a nossa guerra era muito. Muito diferente. Outro tempo. De novo o conto vinha.

– O filho da puta do velho. Tão velho que parecia um insecto. Porque todos os ossos estavam à amostra, e era preto como a noite. Serviu-se da moça sua neta que apenas tinha treze anos e na altura ainda estava por usar. E fez isso o estupor no meio de um alarido dos diabos, alumiado por fogueira e tudo. Foi tão às claras que os meus toparam logo a coisa. E eu disse. Meus senhores, rejeita-se a moça. Negam-se os cento e cinquenta escudos. E assim foi. Mas para evitar surpresas pusemo-nos a andar.

O cão amarelo-trigo tinha possuído a cadela no meio do largo, e sendo a cadela um palmo de mão mais baixa do que o seu macho, ficava ela com as patas traseiras penduradas. Virando a cabeça para um e outro lado. Os olhos líquidos pranteados. E os outros, amansados, observavam deitados e em pé, de orelha em riste, complacentes e espectadores.

– E onde estavam os inimigos, senhor sargento?

– Por toda a parte senhora Matilde. Por toda a parte. E matavam sempre que podiam. Felizmente que só de vez em quando, porque senão eu próprio não estaria aqui.

Parecia ser o fim do conto. Sobre o mundo distante. O cão começava a deslocar-se com mais rapidez. A cadela atrás gania baixo, um guincho doce e fino, puxada contra a natureza do seu andar. Ocupavam agora a estrada do lado nascente, e regressando os moços das bicicletas com os guiadores retorcidos e selins erectos para o céu, os cães afastaram-se estrada fora. E do grupo posto em leve fuga. Ligeiro trote de patas e caudas saltitantes. O par acasalado era, de longe, o último elemento. A cadela, o último dos últimos. Porque gania e andava contra a inclinação natural do seu passo. Então os vizinhos. Que estavam sentados, e Manuel Gertrudes em pé. Puderam vê-los a uns escassos metros de distância. Em frente, para o lado do pôr -do -sol, as raparigas adivinhavam.

Redondas? Amarelas? Folha peluda? São maravilhas. As mãos nos regaços das saias. João Martins, com o olho completamente turvado, vendo os cães ali à mão de uma pedrada, descalçou a bota. Pegou-lhe pelos cordões, foi atrás, foi à frente. Arremessou-a. Contra o cão amarelo cor de restolho, que arrastava a cadela preta, levemente dourada. No entremeio da cauda, das coxas. E o cão sentiu a afronta. Pôs-se por isso a ganir grosso e desesperado, a morder a cadela. Que por sua vez gania fino e gritado. Desatinadamente.

– Com cem mil réis embebedavam-se uma noite inteira. Dinheiro nas mãos daquela gente é manteiga em focinho daqueles. Os cães. Eu tive ocasião de observar.

Matilde Santiago agora ia e vinha desprendida do conto. E pretendeu transpor a porta sem que ninguém desse por isso. Pegou na vassoura. Porém o sargento.

– Qual por ser pouco de cada vez. Oh meus senhores, eles não dão valor ao dinheiro. Você dá-lhes cem, e eles fazem a conta. Um garrafão. Dá-lhes duzentos. Dois garrafões. Oh não. Senhora Matilde, onde vai. Fiquem aí quietos.

Levantou-se por isso da cadeira de lona riscada de azul e vermelho. A lona engolfada badalou no fundo, distendida. Arqueou os braços dos músculos que se mexiam como animais independentes, e estavam à vista. Tensos ao primeiro apelo. Colou à perna direita a bengala de cabeças negras de beicinho caído e olho fechado, e avançou com pernas arquea das de perícia, pousando primeiro a ponta do pé, depois o calcanhar. Assim em direcção aos cães. Tronco curvado, como se algum arremesso pudesse sair da igreja para se lhe estampar nas têmporas. João Martins. Lourenço. Tiago. Marçal. Manuel Gertrudes em pé. Os quintos e os sextos vizinhos de assento erguido. Vejam a habilidade e o feito. A poucos metros, na ponta poente do centro do largo os dois cães. Uma figura mitológica de um só corpo e duas cabeças, quatro olhos doloridos, andando de lado a lado. Contra a natureza do seu andar isolado, sem conseguirem avançar grande espaço. Atabalhoadamente desgovernados. Os outros, libertos dos seus corpos, abanavam já o caracol das caudas entre as ervas da altura de trigos. Mas o noivo. Oh o noivo. Tinha um olhar de máquina experimentada, aproximando-se quase de cócoras. Como se fosse defecar. Levantou o braço direito atrás do ombro, curvou o esquerdo como alavanca de força e arremesso, e brandiu o cajado entre os dois corpos. A cadela ajoelhou de borco, focinho no chão. Levantou-se sobre as pernas. Oh vizinhos. Ambos ganiram, perdido o faro da compostura. Fugir, fugir. Cada um por seu lado. As moças não podendo reter o

olhar. Levantavam-se e deixavam cair as flores por expectação. O noivo de madeixa desprendida sobre a testa e boca comprimida debaixo do bigode, levantou a bengala esculpida. Zuniu e zuniu o ar. Muitas vezes entre os corpos dos cães, mordidos em novelo, como um corpo só. Que se quisesse devorar de culpas. E Matilde, que até aí tinha observado a cena de garrafa na mão, servindo pelo gargalinho de aço. Depois a vassoura. Oh porra. Com certo aborrecimento e simples curiosidade de mulher honesta. Embora desejada. Estremeceu por dentro. Mas já nenhuma palavra, nem ninguém poderia impedir os gestos do segundo noivo de Carminha Parda. Vendo isso, também as raparigas, sobressaltadas nos tacões, se puseram a correr pela estrada fora. Com as mãos adiante dos braços. Goivos e malmequeres espalhados. Carminha era a última da corrida, e amarrando o cabelo com a mão olhava para trás como se estivesse a ver o noivo pela primeira vez, e ele lhe aparecesse verdadeiramente nu. Até que o sargento Marinho, escondido pela igreja aberta pela manhã, ficou atrás dos olhos. Zune que zune. E Carminha Parda vestida de amarelos não viu os cães separarem-se, derreados, latindo dores e fugas. Nem viu o macho passar como um espojinho, salpicando o chão de sangue e lambendo o sítio da sua amputação. A meio do empedrado. Oh Carminha, Carminha, espera aí, mulher. E olhavam para ela como se olha para uma casa em fumo. Em breve se põe o sol. Diziam. Atrás duma ondulação de verdura cinzenta, brilhante de vermelho, o mesmo que inaugurara a tarde. Dois palmos à direita do zénite. Mas o conto ainda tinha corpo e era feito de voz.

– Lá, meus senhores, a vida é outra. A gente diz para se distrair. Eh pá, põe este cigarro na boca. Assim, pá. E olha para além. O gajo com o cuzinho mais miúdo que bago de arroz, põe o cigarro na boca. A gente começa. Quem atingir o cigarro, meus senhores. Em primeiro lugar. Vence. Oh meus senhores. O tipo treme treme. Vê-se o cigarro abanar mesmo no escuro. Mas qual, meus senhores.

E Manuel Gertrudes com a mão em pala contra o sol doirado do poente. Eu acho que o canito morre. Com sua licença. A parte num bicho é importante. Sei isso desde a guerra. Tudo é de carne e sangue. Com sua licença, senhor sargento. Tudo o que tem osso e pele, ser vivente, merece respeito e provoca dó. Com a mão em pala.

Carminha ainda subia a ladeira. Escolhendo as lajes onde pôr a ponta e o calcanhar do pé. As ervas tinham nascido nos entremeios, e o musgo

escorregadio ainda era verde liso e amarelo de fundo de tanque. Nos bordos da ladeira, pelas correntezas das casas. Algumas de porta abaulada de abandono. Bastava um empurrão de joelho, para uma pessoa penetrar nos interiores invadidos já, pelas canas dos telhados. Também as valetas por onde em dia de chuva escorregavam barcos de jornal e cartucho. Sobre a lisura e o espigado da água. Carminha via de costas. O sargento Marinho sentado na cadeira de pau e lona, com seu assento aí comprimido e desenhado em dois redondos. O órgão propulsor de todo o sangue. Invertido. De braços encabelados de preto, falava a sua linguagem de espanto e pormenor. Lá. A taberneira à porta a ver o sol meter-se com acenos de luz atrás do risco cinzento e violeta de Monchique como fumegante. Os braços cruzados amparando os seios da blusa. Depois os homens sentados sobre o poial, de pau nas mãos, esfuracando orifícios entre as pedras miúdas. Emparceirados, uns de encontro aos outros, ouvindo o mesmo discurso com orelhas de grande auscultação. Lá tudo é. Às vezes os olhos e a boca bebendo os pormenores. Carminha pensa subindo o empedrado. Que o sargento vai vindo a sua casa. Assim que as sombras se apagarem de todo sobre o chão da rua. E eu vou dizer-lhe à entrada da porta, a mão postada no buraco da tranca. Há aqui um desencontro. Um desencontro. Como assim? Como assim que estamos pagos. Não temos nada a ajustar. E digo-lhe estas palavras sem gaguejar um som. Senhor sargento. Porque desde que o vi que as preparo. Diante da janela. Preparadinhas. A sua marcha era tão lenta, atravessada pelas palavras do interior, que em breve o sargento Marinho subia a calçada. Compunha as mangas. Então, Carminha, subia sem mim? Nem me viste lá em baixo. Vi sim. E andava devagar, pés presos pelas passadas. Mas quando chegar a casa, vou poder dizer. À minha mãe desconsertada. Solte as galinhas, embrulhe os lençóis, ponha uma guita, faça um laço, guarde as louças. Que eu vou dizer que não.

Manuel Gertrudes sentindo a aragem olhou o lusco-fusco. Como se quisesse dizer. Lá na guerra é que davam uma beberagem à gente para termos raiva. Depois de beber aquilo. Ah punhão, eu nem podia ouvir o nome do alemão. Os meus dedinhos só queriam fazer fogo. Mas aqui a raiva nasce até do risca de seda. E Matilde disse. Vai um copinho para alguém? Como se quisesse dizer. Onde estará o canito a lamber-se a essa hora? Sempre eles por aí andam rua acima rua abaixo. E era preciso isto acontecer para lhes sentirmos a presença. Há quantos anos não se fala desses animais aqui na venda? E João Martins disse. Vai ainda uma rodada, oh beleza de mulher. Como se quisesse dizer. Porra, nunca eu tinha visto uma coisa destas, e tudo isto porque não saí daqui. E

Lourenço disse. Já me pica o sono. Como se quisesse dizer. Aqui está como mal me alembro de sonhos. Às vezes, durante eles, faço um grande esforço para me alembrar de coisas extravagantes que vejo na vida. E Marçalo disse. Vamos amigos, que isto não é verão. Como se quisesse dizer. Aí está como aquela cena da virgem da noite passada, anunciava o desfecho desta tarde. E Manuel Gertrudes disse. Oh amigos, nenhum homem acordado merece a Carminha Parda. Como se quisesse dizer. Sei quem teria evitado isto a golpe de pedrada e palhetada de banjo e bandolim. E João Martins disse. No fundo há pessoas sábias. Como se quisesse dizer. Falta aqui Jesuína Palha. Ela acharia que este louco de fúria, e badalo de língua. O sargento. Teria sido anunciado pelas chuvas. E as chuvas anunciadas pelas moscas e pelo soldado. Mas as moscas, o soldado, a chuva, o vento e o sargento, o bem e o mal. Segundo a Palha. Tudo foi anunciado pela cobra. Se ela aqui estivesse. Havera de imitar as escamas com os cabelos dos braços, as asas com as abas do lenço, o corpo com as ondulações do eu. Oh mulher feliz. Se ela aqui estivesse havera de falar contra todos menos a sua pessoa. Mas este hoje. O que separou dois bichos à pazada. Este se calhar. Segundo ela. Merecia a medalha da legião.

•

Desde esse dia o renascer começou a desabar verde e luminoso. Havia um atrevimento de sol no ar, e então foi dito em Vilamaninhos ser a natureza uma realidade muito diferente da vida dos homens e das mulheres. E isso porque nunca ninguém vira a erva renovar-se e recompor-se em tão pleno esplendor. Na verdade a terra amarelejava de ponta à ponta. E um vizinho disse a seu vizinho, limando a mortalha de papel com a borda da língua. Não há memória de tanto enfeite, desde que se inventou o arado. E outro respondeu. De qualquer forma cheira bem. E isso se repetiu de portal em portal. E alguém acrescentou. Então a primavera não é uma estação. É uma forma de ser, uma beleza da alma. Mais. Muito mais do que um verdadeiro rebentar das ervas. É verdade, amigos. Na casa de Carminha Rosa a primavera fez-se anunciar quando uma cadeira de tampo de boquete se quebrou pela perna, e a mãe disse para a filha. Mexe-te e anima-te. Já se desconjuntou a cadeira onde o Marinho se sentava e punha os cheiros. Dentro de dias não vai haver memória de tal pessoa. Tanto é o perfume das flores. Na casa da taberneira Matilde, quando o azeite pingou no chão e a nódoa se fez verde e alastrou até à porta. Na casa de João Martins quando se perdeu um canivete e alguém disse que deveria estar debaixo da moita das maravilhas. Na casa de Branca Volante quando um filho imitou o cuco, e

passados dois dias ainda o imitava. Na casa de Macário quando o seu dono afastou os cabelos da testa e disse. Que mudança se fez em catorze dias. Alguém levantou voo deste povo. Na casa de Jesuína Palha quando ela própria atirou uma pedra à chaminé da casa fechada da falecida Rosa Governa, e a pedra levou à frente de si o último redondel do bico. Puxou o braço, olhou a mão, o punho fechado. Só na casa de José Jorge Júnior a primavera entrava escondida na lenha. Por isso foi anunciada com sobressaltos e gritos de grande anúncio. E mereceu uma pausa. Ele próprio, antes do sol ter restituído as sombras pela rua. Vivificante e criador. Foi buscar um braçado de lenha ao monturo. Passando pela palmeira de braços verdes e badalantes. É para que acendas um fogo. Em maio, José Jorge? Em maio, Esperancinha. Desde o dia em que muito morto saíra para a rua esgargalado e quase nu, e vira os filhos aparecerem e sumirem-se pelas paredes, o fogo. Oh o foguinho. Era a melhor companhia. Crepitando dava luz, e as coisas iluminadas ficavam visíveis e muito reais. Podia pôr a mão. Por apalpadelas conseguia ver que as formas eram essas. Esperança Teresa pusera os cavacos cruzados em pilha sobre o tojo. Dez fósforos por uma chama, e fora-se a cirandar os passos para o quarto de dormir. Cabeça entre as mãos, ia ouvindo. Oh memória pronta. Era só mergulhar. Os filhos saíam da ponta das chamas, e enterravam as pernas nas searas do passado para separar o joio. E as vozes sobre os ninhos das felosas, dependurados das abas. Atiçava os galhos e os cavacos apanhados por Maria Rebôla. Só por baixo, só por baixo. Apenas os que o vento e deus fazem abanar de vez em quando. Onde está um madeirinho, a que um homem atice fogo e dure pela noite inteira? Agarrava em dois ou três com a mão direita, cruzava-os sobre a chama, até que se incendiavam, ardiam e se separavam por um tição incandescente. E nada disso. Nem gestos nem pensamentos. Tinham a ver com a monda, nem com o trigo, nem com as sombras do bom tempo, fortes e nítidas, para quem viesse a olhar sem pressa. Nem com os ninhos dos animais voadores. Mas a certa altura, diante da fogueira, José Jorge Júnior teve o primeiro sobressalto, porque ao cruzar dois lenhos compridos e delgados sobre a labareda, percebeu que um deles teimava em desviar-se do fogo. O segundo sobressalto saiu do primeiro, porque a espinha do corpo se lhe gelou de medo todo-poderoso. Mas buscando forças num reduto de misteriosa coragem. Ainda. Segurou o tronco entre o indicador e o polegar. Alto, diante dos olhos. Tendo assim erguida a mão contra a chama, pareceu-lhe sustentar entre as polpas dos dedos um objecto mais mole e mais frio do que a lenha. E pousou-o no chão. Reolhou. As labaredas faziam línguas fugidias no vão da chaminé e o solo aquecia sob as botas. O pau porém não ardia, e então

José Jorge Júnior experimentou o terceiro sobressalto. Dobrado pela espinha. Conseguia ver o tronco mover-se, primeiro como se apenas um sopro de boca o desviasse. E depois. Ondulou nítido sobre a cinza do fogo. E José Jorge Júnior encheu-se de certezas. Segurava aquilo nos dedos da sua própria mão. Os dedos da mão direita. E levantada, começou a sacudi-la no ar como se a quisesse despegar do pulso e de todo o braço. O alarido que fez foi grande. Tão grande, rouco e estridente, que Esperança Teresa, muito mouca dos ouvidos, e separada da cozinha por várias paredes de pedra, entendeu perfeitamente o que se passava em sua casa. Aqui del-rei. Arregaçou as saias e pôs-se na porta. Aqui del-rei, Maria Rebôla. Aqui, aqui, quem acode. A vizinhança veio e entreolhou-se. Como se vai encontrar semelhante animal? Tão delgadinho e veloz, numa casa tão grande, com tanta fenda, e tão povoada de móveis? Coisas descomunais? Pegaram por isso em réstias vazias de alho, a que juntaram barrinhas de enxofre, e chegando-lhes fogo, iniciaram o defumadoiro. De grande fedor e fumo. Os velhos viam. Amedrontados da tragédia, dos seus assentos de espaldar de pau. Viam os vizinhos de narizes tapados e bacias de esmalte na mão, saírem e entrarem pelas portas, trazendo atrás de si um rasto de fumo oblíquo. Maria Rebôla disse. Tó diabo, parece uma esconjuração. E Jesuína Palha entrou de um pulo, e de punho fechado. Onde? Onde se meteu a fera? E Esperança Teresa disse. Confundiu-a o meu marido com um pauzinho. Um pauzinho de figueira, julgava ele. Um pauzinho de figueira? Então deve ser filhote da que voou. Vou-me embora porque eu espero pela mãe das crias. Deve ser grande, e a esta hora, desliza pelo chão como uma corda de carne. Descerrando os punhos. A Manuel Gertrudes também o renascer do tempo se fez anunciar. Mas de forma subtil e pacífica. Chegou pouco depois duma sobremesa de figos enxários, secos e enfarinhados, de olho aberto. O guerreiro dormitava sobre o estômago, e ao acordar, arrotou a rábano.

Na casa de Branca entrou na madrugada em que Pássaro coçou várias vezes a cabeça antes de pôr o chapéu e de sair para albardar as bestas. Branca estendida entre dois lençóis, pensou que as malvas dos alegretes estariam cheias de renovos. Viu-os verdes, a desabrocharem folhas cor de água, um leve pelo rasinho de coisa recém-chegada, e essa certeza a fez levantar mais cedo. Embrulhou-se no xaile, destrancou a porta a golpe de mão ligeira, esfregou os olhos do rosto, e com o dedo pôs-se a observar. As folhas saíam do botão verde, libertando-se umas das outras. E eram realmente verdes cor da salsa e dos trigos a nascer. Branca sentiu a aragem fria bater-lhe na cara e no cabelo, e muito antes

da floração, já o ar rescendia a perfume de flor. E pensou. Penso que agora começo a ver através das paredes, porque nenhuma folha pode fazer ruído ao nascer. No entanto, eu estava deitada na cama. Pássaro tinha acabado de se libertar das forças inúteis do seu corpo sobre mim, e ia sair sem uma palavra. Ou já apenas um milagre do tempo. Branca sentia-se esfriar nessa aragem. Rosada e passante. Que se seguia à pura madrugada. Então o ganido do carrinho de mão, de lata e roda, vindo de longe. Dois varais. Era uma campainha. E Branca ali tacteando os caules. À saúde de quem tira esta água e lava este copo logo pela manhãzinha. Saiu o seu passarão. Então feche bem os olhos para ver. Já se ouve o rosnar. Vai aparecer atrás da igreja de tromba alta e levantada. Olhe-me o vrre do motor. Mas assim de olhos fechados. A cabeça, sendo de estofo, guiador e espelho, é um puro coração de cavalo. As rodas são as rodas. Mas tudo isso puxa a carroçaria, e com isso atrelado pode-se atravessar a fronteira. Correr o mundo. Olhe só. Ela dá para cozinhar. Ela dá para deitar crianças. Ela dá para dormir. Ela dá para ter uma mesa, vasos de flores e tudo. E o cantoneiro fazia gestos. Eu já vi montar um negócio de pãezinhos com ovo, pirolitos, e viver-se de praia em praia. Também já vi montar uma tenda de roupa e toalhas. Roupa branca a metro. Bastava ter um altifalante, um funilzinho de zinco, e já servia. Vossemecê já reparou bem num camião? É a porta para uma boa vida. Senhora dona. Assim falando com um aceno. Mas Branca embrulhando-se no xaile, os olhos postos no fim da estrada. Hoje vou de novo andar às voltas com a colcha. E contava. Não sabia onde guardar. Tinha feito aquilo durante mais de dez anos. Linha para aqui, linha para ali. Dizia. Mas agora pegava na colcha e guardava-a na gaveta da cómoda, fechava-a à chave, punha-lhe o naperão por cima. E no entanto. Branca fazia um gesto de desapontamento. Permanecia de qualquer forma a impressão de que não estava só. O animal bordado por si rabiava lá dentro. E ela dizia que fechava os olhos e tapava os ouvidos, e continuava a não estar sozinha. Oh deus. Se o tiro e o deixo numa cadeira, parece que o bicho e toda a colcha me vão no encalço dos pés, atrás, atrás de mim. Se a estendo debaixo dos colchões é como se de noite eu sentisse o seu vulto arquear as costas, e ouço o rasmalhar das asas a querer afofar-se debaixo do peso do meu corpo. Se a estendo como coberta que é, fico com a casa cheia de luz cor de ferro polido. Fecho a porta do quarto e é como se o avejão. Oh José Maria. Estivesse ali postado, levantasse voo pela casa toda. Pode passar a mão pela minha testa que não tenho febre. No entanto eu ponho o dedo na chateza da figura, e aquilo é plano, plano. E cada bocadito da figura feita por mim. Dizia lamentando-se. Que havia feito uma coisa que no final não conhecia. Com um certo terror como se tivesse desencadeado um

presságio, uma aparição e um tormento pelas próprias mãos. E ele pegando no carrinho de mão. O ensaio de um guincho de ferro. Devia. Devia, senhora dona. Ser proibido as pessoas sem coragem falarem. Quando se tem um ser. Ou coisa. Que nos ataca só há dois caminhos. E isto você sabe mas não quer saber. Ou mata ou morre. Não interessa se é com faca, palavra ou tiro. Ou mata ou morre. Você porque não queima a colcha? Mas se pensa que mesmo queimada ela ainda é colcha, porque não sai você. Senhora dona. Da colcha? Ou está a pretender fazer como aquela mulher de seu marido do princípio do mundo? Que fazia uma teia e a desmanchava todas as noites para nunca acabar? Com a intenção de se manter fiel ao compromisso, andando ele a correr mundo e até metido com sereias do mar? Oh senhora dona. Às vezes dá-me vontade de rir. Assim mesmo pela manhã. Vontade de rir e de passar à sua porta como se não tivesse sede. Agora até já vê através das paredes, ouve a quilómetros de distância, e não é capaz de fugir da colcha. Vou-me andando. Que para coisas perdidas bem me basta uma lembrança. Era azul, a carroçaria novinha, e tinha oito rodas. Duas delas sobressalentes. O último que conduzi. Branca metia-se para dentro. Ficava a olhar-lhe as pegadas distanciarem-se na estrada. E a meio do caminho estacava. Parado o ganir da roda. O silêncio que dizia tudo. De novo a aragem. Pensava Branca.

Então José Jorge Júnior, ouvindo falar de flores odorosas, manchas de azeite cor de musgo entornadas pelos portais, e outros sinais extravagantemente nítidos e pacíficos da chegada da primavera. Para além dos ovos no fofo dos ninhos, dependurados das abas. Sentiu-se perseguido por males indignos, e chamou-se várias vezes de job, sobre o eirado, olhando para a palmeira. Que lhe parecia agora ter descido do deserto, terra de camelos, à sua rua, como lembrança da solidão deste mundo. E se o vento abanava os ramos, julgava-se em frente de um espelho de aumentar, sentindo os seus próprios braços pedirem por socorro.

– Agora que estás com um pé na porta da tua casa e o outro à beira da tua cova, porque não acabas de dizer as verdades, velho? Todas de enfiada sem guardar tempo para afegar?

E apoiava-se na rede do eirado. Pensando nos paus cruzados da lareira, traidores a si e ao fogo, animais adormecidos, acarretados para a cinza do seu lar, para virem espreguiçar-se da noite do inverno e esfregar os olhos. Punha o assento sobre o poial da ampulheta, abria a mão e falava, levantando a voz quando alguém subia ou descia a estrada.

– Oh pulhas, amaldiçoados e perseguidos. Pois o que anda a fazer esta vizinhança de merda que assim se deixa abafar de pampilhos até às portas? Amarelos de lazeira e adormecimento? Já secam as nascedias, e os sapos andam aos saltos nos nossos cagadoiros, marafados por entrarem em casa. E vocês agarrados ao assento das cadeiras ouvindo as vozes que vêm da caixa dos sons de Pássaro Volante. Palavras que vêm das pilhas. Redondelas de salitre e lata. Oh pulharia. Pulhariiiia. Jacobinos de merda. Malandragem de esterco e de lazeira. Quem vai mondar, oh malandragem? Os homens estão de sezões. E as mulheres andam aí pelos cantos, conversando de pernas abertas como paridas. Quem se abaixa para mondar? E se algum ou alguma ainda se quisesse abaixar, o que mondaria? Haveram de mondar os pés do trigo, tão poucochinhos são eles no meio da papoilama. E samearam vocês as papoilas? Nem isso. O vento veio e deu no capuchinho das sementes, tirou a tampinha e espalhou os bagos. Sameou à sua vontade, a do vento. Abanadela para aqui, abanadela para ali. Nem um reguinho foi dado. Oh pulhas. Oh lazeirados. E vocês? Ouvem palavras arrevesadas sobre os afazeres da terra. Falam dos que falam sobre a gente. E imitando-os. Com o copinho já perto da boca, o olhinho meio cá meio lá, fazem ironia e mangação. Dizem. Bah! Só descrença. Falsa e fingida. No fundo, oh vizinhança, vocês pensam que alguém já fez o milagre de fazer medrar o panito. Separadinho do joio e tudo. Sem ser preciso suar dos cornos pela testa abaixo. Como eu sui mais a Esperancinha. E se não se deu esse milagre ele está para se dar. No entendimento de vocês. De outra maneira não falavam com tanta desfaçatez e confiança no futuro. Sabendo agora que o mundo se faz de pedras, papoilas. E sapos. E a gente se enterra nisso. Oh vizinhos. Quem cá ficar. Que eu me vou. Estou de saco aviado para sair deste mundo. Quem cá ficar que paste de quatro patas pelas ervas. Ali directamente do chão. E coma cobras assadas, cortadas às rodas, com molho de cebolinha bem cheiroso. Ali que mangação a minha. Eu e a Esperancinha. Oh vizinhos. Andamos a aviar o cesto para a viagem. Donde não se volta. Engani-me uma vez. Mas não se volta. E se voltasse eu havera de ver. Ninguém capaz de desencantar as nascedias do fundo da terra. A deixarem sumir e correr a água. Correr e sumir. E nada. Oh pulhas, porcos e cabrões. Ninguém os pode fazer doutro jeito, porque já nasceram assim. Bem fez quem tinha pernas e se foi, porque junto destas companhias, haveram de ser. Hoje. Também eles, já gente lazeirada e apodrecida.

Os vizinhos passavam. Um ou outro. Estrada abaixo e acima, e paravam um instante. Aquele anda a falar do livro do apocalipso. E costuma tirar os dentes para dizer as parvoíces. A boca parece um cu de galinha. A diferença qual é? É que do cu da galinha de vez em quando também sai ovo. E dali já só sairá a mesma coisa. José Jorge Júnior esbracejava contra os elementos amansados da primavera. Só um ventinho nordeste encapelando o céu e criando listas fixas de nuvens no redondel do horizonte. Já pelas duas da tarde uma calma de sol abafava o ar. Às vezes uma pessoa sentia as moscas nascerem do tamanho de pulgas, e no mesmo dia estendiam elas asas do comprimento de libélulas. E José Jorge Júnior ficava a ouvi-las zumbir. Garganta seca de discursos. Braços caídos de benzer o ar com as mãos. Oh diabo. Que me querem comer a pele. Sua mulher, cabecinha à banda, dormia sobre os ombros, contra a luz do sol já muito nua no céu. Agora com o adoçar do frio, bem franco. Mas esse movimento de asas e vaivém nada tinha de importuno, porque os animais tendo asas zuniam e voavam. Bastava um espirro, um aceno de mão. Importunas. Importunas seriam as formigas, bicho pequeno e rasteiro de comunicação opaca. Figuras quase imóveis, e contudo, tão presentes e incómodas. Também tinham aparecido com a primavera, atrás da lenha que fugia do fogo. E no terceiro dia da chegada, começaram a subir até ao púcaro da água. Empestando de amargo as grandes sedes nocturnas. Oh triste de mim. E de ti, Esperancinha. No quarto dia após a primeira chegada, não só alcançaram o púcaro e a cama. Ainda lhe treparam o corpo e penetraram na boca. Na primeira noite José Jorge Júnior sentou-se na cama e pensou. De dia maçam menos. Esperança Teresa porém, cozinhava cada vez mais lentamente do que seria razoável pensar, e por isso, nos dias que se seguiram. Quando marido e mulher se sentaram à mesa. Já as encontraram no pão e nos copos, banqueteando-se muito antes dos donos da casa. A gente, os legítimos. E José Jorge Júnior, levantado, com um soco sobre a mesa, disse. Espreitam por toda a parte e estão preparadinhas. As putas. Para me chuparem os líquidos da mesa e as humidades do corpo. Desesperado. E por isso começou a persegui-las com o tacto dos dedos. Estendia o indicador apenas, ou toda a palma da mão, a direita, muito mais hábil em tais circunstâncias, e curvado para os ladrilhos da casa, procurava durante horas carrilhos de formigas que. Como satã, Esperancinha. Sempre passavam por outro lado. E então fazia a prova da força. Pelo espaldar. Mão crispada, corpo exposto. Pele transparente, um mapa de veias salientes, nós de árvore, coisa vegetal entumecida como gavinha. E a cadeira oscilante no chão com as quatro pernas assentes na direiteza dos ladrilhos. Aqui vai ela. Primeiro as arestas dos pés da frente, tremidas de força

incontida. Depois levantadas, e as de trás. A ascensão começou, lenta, hesitante, demorada, os ossos do braço à vista. Amplamente aberta agora, as travessas horizontais dobrando a rota. E o assento atrás do espaldar, num ângulo recto fechado e nunca móvel, mas assento aberto, escancarado sob o olhar de José Jorge Júnior. A prova da força. Esperancinha, podes ver. Vê. Olha aqui. E o estrondo produzia-se na casa, um eco de sons contra a alvenaria dos tectos e a cal das paredes. Homem, parece que tudo se vai quebrar nesta casa. Consigo ouvir distintamente. Antes saber que andas de borco em cata das formigas. Fazendo a prova das vistas. Do que este lavarito de coisas caindo no chão da casa. E José Jorge Júnior fez rastejar o rosto pelos ladrilhos, procurando com o dedo um fio preto, como cordinha escura que luzisse ao sol. Talvez por aqui vá um, à procura da bilha. E com a grossura do dedo apontada, esboroava um nó pequeno de preto nada, de encontro ao ladrilho. E outra, e outra, e ainda outra. Miúdas, rápidas e velozes vão beber. Pior do que beber. Afogar-se dentro da água que eu próprio devia engolir daqui a pouco. Deixando-me as goelas queimosas. Então toma. Até que Esperança disse. Ouço passos e corrida de gente. E José Jorge Júnior disse. É Maria Rebôla que vem espreitar. Parece que vem correndo.

Maria Rebôla parou no postigo da porta. Ofegante como uma posta.

– O que faz vossemecê nessa triste posição? No dia em que se acaba de saber que soldados e grandes chefes fizeram uma revolta?

E como José Jorge Júnior se erguesse sobre os joelhos.

– Não sabe ainda que em Lisboa os soldados fizeram uma revolução para melhorarem a vida de toda aquela gente? Uma re vo lu ção? Um grande golpe?

E que todos os sinais do céu agora têm sentido?

– Um golpe? Perguntou José Jorge Júnior. No governo de Lisboa? Duvidoso pela sua mouquidade. Escarranchado sobre os joelhos das suas pernas. Os soldados. Deve haver muito sangue nas valetas dessa terra, a esta hora, oh Maria. Deve haver. Gente morta por toda a parte. Ai deles se se levanta a peste com este sol da primavera. E cinco vezes abriu as mãos disposto a levantar-se. Quem matou quem? – Olhe, tio José Jorge. Se alguém matou alguém deus ressuscitou a todos, porque estão a dizer que não houve nenhuma baixa. E as maravilhas nessa terra são tantas que dizem. Afirmam a pés juntos. Que só há música, flores e abraços. Dizem. Que de repente os ausentes estão a chegar. Os cegos vêem sem óculos nem

outro aparelho. Os coxos deixaram de dar saltinhos, ficando as pernas da mesma altura. Mesmo os manetas tocam violino. De repente. Tocam violino. Tio José Jorge. Mas agora não faça mais perguntas que todas são a mais. É tudo o que sei, isto que acabo de contar.

Por isso arrancou do chão dois baldes de água cinzenta, e abalou com pressa. Redonda de talhe, avental debaixo do braço. No portal calcou os sapatos, pendurando tudo o que era bocha e mama, e disse.

– E agora vou-me embora, porque só isto é sabido. E embora todos falem da mesma coisa, ninguém se atreve a inventar uma parcela que seja, por respeito ao fundamento da verdade. Da pura verdade.

José Jorge Júnior sentou-se à porta sobre uma cadeira de tábua. Fundo côncavo. E com o assento aí enterrado foi abalado por um remoçamento a partir dos pés. Esperancinha, tira o lenço que vou falar contigo. E ele mesmo lho arredou da cara. Houve em Lisboa um grande golpe de es ta do. Quem lá vai, ou está, fica pasmado de tanta ousadia e decisão. Pas ma do. Um alvoroço muito intenso e inquieto lhe encheu o espírito. Se procurasse um pauzinho para a mão esquerda, ajudado pelo bordão da direita, encostando o ombro pelos muros e valados, chegaria rápido. Quando ouvisse mais gente falar e correr como Maria Rebôla.

Manuel Gertrudes disse. Dizem que vão visitar todas as terras de Portugal ao mesmo tempo, saindo uns para o norte, outros para o sul e outros para leste. E mais. Que trazem ordem de parar em todos os sítios, e ouvir todas as queixas. Nem que isso demore vários anos. Para o efeito trazem eles ouvidores que se prepararam do dia para a noite. Tal o ímpeto da renascença. E Jesuína Palha disse. Dizem que por onde passam lêem os sinais como em livro aberto. E eu espero. E Matilde disse. Sabe alguém se bebem vinho? E de que marca? E Macário disse. Diz-me o faro que se são assim, por mais que bebam nunca se embebedam. E João Martins disse. Sim, para não darem triste espectáculo às vizinhanças. E Pássaro disse. Têm a certeza de que são gente? E Macário disse. O que pensavas que fosse? E Pássaro disse. O cruzamento de duas espécies, duas raças. E Manuel Gertrudes disse. Onde se viu? A menos que sejam filhos por cruzamento de anjo com mulher. Ou homem com anja. E José Pássaro Volante disse. Ninguém se alembra dos cavalos? Têm músculos como rochas apontadas no peito. Por exemplo. Nunca lhes viram os peitorais? E José Maria o cantoneiro disse. Gosto de palavras bonitas e juízos brandos. Mas sou forçado a perguntar

para acabar com estas invenções loucas. Quem pode imaginar um homem calçado de cascos e revestido de pêlo a conduzir camiões e a cumprimentar os outros viajantes da estrada? Só a representação imaginária faz rir quem viva desligado. Já. Do antigo mundo das bestas. E Jesuína Palha disse. Sou da mesma opinião. A espécie de que fala o Pássaro da Branca nunca aprendeu a ler, e estes em questão sabem tudo de cor. Mas a gente. Oh gente. Não começa por falar da cobra quando eles aqui chegarem. A gente espera que eles lá vão ter pelo entendimento. Ou pela adivinhação. Em primeiro lugar. Eu vou falar dos músculos do Marinho. Que duma cajadada separou dois cães acasalados até ferir um deles de morte. O macho. Desse a gente passa ao outro. O soldadinho que aí vinha de farda e botas. Pelado e preto como um caçapo de raça escura, acabado de parir. Tendo a Carma sabido da notícia. Oh gente, quem não se alembra? Quando a gaja estava de soltura a dar de corpo no palheiro que lá têm para os lados do quintal. Estes lêem-se como água e é só para lhes experimentar os poderes. E Pássaro disse. Em se lembrando, pergunte também pela mula que me fugiu. E Matilde disse. Todos a gente, mas especialmente Branca, sabemos que você tem boa boca. Com dentes, língua e gorgomilos. Fale você. E Jesuína Palha disse. Depois esses homens do golpe hadem falar eles mesmos. Mas eu hei-de ir direitinho ao assunto. Digam, digam o que estava no fundo disso tudo. E eles hadem. Isso foi anunciado pelo bicho que alguém quis matar e que voou. Então. Preparem-se ouvidinhos para a explicação do facto. Eu vou olhar para eles como quem está alcançada. E eles hadem dizer. Aquela. Aquela. Foi a dona do feito. E Matilde disse. Bebam e calem-se, que as palavras agora são a mais. E João Martins disse. Essa mulher engoliu as matráculas da missa. E José Maria, o cantoneiro disse. Gosto de ouvir palavras, e de as dizer a preceito. Mas agora a gente deve esperar calados.

Assim Macário ficou de bandolim traçado sobre as pernas. Olhando as árvores e a igreja com olhos de não ver além das coisas reais. O seu rosto tem três ângulos. Um de cada meio lado da distância que vai da boca aos olhos. E o outro por debaixo da boca ensombreada de um azul-petróleo. Barba feita no espelho da rua. E os olhos são duas frestas. Por isso, sempre que Macário olha para a porta de uma casa, alguém o vê olhando os telhados. E se ele olha os telhados, se diz que segue o catavento do alto da chaminé. E se acontece olhar esse galo de bico pregado ao sopro dos ares, julgam que olha as nuvens e a passarada. Sobretudo quando acorda da lunação, e as duas cavidades de sob os olhos lembram golfos à procura dos dentes. Então é que Macário diz as palavras e toca

num bandolim de oito cordas. Todos segredam que só compõe quando atravessa as paredes. Com o olhar. Tem o instrumento traçado sobre as pernas. O cabelo tem um jeito de erva escura, nascida sobre o alto redondo da cabeça, e cai pela testa. Afastado com uma mão de dois dedos abertos. Como se aí fosse por acaso, diante dos olhos, à procura de outra coisa. E de surpresa os afastasse da passagem. Mas está parado. Também o cantoneiro de quadril quadrado e ombro largo e espadaúdo, veste de cinzento de cotim, e pousa ao lado o chapéu de lata e os óculos de rede. Lambe o lábio com a língua. Até a saliva rarear nos bordos. Os braços tensos, lembram o apito gritado dum camião desferindo o ar. Afastando as galinhas da passagem. Com a perna sentada o cantoneiro representa as travagens e o ponto de equilíbrio entre os pedais que faz com que a máquina prodigiosa de oito rodas. Duas sobressalentes. Ande e não avance, pare e retroceda, desferindo o rodado de uma força, combustão de líquido. Líquido cheiroso. Urina de uma terra virgem, refinado. Ah punhão. Às golfadas. Amarela por dentro do motor, líquida e queimável. As mãos tamborilando, mas em silêncio. Disparos das alavancas que movimentam os limpa-pára-brisas, os sinais de mudanças e recuos. Com a mão direita a buza. Basta o polegar redondo aí tocar. E depois. Um assobio enche e chupa a bochecha. Sobe, atravessa o ar e cai como um jacto no silêncio da igreja amarelecida da tarde. Mas não se ouve um fluido som sequer. Os cães fugidos do largo, como que espantados duma ameaça, agora ausente. Manuel Gertrudes. Esse também espera. Tem uma auréola de branco, rugas fundas e velhas como valados e caminhos. Esquema de um mapa para uma antiga guerra. Poros abertos na cara como nascedias. Coisas cavadas por torrentes. E os dedos? Os dedos duros como raízes, mas movem-se. Pés nas botas, pendurados do poial e imóveis. Como amortalhados, mas não então. Joelhos juntos, barba espigada. Orelhas grandes, coladas às têmporas, redondas e abertas como folha de malvaísco. Abana a cabeça. Só quem abalou em catorze-dezoito, e por lá andou, sabe aguardar com essa quietude de gente morta. Estando viva e tendo todos os órgãos a pulsar. Quem lá foi aprendeu a estancar no momento exacto qualquer ruído interior do corpo. A suspender o fio na respiração. A amordaçar o tum tum do coração, e todo o baque mais alterado. Mesmo qualquer choro a não ser dos olhos. Passará. Porque terá passado. Entre a pele e a carne, correrá todo o corpo, e sairá disfarçado de suor frio, pela planta dos pés. Por comedimento, dever e habituação. Assim, ainda Manuel Gertrudes sentado sobre o poial comprime o ímpeto. Sessenta anos passados. Mas Volante, mais do que apeado. Sentado sobre o assento, numa cadeira de tábua cor de trigo velho, o chapéu na cabeça e as mãos segurando os dois queixos. Os indicadores

sobem até às patilhas, e as mãos alargam-se pelas maçãs rubras da sua cara. Fecha e abre os olhos como se a espera lhe tivesse trazido um grande sono, imprudente e indomável. Ali mesmo de pernas abertas, um sono sem montada. Vê-o Branca de pé, à porta da venda. A cabeça e o flanco direito encostado sobre o gume da cantaria. Esse cabecear de Pássaro sobre o chão, o chapéu acima do meio da nuca. Não. Não é preciso descer o portal, dizer com licença ir olhar Pássaro de frente, para lhe conhecer a cara mergulhada no sono. Nem abrir-lhe as pálpebras com o dedo para lhe descobrir os pensamentos. Agora Branca começa a distinguir os ruídos a quilómetros de distância e a ver através das coisas concretas, as intenções, alegrias e desgostos que cada um transporta. Pode saber o que os seus três filhos pensam da vida e do mundo, e das suas próprias pessoas, sem precisar de os sentar sobre o colo e lhes dizer. Aqui mamaram vocês. Adivinha-lhes a fome na hora exacta, e pressente-lhes os desejos. Por isso se encosta à parede e sabe que em redor nem uma pedra de valado estremece, nem uma marcha avança. Tem as mãos sob os sovacos dos braços, como se tivesse frio nos dedos. E a trança enrolada e suspensa por ganchos de tartaruga de cabeça volteada. Atrás da cara, lá onde nem olhar nem espelho chega. Mas ajeita com a mão esse vulto de cabelo quente, enquanto olha a estrada. Atrás de si está Jesuína Palha com as mãos sob o avental, num perfil de póstuma gravidez. Os calcanhares afastados, os braços em arco como cântaro, e o lenço. O lenço preto postado sobre a cabeça, apenas de pontas enlaçadas e não atadas, no alto, um pano ali. E tão imóvel quanto as pendurezas de oiro. Quietas e amarelas, resplandecem as feições do rosto com o brilho. No entanto tem uma boca para onde convergem as pregas dos anos, do comer e da falação. As sobrancelhas escuras e alterosas ligam-se por uma ponte de pêlos sobre a nascente da cana do nariz, e a testa tem riscos escuros horizontais, como tecido de aliviar luto. Não se vê, mas também tem uma língua ensalivada e apta à mobilidade, agora quieta pelo silêncio dos demais. Atrás de Branca e de Jesuína está Matilde. Pousada sobre os seios que uma greta misteriosa separa e une. Se aí se colocar um dedo, não tem fundo nem saída. E apetece afagar com a mão ampla cada uma das elevações. Seria a concha cheia, João Martins. Mas não. Ali, entre os copos e o balcão, Matilde é intocável. Todo um cenário de mercadorias engavetadas, utilidades em prateleiras, coisas limpas do pó, postas e expostas de propósito. Mas passa a língua sobre o beiço que o ar do mês já pune de secura. Junho à porta e a erva aloira. Maria Rebôla sentada sobre o banco da parede. Caem-lhe das ancas-coxas rebordos de vestido cheios de uma banha pregueada. Donde te vem o peso, oh mulher? Às vezes pregueada por

camadinhas, fofos arrepanhados, como tecido acolchoado em espiga. E saem dos troncos os pés que pousam no chão a ponta. Apenas. Sobre uns chinelinhos de borracha branca, enegrecida. As mãos no lugar do colo. Tudo pousado e postado como de propósito, imagem da espera cega que de tanto esperar se alargou a pontos de formar um novelo, coisa enrolada sobre si, comida e defecada a esperança. E depois as outras mulheres de preto, chapéu e lenço, pernas magras, cruzadas, dedilhando baracinhas de palmas na boca e nas unhas. Uma fieira delas sentadas sobre o banco comprido de pau e pinho. A última abana-se com um lencinho das mãos. Fora da venda o calor é menor porque a aragem lembra a ondulação das ervas nas charnecas, e a sombra estende-se pela rua, losango de penumbra a partir dos pés de Branca até ultrapassar as figuras de Pássaro, Macário, Manuel Gertrudes. Depois de José Jorge com a cara sobre o cajado, tentando erguê-lo de viés contra a camisa. E a seu lado, Esperança Teresa com o lenço desapertado da calma, os olhos azuis de água amornecida. Boca colada, lábio com lábio como por um posponto de tempo. Sentada. João Martins, Lourenço e os outros sobre o poial, chapéus caídos sobre os olhos, palas descidas. Assentes na pedra sustentando as costas. Só depois os joelhos de Pássaro Volante e os outros. Alguns já de bicicletas, executando um rodado silencioso de avanços e recuos, mirando os caminhos de todos os lados. Os cães postados sobre o assento, cauda estendida no lajedo do chão, como cabos de bengala. Orelha levantada de atenção, movida pela ligeira aragem. Já descem os perros, porque não sentem bafo de Marinho, oh João Martins. Focinhos móveis e húmidos. Gargantas erguidas aos quatro ventos, na direcção das seis saídas e entradas de Vilamaninhos. Então Macário desce os olhos sobre o bandolim e o cantoneiro volve a cabeça para o ar como se farejasse, passando os olhos por Branca postada no portal, soerguida sobre a cintura do vestido. E Pássaro estremece de uma pendedela franca, quase descomposta. Matilde roça o arco de um seio de encontro ao outro, e Maria Rebôla abana as pontinhas de uma antiga permanente, caindo sobre o risco do decote. As mulheres de preto, e às vezes uma peça de florinhas brancas no preto, levantam o assento do banco na altura dum palmo, para se sentarem de novo. Manuel Gertrudes põe a mão no colarinho da jaqueta como afrontado. E olha. José Jorge levanta a mão e Esperança Teresa encosta a cabeça sobre o lado esquerdo do corpo. Um cão sacode-se de um alavão de pulgas e o barulho da coleira rodando sobre si, tem um tinido de metal e coiro. Um zerum zerum que todos escutam. Mas nada avança sobre Vilamaninhos. Nem o arrieiro, nem um pedinte de portas que possa trazer, inventar notícias. Sente-se o ar fechado. As palavras da telefonia de

Pássaro têm um ruído de distância, música e discursos posteriores aos factos. Menos Carminha e a mãe. Sente-se a sua ausência como propósito.

Estão em casa. Carminha Rosa coloca-se entre as portas para que a aragem passe e lhe seque as gotinhas de suor do pescoço e do peito. Numa cadeira baixa, molho de palmas cortadas pelos pés sobre os joelhos do colo. E tece a empreita cruzando as fêveras umas sobre as outras, entrelaçando-as em forma de espinha de peixe. Como é possível, Carminha, aqui passares a tarde deitada no divã sem uma palavra? Tudo o que ouço à volta é mudez. Já o mal deste povo se te pegou. Fizeste-te como eles e elas a pouco e pouco. E Carminha Rosa desce os olhos e dobra as palmas. Mas Carminha deitada sobre a barriga, o peito e os braços, cabeça pousada sobre os nós das mãos, rosto virado para a parede, tem um jeito de quem dorme, tão branda é a respiração. Começaste, oh filha, de me cortar o cabelo com a tesoura para que poupasse dez anos de presença. E agora árido com estes caracóis enrolados que nem rabinhos de porco, pescoço abaixo, e nem levantas os olhos para a minha pessoa. Pela abertura das portas vê-se os vidros das janelas como um espelho baço. É difícil dizer o que contém a rua, olhando através deles. Camadinhas de poeira, depósitos de mosca, desfeitas as feições de pessoa da janela. Mas vê-se as galinhas passearem pela rua as suas pernas de ângulo. Pata acima, pata abaixo, enrolando os dedos como gavinha, quando as sobem. Estendendo-os, como mãos, já no solo, e fazendo um barulho de calcanhar no chão. O olho redondo como o das bogas, o bico aberto de calor. Bichos poedeiros, imitação de outros seres. E baixam o cu de vez em quando e em qualquer lugar. Agora à vontade. Carminha Rosa vê as sandálias da filha sob o divã. Uma delas virada pela sola, a outra descalçada e ainda abotoada como à pressa. A roupa presa da maçaneta da porta. Copos de água sobre as cadeiras. Então Carminha parou. Já uma vez eu ouvi este barulho rampa acima. Barulho de gente. Ouves, Carminha? Ou essa vizinhança apanhou cobra e a deixou voar. E vêm como o ano passado contra a gente. Ou outra novidade aconteceu. Há oito dias que os vejo a todos de boca aberta esperando que os soldados caiam do ar. Sai daí Carminha, sai daí. Melhor será mostrar-se a gente na rua que deixar-se estar à espera que entrem pela porta. E hadem ver-te assim. Levanta-te. Capazes são elas e eles de apedrejar os vidros das janelas e as telhas dos telhados para que a gente ouça os estrondos. No caso de recusarmos ouvir as palavras. Carminha Rosa pousa a palma, e a empreita no chão. O barulho já é de passos distintos sobre as lajes da calçada, e as vozes são altas, não sendo porém nenhuma nem tão, nem mais poderosa do que a de Jesuína Palha. Também

Carminha se levanta do divã. Enrola o cabelo com o dedo, e nem procura as sandálias. De cotovelo erguido pela mão que segura o rolo preto lustrado de azul de corvo, vai à porta. É como o ano passado, minha mãe. Só que agora ninguém escorre sangue da testa. Realmente pode ver-se. Sobem escolhendo o piso onde pôr os pés. Como se viessem com um propósito tão estudado, que nada do que possam vir a fazer e dizer aconteça ser improvisado. Jesuína arqueia os braços, olha para trás e para a porta da entrada, levanta o queixo e diz. Desafiando o grupo com o olhar. Mulheres, homens e crianças.

– Ah suas matronas paridas. Grandes filhas da garça e do avejão. Suas enteadas do diabo. Seres atravessados entre esta vida e a outra.

Mesmo que não se queira. A gente sente a falta delas. A gente não diz mas sente que elas lá não estão e que isso é de propósito. Sim. De propósito.

Toda a gente já sabia que enquanto todo o povo deixou de comer e dormir à espera da novidade, vocês dormiam e faziam baracinha como se nada fosse. Aqui acuadas à parede, sem a gente saber como elas entretêm o tempo. O que fazem as velhaquinhas sentadas em cadeiras, ausentes de tudo o que se passa com o destino das pessoas? Ignorantes das mudanças? Oh arrebendita e arrenego.

Tem razão a Jesuína Palha. Fala esta mulher como ninguém.

Em Lisboa. Gente que já tem luzes por todas as paredes das casas, a toda a hora do dia e da noite. Gente que basta fazer assim com o dedo mindinho, para que todos os instrumentos comecem a fazer o serviço por eles mesmos como se tivessem braços. Gente. Gente que já tem sítio próprio onde dar de corpo sem ser preciso mostrar a vergonha a ninguém. Gente que come carne todos os dias da semana, sendo lombo assado pelo menos ao domingo. Gente, oh gente. Gente que já tem tudo o que nem é possível a gente imaginar.

Sim. Dizes bem. Como pode o ceguinho de nascença

imaginar o sol se nunca viu a luz do dia. Tem razão Jesuína Palha.

Pois para imaginar sempre é preciso ver alguma parte da coisa. Gente dessa fez o golpé de estado. Oh lazaradas. Com sabres. Metralhadoras. E outras armas, brancas e de fogo. Sem ninguém no entanto ter morrido. Ninguém ter morrido, porque toda essa armaria, oh gente. Dizem. Tinha outro poder diferente do ferir e do matar. Antes apenas, com o apontar, desencadeavam a simpatia e a falação. Mu dou a vi da. Dizem que quem vai lá, e vê o que lá vai e se passa, não só acredita que uma cobra possa voar, como já nem ligará esse feito relacionado com a minha vida passada. Tantas. Dizem.

Nesse dia também estas aqui estavam sentadas e encolhidas debaixo de telha. Fazia um calor de rachar. E nem ouviram os meus gritos de acuda. Bem me alembro. Fiz eu nesse dia um banho de sangue pela testa abaixo.

São as maravilhas operadas nessa terra. E todos os maus. Oh Carma. Todos os maus por mando de deus já se esconderam debaixo das camas das suas casas. Ouçam bem, suas desenterradas do tempo do presente. Os bons. Os bons andam a procurar os maus. Não para lhes faze-rem mal, mas. Como se o céu tivesse já descido à terra. Apenas para lhes mostrarem com o dedo, o número dos seus crimes. E basta isso, oh gente.

E essa gente se quisesse nem precisava calçar sapatos para andar. Lá todos os dias as ruas são limpas de madrugada, para não incomodar os passantes. E as luzes. Dizem. Ficam acesas toda a noite, para alumiar as casas. E isso mesmo durante o sono. E essa gente ainda não estava conformada com o des¬tino. Oh gente.

Assim o dizem. Tido como ofensa, e prova de alta humilhação, para que os acusados se acusem a si mesmos. E jurem a contrição das suas vidas. Só vocês, oh Carma. Não

sabem que os coxos puseram de lado as muletas. Que os pitosgas deitaram fora os óculos. E os feridos de cancro têm outra esperança no futuro, que até à data se lhes afigurava curto e sombrio. Oh senhores. E vocês metidas em casa, para guardarem o rosado das carnes. Mas tudo o que estava a dizer e que todos dizem ser a vardade. Tudo isso. Dizem. É feito ao som da música, e com cheirinho de flor.

Aqui é uma tristeza. Vejam. Mesmo as ruas que as donas queriam ter limpas, cedo ou tarde parecem um mar de porqueira em campo de besaranha. Vejam. Vejam em redor.

As raparigas da cidade dizem que estão com a cinturinha assim. Da grossura das minhas duas mãos, tocadas pelos dedos duma e doutra. De tanto bailharem nas ruas. E a gente aqui à espera. À espera que um lastro dessa maravilha chegue à nossa terra. Até agora lá vão dez dias. À espera. E vocês aqui, mangando-se dos outros. Vejam. Vejam vizinhança. Mas ainda agora eu reparo. Oh gente. Que cada um olhe a sola do sapato do outro. Ah cochinas. Tenho eu já os pés enlocados de trampa seca. Então onde está a limpeza desta rua? Parece que desde as nortadas que aqui ninguém pranta uma fêvera de vassoura.

Vamos descendo que o tempo corre e bem pode a gente. Aqui falando. Ser colhido de surpresa. Mas Jesuína tem corda nos gorgomilhos. Sobretudo em falando contra a Carma.

Oh vizinhos, agora de pés entrampalhados. Isto é o sinal próprio do mal das mulheres que abrem a porta a qualquer um. E sendo deste tipo, depois da porta aberta vai um jasus até à cama. A quantos oh Carminha? A quantos tu já deste a pinquinha? E a quantos tu hás-de a dar sem que nenhum te leve? Oh porra. Nunca eu achi muita graça nesse ar de mula sonsa. Mas quem vem, e é barquinho andadiço, nem olha à cara. Nem sequer às pernas. Antes ao fundo delas, para se aviar depressa.

Fique-se com essa. Podia sim. A rua tão limpa que se podia

pôr um manjar no chão sem uso de guardanapo. Oh se era.

Oh gente. Vamo-nos daqui. Mas alevantem bem os pés que ainda andam de carrinho neste chão. Onde há uns meses uma pessoa podia comer em cima lambendo com a língua. E agora as poias são mais que muitas. Não. Não eram o que pareciam. Eram isto que agora são, mas não tinham ainda mostrado a verdadeira natureza de pessoas. Oh gente. Vamo-nos daqui embora. Não haja de chegar novidade ao largo, enquanto uma pessoa aqui está a desempedernir gente que sempre foi empedernida e conspurcada. Oh cochinas. A gente se vai. Passem muito bem as tardes.

Começaram a descer. Carminha Rosa vê-lhes as costas. Algumas abauladas pelos anos. Carregos e tardes de janela. Balouçando as saias na descida. Outras direitas. Omoplatas cobertas por tecidos claros. São rapazes. Algumas crianças saltam sobre os pés, e olham para trás para ver o efeito. Jesuí na Palha, a última, ainda volta a cara, cospe no chão, como se a imagem da rua lhe tivesse virado uma víscera escondida, até então por revelar. Um asco sobre a língua. Essa gente virada. E pensa. A Parda não se mexeu enquanto eu estive a falar, acompanhada pelo resto da vizinhança. Como se fosse de pau. A outra ficou encostada, com o cabelo cortado pelos ombros, uma juba cinzenta de leoa amansada. Faz lembrar as espanholas que vendiam uma aguadilha verde cor de urina. Nesse tempo a Carma era a Carma. Agora parece que foi posta de molho numa calda de sabão e lixívia. Estava ali postada como se o meu discurso não lhe dissesse respeito. Era só para ver o espectáculo. Oh valhacas. Mas Carminha à porta pensa. Que agora qualquer acontecimento ou não acontecimento pode provocar aquela cena. A subida e a descida. Uma acusação pública e bem testemunhada contra as suas pessoas. Sendo no entanto tão caladas de suas vidas e tão perseguidas pelo dedo da providência. Quando a providência está alterosa, castigadora e sem piedade. De trás e de cima, lembram cavalos descendo sem pressa, deixando escorregar as ferraduras sobre o lajedo, crinas soltas. Caudas enxotando moscas e tabões. Se vão. Na graça de deus.

•

A casa de Branca tem agora várias plantas de jardim resplandecentes de verdura, botões e algumas flores. Mas apesar disso o volume dos vasos e das latas onde estão plantadas. Bebendo do estrume vivo e da água posta de dois em

dois dias pelo jacto fino dum regador de mão. É bem maior que o tufo das folhas e dos caules. Uma espécie de amostras para crescerem numa outra estação do ano. Apesar disso as malvas. Folha redonda como orelha de gente, nervuras espalmadas como pata de pato. Constituem vasos soberbos de pujança e flor. Cor de fogo. Nesses nem é preciso o cuidado da água. De vez em quando apenas. Para que ao pôr Branca o dedo sobre o estrume, o encontre fresco. E isso basta. As malvas crescem como folhas daninhas. Sem criação. Dentro dos vasos, talhas de barro que haviam servido também para azeitona de brita e de salmoura. O cantoneiro ama sobretudo o da direita. Às vezes depois da água, levanta o copo, adeja o resto do líquido como preciosidade e diz. É para ti, que nunca vi essa senhora dona regar-te como deve ser. Se eu ainda vier a conduzir o camião. Ah patinhas. Que essa arvorezinha há-de ir atrás, junto das outras coisas. Mesmo depois da re vo lu ção, Branca disse como resposta. José Maria cantoneiro. Fala como se a terra não fosse redonda. Em todo o sítio Pássaro com as suas bestas poderia encontrar essa malva e tudo o que fosse atrás dela. E o cantoneiro respondeu. Já sem zanga. Olhe Branca. Também você fala como se em Lisboa os soldados e os oficiais do exército não tivessem dado a liberdade a todos os oprimidos e não justiçados. E também como se desconhecesse que a velocidade mais veloz dum cavalo a galope, sempre é ultrapassada pelas rodas duma viatura como a que eu já conduzi. De oito. Oito rodas. Estando duas levantadas acima do piso, para o caso de ser necessária a mudança. Para o rodado efectivo, sempre seis. Duas à frente e quatro atrás. Bem vê que para sairmos daqui na cabina apenas iria a gente. Coisa levezinha. Atrás os meninos, a malva, a mesa, as cadeiras, o fogão e o resto que se tornaria necessário numa viagem desse tipo. Tudo coberto por um oleado amarelo.

É realmente a malva mais frondosa e pródiga de floração. Cor de fogo. Fica perto da boca da cisterna, e chega a deitar sombra pela rua. Dá para uma pessoa aí dormitar no seu abrigo de penumbra, uma curta folga. Por isso Pássaro. Mesmo quando escurece e as sombras se tornam desnecessárias e concretamente ausentes. Procura esse sítio com uma cadeira nas mãos, para ouvir os bichos da noite cantarem. E às vezes da estrada também um ruído de motor e apito passando para outras terras. E isso enquanto Branca, seca de espáduas e flancos, costuma ser ágil na preparação do jantar. Tantas horas da tarde perdidas à espera de novidades. Se abrisse a telefonia disferir-se-ia o som de uma marcha, vozes timbradas, cantares extasiados, palmas entremeadas de discursos em prefiguração. Mas ali a calma da noite descendo a pique, compacta e escura. Apenas a aragem dos ramos e o silêncio que nunca é bem um silêncio absoluto,

porque dentro dos ouvidos alguma coisa cria um sonido contínuo, a dizer a cada um que se está vivo. Pode-se meter a unha, e a orelha fica livre. Mas depois a cera cresce e tapa. Esse ze ze de se ouvir o próprio buraco da orelha. Então Pássaro diz alto. Hoje não janto. Podes dar a eles e comer tu. Isso nunca aconteceu, Pássaro. Mas ele fica agarrado a essa ideia de que os sentidos são coisas vãs. Alguma vez possuiu uma mula... uma mula chamada Menina? Alguma vez a viu rir nas suas trombas? Escapar-se-lhe no seu focinho? Tudo falso. Alguma vez já viajou, já viu o redondo da terra andar atrás de si e da sua montada? Oh ilusão dos sentidos, do sabor, da vista e do olfacto. Tudo afinal pode ser falso nesta vida. Ou eu próprio sou a falsidade e a grande crise está em mim. Assim por outras palavras. Agora não tenho nenhuma certeza. Não sei se é três se nove o número desses meninos machos que me deu a mulher, nove meses depois dos actos. Ou isto é da sombra da noite e eu sou Pássaro, e ainda compro e vendo bestas, e vivo disso. Da noite de sombras igual à morte, mal se distinguem os vultos, apesar das estrelas e da estrada. E eu aqui. Com um rolo de coisas no bucho, sem ter fome de comer. Até que Branca vem devagar. Por aqui mesmo passou a gente, feitos um novelo de ódio, a caminho do largo. Há apenas meses, para mostrar e fazer espectáculo do nosso desentendimento. Mas agora Branca vem devagar e diz. Já está, Pássaro. E ele mudo. Às vezes também ela é outra. Parece não existir. Mas existe, porque quando lhe desfiro um estalo encontro na cara, uma bochecha de seda que apetece amassar com os punhos. Existe que aqui está ela. Se me levantar e lhe beliscar as pernas, a princípio esse vulto cala-se como se fosse sombra, mas depois acabará por chiar bem alto. E eu levantando a saia, veria de certeza duas nódoas como duas uvas cardinais. Vermelhas e redondas. No sítio onde poria os dois dedos. Pássaro, ouve. Eu conheço os teus pensamentos. Agora eu conheço os teus pensamentos, e todas as tuas falas interiores. Diz Branca. Sim? Então sabes no que penso sobre a mudança da vida. Desde há um ano a esta parte que me sinto comido e escoiceado pelas bestas. Levantou-se Pássaro com voz de noivo. Para tomar a mão de Branca. E Branca disse no escuro. Agora, que pareces querer, vai ser muito difícil conversares comigo, Pássaro. Porque eu ainda antes dos teus gestos sei que a tua mudança vai começar. E que essa mudança começará dentro de um minuto. Tu Pássaro. Só para te provar. Vais encostar-me a esse umbral de porta, beliscar-me a perna esquerda até eu chiar, e depois, despindo-me a roupa vais afegar contra mim, estando eu encostada, até ficares aliviado dos teus males. E porque é a primeira vez que me usas nessa posição de pessoa, sentirás que já mudaste um pouco. Como vês, eu própria fiz mudança, porque nunca consegui

dizer tantas palavras junto de ti. Ou seja da noite, ou da revolução, ou de mim mesma. E podes começar por me puxar a mão e executar esse plano previsto. E Pássaro disse. Julgando-se abocanhado a partir de cima. E eu não gostaria que me amasses a ponto de me chamares Passarinho? Ai sim. Disse Branca. Todo o desejo de pessoas como tu, é que alguém lhes redobre o amor. Dando elas no entanto, apenas a décima parte do que deveriam dar. Ou nada mesmo. É como fazer uma cova no fundo do poço. Quanto mais a queres seca, mais ela se enche de água. Sendo neste caso a água, a dor e a indiferença. Porque esperas, Pássaro? Tens ali o umbral da casa. Faz escuro. Os teus filhos dormem no quarto de trás e as malvas estão presentes, mas não têm língua. E se tivessem contariam apenas a verdade a quem a quer ignorar. Passarinho.

Quando Pássaro voltou a sentar-se no suposto abrigo das malvas e outras flores, junto do poial do pátio, o céu escuro e estrelado pareceu-lhe altaneiro por indizível. Podia abrir uma mão e outra e o braço sempre seria curto para alcançar a verdade do ar. Tanto mais que agora Branca assumia o tamanho desses astros altos, escapando-se assim pela turquês da sua vigilância. Como água. De que lhe servia a colcha, esse animal feroz e escamudo com que lhe havia entretido os dias? Quanto mais a prendera mais a soltara por um recanto escondido da liberdade. Imparável. Primeiro aprendera a ouvir através da distância, depois a dormir de olhos abertos. Mas agora distintamente adivinhava os pensamentos dos outros. Pássaro sentia vontade de tirar o chapéu. Desabafar a alma que tinha. Agora esse pressentimento de que mesmo inchada de socos e pedindo perdões com a língua sempre ela havia de estar acima de si. De mim. De mim. Pensava Pássaro. Tudo se confirma. Essa filha da muito puta já se encontra deitada atrás daquela parede, e mesmo ali, ela sabe que lhe digo e chamo. Filha da muito puta. E é capaz de se levantar para me vir dizer. Pássaro sei que me chamaste disto e daquilo, mas vem para casa que o sereno pode picar-te a garganta. Amanhã vais achar toda a comida queimosa, quando afinal serão apenas as tuas goelas inchadas da cacimba da noite. Olha que já bateu a uma no relógio do teu pai. A filha da puta. Dirá Pássaro, ou até Passarinho. Corre uma aragenzinha fresca e tu aí sem casaco. Mas se quiseres aí ficar, eu deixo a porta aberta. Entra devagar para que não acordem. E ao entrares, fecha a porta com duas voltas de chave. Eu sempre deixo a água na cabeceira para o caso de quereres beber. E se ainda te der o apetite de comer, o pão fica embrulhado no sítio do costume, e o conduto também. É só partires as fatiazinhas. Até amanhã. E ainda a filha da grande mãe há-de pensar. Não é preciso responderes, que os teus remoques interiores são tão

velhos quanto tu. Questão do fundamento do teu ser. E tudo o que eu lhe disser, já ela antes saberá, e assim estará sempre adiante de mim, e eu atrás, atrás. Como uma sombra da sua pessoa. Sem conseguir ultrapassá-la. Ai de mim. Nem a sombra do meu pai pode valer a um homem que, cheio de pasmo e dúvidas, só tem a certeza de que a mulher. Estando em casa, comendo, bebendo e dando de corpo como qualquer um. Pertence a um mundo que vai à frente dos outros vários passos no tempo. Pensamentos assim até de madrugada, quando Pássaro de chapéu na mão entrou, atravessando as casas em direcção ao quarto de dormir.

Jesuína Palha sentiu-se um resto de ceifeira. E pensou. Não será hoje que por azar chegue alguma notícia, andando eu no trabalho. Guardou a foice num saco e abalou estrada fora a ceifar o seu único campo de trigo. Por essa altura já começavam a andar pelo pó dos matos os bichos répteis esquentados, de goela aberta e escama viva, e as cigarras formavam um coro de cega-rega invisível, rendilhando o tempo. E ela segura, de foice em punho e passada larga, mãos sob o avental em jeito de frio e ociosidade, fazia dam dam de cavalo com o tacão do sapato cardado sobre o chão nu do campo. Fazendo calar as cigarras à passagem. Olhou em redor. Abriu as pernas, arregaçou as mangas, tirou o chapéu, desatou o lenço. Cruzou o lenço sobre a cabeça, prendeu-lhe as pontas com o peso e o côncavo do chapéu. Feltro preto. Curvou-se sobre a espinha e deitou-se ao trigo, pela maçada dos rins que se puseram a doer sob as cruzes do corpo. Antes eram cantos que saíam das encostas de todo o lugar. E das baixuras. Agora Jesuína Palha sentia-se senhora do silêncio e das cigarras, e de todos os bichos miúdos, que andando à solta, espreitavam o invasor. Uma mulher de preto, munida de arma de metal. Recurvada. Com as pendurezas de oiro badalando na cara. Oh poças, o que custava a vida, quando ceifar era prática. E pensar que agora as paveias podem ficar ao deus-dará. Ninguém desta vida nem da outra estará interessado em roubar tal mantimento. Porque desde o trigo ceifado ao pão da mesa vai um caminho muito longo e difícil. E todos sabem de olhos fechados, que só o pão interessa comer. Branquinho, fofo, cheiroso de cereal e cozedura. Pedindo conduto e molho, Jesuína Palha, resto de ceifeira.

Matilde disse. Vão tão lentos os dias nesta espera. E João Martins disse. Mas os anos sempre correm rápidos. Ainda ontem eu tinha buço e era moço. E Manuel Gertrudes disse. Quando me lembro da guerra, julgo que foi ontem.

Tenho tudo aqui na memória. Desde as vistas aos pensamentos tidos. Ah, mas se quero lembrar-me do que vi e comi pela manhã, penso que se passou uma eternidade entre esse momento e o presente. E Lourenço disse. Deixem de falar do fundamento do tempo, que sempre traz maus pensamentos. E Matilde disse. Às vezes até a sua zaragata. E Manuel Gertrudes disse. Isso mesmo. Sobretudo se dois se lembram da mesma coisa. E o arrieiro disse. Sim, e um diz que foi em trinta e seis e outro em trinta e nove. E João Martins disse. Tão calado, Macário, diz qualquer coisa. E Matilde disse. É que esse espera duas novidades, sendo a primeira se calhar tão impossível quanto a segunda. E Manuel Gertrudes disse. A segunda é esperada por toda a gente. A primeira só ele a espera, e nunca como agora a teve tanto a desejo. Lembrem-se todos, que desde a tarde em que o senhor sargento matou o canito, nunca mais o seu superior aí veio sentar o seu cu. Com sua licença. Nessa cadeira de lona. Foi-se. E Tiago disse. Sendo assim é a segunda espera mais difícil que a primeira, e pertence a esta gente toda. É então altura de desesperarmos. Canta. Canta qualquer coisa, Macário. Que se lixem os visitantes, que virão se vierem. Oh carago.

Macário como se quisesse aliviar o coração, levantou uma perna e iniciou as cantigas. Temos a tarde toda, oh gente. Isto hoje pode não ter fim. Os vizinhos sentiram que a sombra concreta podia começar a chegar à rua, apesar da lentidão, e por isso se sentaram em fila no poial de pedra. Macário de perna levantada entre os portais, apoiando o pé sobre o tampo duma cadeira. Palhetava fino e vibrado, requebrando a melodia como de soluços. Essa e ainda essa, e ainda outra parecida à primeira. Tiago pensava, vendo a palheta vibrar as cordas que o instrumento podia quebrar-se. Seguindo ele todos os movimentos da mão. E experimentou uma inveja saudosa de um outro mundo, onde ele próprio teria sido capaz de desferir a música sobre uma caixa de som. E esses pensamentos eram tristes. Vinham no fio e na ponta daquele requebro, vibrante e repicado, sem um som de canto. O bandolim do seu vizinho fazia-lhe representar mulheres que nunca se queixavam, nem perdiam os dentes, e que no entanto amavam muito e bem. Mulheres que morriam de pé e não se deixavam ver enterrar. Só para não deixarem nos amantes a lembrança da desfiguração. Por isso teve de dizer com licença. Macário parou, e Tiago disse. Um momento, homem, um momento. Muda de estilo, que essa faz-me humedecer a vista. Ou será do calor que faz? Então Macário concentrou-se sobre um último riso, fechou os olhos, iluminou os dentes e toda a cavidade da boca e começou também a cantar. Com o balanço de todo o corpo. Que por causa de uma cobrinha. Esmagada no

terreiral. Toda a gente sua vizinha. Ai toda a gente. Toda a gente sua vizinha. Se afogara em cagaçal. Nesse momento chegavam as crianças atraídas pela música e pelo canto, em passo solene e chapéu fora, e o cantor repetiu a quadra de perna no ar. No final da copla, fechou completamente os olhos e juntou os dois pés. Levantou o bandolim no ar e disse. Tudo. Tudo o que canto e toco me sai directamente desta. Apontando a cabeça com o dedo.

– Compões bem, meu filho. Mas és perdido nesta terra. Disse Manuel Gertrudes.

São todas minhas e faço-as no momento em que as canto. Porque os ouvintes eram muitos e se aproximavam devagar para não interromperem, Macário acrescentou mais um palhetado vibrante de som. Que essa magana do pasto. Da espessura dum tostão. Morava em todas as casas. À espera de ocasião. Ai à espera de ocasião. E todos disseram. Ai à espera de ocasião. Com entusiamo de compostura. Ai à espera de ocasião. Macário fazia agradecimento, deixando a vizinhança entoar sozinha. E virava o alto da cabeça nos joelhos. Os cabelos soltos como erva escura por segar.

Quando Jesuína Palha disse. O que vejo, meu deus? Vem aí um carro. Um carro celestial. Celestial. Olhem todos. Traz os anjos e os arcanjos. Oh gente. E São Vicente por piloto. Disse Jesuína Palha que voltava da ceifa, ainda com o avental e o lenço repletos de praganas. Todos olharam. Na verdade surgia na curva da estrada, pelo lado poente, qualquer coisa de tão extravagante que todos os que conseguiam enxergar a mancha de cores, virando as cabeças julgaram ir cair de borco sobre o chão da rua. Embora a mancha já volumosa, avançasse lentamente. Ocupando no espaço as três dimensões duma coisa visível, sólida e palpável. Mas os homens, pondo a mão, e fazendo muito esforço para verem claro o que avançava com tanta majestade, disseram. Menos rápidos e mais lúcidos. Vamos. Vamos ser visitados por seres saídos do céu, e vindos de outras esferas. Onde os séculos têm outra idade. Afastem-se, vizinhos, que esta visão costuma fulminar. As crianças correram estrada fora, comandadas pela coragem. Sentiam que o mar ia chegar atrás dum barco de velas alvadias e soltas, desfraldadas à levíssima brisa da tarde. E também começaram a esbracejar, esboçando gestos de natação. Mas Macário. Tendo sido o último a enxergar, teve a visão exacta. No momento da surpresa ainda tinha os olhos fechados de repetir pela última vez. À espera de ocasião. À espera de ocasião.

– Isto é um carro de combate. Oh vizinhos.

Na verdade, a pleno meio da estrada avançava um carro singular, porque vinha pejado de soldados garbosos e épicos, penetrando já pelo centro de Vilamaninhos com bandeiras e flores. E cantavam por um altifalante como se viessem munidos de uma poderosa orquestra. Agora já o espectáculo era tão real e tão bonito que todos. Esquecidos desses primeiros segundos de pasmo e confusão. Sentiram estar suspenso o toque, o canto e a audição desde há muito. Para só ouvirem e verem aquilo que chegava em cima dum carro aberto e blindado. Todos tinham a certeza que desde o tempo dos reis nunca mais se vira de igual. Ah maravilha. Então o carro parou em frente do grupo, e fez-se um momento de silêncio tão solene que as pessoas pensaram ir morrer. Mas um soldado. Particularmente bem feito, tendo sem dúvida nascido numa terra muito diferente. Começou a falar de cima do carro, agora parado no largo. Dizia coisas. Que tinha feito uma re vo lu ção, e que era preciso animar os espíritos. Porque tudo. Tudo. E abria os braços do salvador. Tudo iria ser modificado. Falava tão bem, que todos se encontravam encantados no timbre daquela voz. E nas maneiras másculas, sendo contudo delicadas, como se não sentisse o soldado o peso do corpo. Na farda, no cabelo levemente encaracolado. E ninguém era capaz de dizer fosse o que fosse, presos todos da surpresa e da maravilha. Nem Macário. Nem Manuel Gertrudes. Os outros soldados sentindo sem dúvida a perturbação que invadia os naturais de Vilamaninhos, levantaram então os braços e disseram o que os ouvintes porventura queriam dizer. Mas falaram os soldados em conjunto. Tão alto e tão vibrante. Que os vilamaninhenses só compreenderam que uma grande coisa eles haviam dito, e maiores ainda teriam a dizer no futuro. Quando acabaram o largo estava cheio de gente que escutava. Nem se sentia o vazio dos ausentes. E Macário, receando que os habitantes de Vilamaninhos estivessem a desempenhar o papel de bêbados na perfeição, e animado, porque antes de chegada, acabara de ouvir da boca do seu vizinho, que o seu lugar não deveria ser ali. Sentindo-se patrício desses forasteiros. Disse.

– Nós aqui soubemos logo, dois dias depois, que vocês tinham feito a re vo lu ção. Mas nunca pensámos que chegássemos a ver os heróis.

O soldado que havia falado agradeceu com a mão. Todos os outros tinham um ar solene e marcial, não duvidando ninguém que tais homens venceriam as maiores batalhas. Disse também o soldado formosíssimo, com flores a desfolharem-se nas abotoadeiras. Que era preciso que aquela terra se capacitasse que o tempo da li ber da de tinha chegado. As mulheres menos ociosas, e as moças, que haviam sido as últimas a descer, mas que mais próximas se encontravam agora do carro de guerra, começaram a sentir que não poderiam

reprimir por mais tempo os sentimentos espontâneos, e porque o espectáculo era o mais arrebatador das suas vidas, puseram-se a gritar todas as palavras de entusiasmo que souberam. Disseram vivas. Amigos, amores, irmãos. Seres divinos, libertadores da fome e da inveja. Disseram anjos, coisas formosas, filhos do ventre e visitantes. Excelentíssimos. E havia quem chorasse e cruzasse os braços sobre os seios como se abraçasse os soldados que permaneciam heróicos e fardados sobre o carro verde, da cor do rinchão. Singularmente aberto e blindado. Manuel Gertrudes ousou dizer. Eu fui soldado. Este que aqui vêem. E bateu no peito. Os soldados que o ouviram puseram a mão na boina, levantados sobre o carro. E Manuel Gertrudes continuou, tendo-se-lhe libertado a língua. Nesta terra de há uns tempos para cá não há soldados. Fugiram aos quinze anos, com receio de que a guarda os viesse buscar a cavalo para serem soldados à força. No entanto eu fui em catorze-dezoito, e nunca me arrependi, apesar da dureza da guerra. Oh amigos. O soldado falou de novo. Dizendo. Agora. Agora as in jus ti ças vão ser reparadas. O tesouro público distribuído igualmente por todos. Porque nos move um i de al. Perfilhado por muita gente. E somos capazes de dar a vida pela teoria. Veja. Os vizinhos aproximaram-se para ver, no entanto, um dos soldados brandiu um objecto comprido, e os naturais, e ficados por Vilamaninhos, viram-se obrigados a recuar uns passos. Pensaram que aquela tarde era muito cheia de acontecimentos, e que ainda iriam ver ali uma prova de fogo e força. E o primeiro soldado disse, enquanto o segundo desatava a suposta arma, enfaixada. Que iriam expor aquela figura perante todos, porque acreditavam. Oh amigos. Que aquela era a hora dos humilhados e oprimidos. E quem são esses? Perguntou Manuel Gertrudes. Quem são esses? E o soldado encheu o peito. Vocês. Vocês. São vocês. Repetia. Sem o saberem. Mas o futuro agora chama-se pre sen te. Basta apostarmos todos nos valores exactos. Vocês. Nossos parceiros. Alavanca dos prodígios. Dizia o soldado, que por falar e mexer as mãos parecia mais garboso. As moças apertavam a garganta com os dedos. De outra forma exalariam suspiros indiscretos. E Manuel Gertrudes, de língua libertada, ainda disse. A gente? Como chama à gente disso? Se já deixámos as cobras descerem às nossas casas? Onde há morador, ainda se consegue afastar os bichos rastejantes com um defumadoiro. Mas nas casas dos emigrantes, nas horas de calor, assobiam e chocam ovos. Como resposta o soldado disse. Vejam primeiro a figura. O segundo soldado desenrolava o objecto que não envolvia afinal nenhuma arma. Com um barulho de pano esticado sobre cola e papel, apenas se desprendeu uma tira de madeira na ponta dum estandarte. Vejam. Disse o soldado. E todos puderam ver. Era a figura

grandíssima de uma cara de homem, cor de papoila, com os olhos quase fechados por uma nesga de vista. Olhando para fora do rectângulo de pano onde o tinham implantado. Descobria uma vasta fonte, e uma barba pontiaguda, feita a ponta de pincel, espalhava e rescendia um ar solene. Manuel Gertrudes gaguejou de emoção pelo tamanho do estandarte. E disse. Esse é parecido com Macário, se Macário se penteasse e cuidasse mais de si. O sol-dado sorriu. Não. Com uma pausa. Este não pode parecer-se com ninguém, porque esteve à frente duma grande nação, e ensinou os caminhos da verdadeira ver da de. A todo o mundo. Falava com gestos veementes, o soldado. E morreu pelo que disse? Perguntou Jesuína Palha. Morreu, sim. Morreu pela justiça. E Jesuína Palha esquecida das praganas que lhe atormentavam a pele, disse resoluta. Ah punhão! Se morreu pela justiça e pela verdade, esse que aí está, é são Francisco Xavier, porque só desse há memória de ter empenhado as barbas nas bandas do oriente. Ou Egas Moniz. Disse Manuel Gertrudes. Porque esse também cumpriu o prometido. Afinal a nossa história está cheia de grandes figuras. Basta os meninos abrirem o livro que fala delas. Mas insisto que esse aí se parece com este. Apontando Macário. E o soldado repleto de um sorriso de bondade e muita doçura, com o olhar conhecedor de um mestre de pontaria, e os braços fortes de um herói. Disse. Amigos. Este nasceu muito longe daqui, e só tem a ver com a nossa história a partir dos dias que correm. Estes. Se o tempo de que dispomos fosse nosso, contaríamos porquê. Mas hoje temos de ir andando. E dava ordem de enrolar a figura. Parecem puros, bons, mas sem conhecimento de muita coisa. Dizia o soldado como se falasse a meninos. Algum dos presentes aprendeu as provas da esfericidade da terra? Então é preciso voltar depois. E a um outro gesto, mandou pôr o carro em andamento. O condutor da viatura, que também era soldado como todos os outros, pôs o motor a funcionar. Com dois estampidos de arranque, e as rodas desferiram umas escassas voltas em direcção ao nascente. Como se estivessem de partida para Faro. Mas não puderam avançar, porque Jesuína Palha, de um pulo, postou-se em frente. E disse. E a cobra? Os soldados já sentados, e outros de pé, mas todos nos seus lugares, não percebiam a palavra. A cobra? Que cobra? Perguntou o primeiro circunspecto. E Jesuína insistiu. Como é possível que passem por aqui e não expliquem o que se passou nesta terra? Já não falo dos outros sinais, porque vejo que vão de abalada, como se a gente lhes empestasse o ar. Mas da cobra. É forçoso que falem. Senão, morremos todos com a dúvida atravessada na garganta. Os soldados pareciam possuídos por verdadeiro espanto. E Jesuína olhava-os de vistas muito abertas, como quem dá ou pede um último perdão. Também ela se apercebia que nos soldados havia

esmaecido certa garbosidade. Ouvia-se a gasolina fazer a combustão dentro do ventre metálico do grande carro. E um soldado disse. Contem. Viemos também para aprender.

Jesuína afofou a saia e puxou as meias presas por ligas na cintura dos joelhos. Sacudiu as praganas, deitou o saco da foice ao chão e começou. Com o ímpeto de muitos gestos. Que precisamente no verão passado, num dia de calor como tinha sido aquele, estando ela a meter o pão no forno de pá em riste e tabuleiro tendido, ouvira gritos que lhe pareceram ser de alguém que perseguia animal feroz. E não se havia enganado. Largara a pá e saíra para a rua com uma cana na mão, pronta a defrontar o que quer que fosse. Nesse momento vira os vizinhos a perseguirem uma cobra de várias braçadas, e sentindo que os presentes eram incapazes de enfrentar o animal como deveria ser. Jesuína batia nos peitos com ambas as mãos. Tinha-se atirado a ela e amassara-a sem piedade zus zus sobre a calçada até a sentir desfeita. Mas já morta, a valhaca escapulira-se-lhe das manitas, erguera-se no ar sobre as cabeças de todos. É ou não é vardade, oh gente. Duas asas lhe tinham saído do lombo, uma auréola de luz proveniente da língua lhe iluminava a cabeça, e assim subira ao céu sem ninguém mais a ter encontrado. E Jesuína Palha, fazendo balançar as penduras das orelhas, dez vezes mais varonil do que um homem, batia no peito em frente do carro dos soldados e das pessoas apinhadas agora à porta da taberna. Com todos os gestos, representando as cenas. Fez-se silêncio, e um soldado desferiu uma pergunta. A que horas se passou a cena? Jesuína Palha olhou o céu, comparou e disse. Seriam umas duas da tarde, meio-dia de sol. O primeiro que tinha falado desde o princípio, também falou. Estamos todos contentes, porque registamos que nesta terra ainda se gosta de milagres. Já começa a ser raro. O carro sofreu um impulso mais forte e desapareceu atrás da última casa, sumindo-se pelas alfarrobeiras do caminho, porque a estrada fazia uma curva para nascente, e esse desaparecimento era demasiado súbito para quem tinha saído da modorra da espera apenas por uns escassos minutos. Quando se deixou de ouvir o último sonido da marcha da viatura cor de rinchão sobre a estrada, e um silêncio de enterro caiu sobre os presentes, pensaram as mulheres que os beirais das casas caíam de podre e erva. Os homens olharam as nuvens e julgaram que o presente ainda não tinha começado. Sentindo-se todos muito velhos para assistirem ao acontecimento do futuro. A gente? Alavancas do tempo? Só as crianças tiveram a certeza de que o mar era húmido e forrado de fofas ervas marinhas. Esbracejando. Por isso Maria Rebôla, que ficara no centro do círculo das mulheres, e durante o entusiasmo tinha pensado ir a casa de José Jorge Júnior

buscar Esperança Teresa ao colo para que pudesse ver os soldados no carro. Tão súbito tinham chegado, quando já quase não eram esperados. Disse muito alto, para ser bem ouvida. Sentindo-se dona da tragédia.

– Ah família. Tivemos uma visão.

Todos os presentes se entreolharam e sentiram alguma vergonha de si próprios. Os soldados tinham abalado, encarregados sem dúvida de levar a visão a outros sítios. Viam. Olhando-se nos olhos uns dos outros. Que se tinham alvoraçado por um nada. Mas que não se desfaça o grupo. Disse Tiago. Iam as tuas cantigas tão belamente cantadas. Macário achou que sim. Por isso levantou uma perna, descansou sobre o joelho todo o corpo do bandolim. Abraçando-o. E cantou. Que uma cobra do mato. No estertor da agonia. Ai no estertor da agonia. Dera o salto. Dera o salto. Para outra freguesia. Que no ar deixara penas. E no chão caganitinhas. Que a caca era de cão. E as penas de galinha. E as penas de galinha. Dizendo todos. E as penas de galinha.

Mas a lua já subia alta e Macário sentia que os seus vizinhos tinham bebido um mal de insatisfação. Nessa tarde. Eh amigos. Chorar lava a alma e desanuvia o peso da testa. Esses que aí vie-ram mostrar-se nem chegaram a ouvir a voz da gente. E Manuel Gertrudes disse. Nem toda a gente teria tido a paciência de ouvir a Palha falar da cobra. Ainda por cima com tanto benzer de mãos e saracotear de cu. Mas Macário fingiu não perceber. A gente devia só ouvir a gente. Não acreditar em nada além da gente. Sempre que damos ouvidos a outros, ou matam cães ou levam a esperança que a gente tem. Manuel Gertrudes repreendeu. Cala-te, Macário. Não vá essa gente arrepender-se do pouco que nos deu. Porque o pouco sempre é melhor que nada. E arriscar a vida sempre a mim me mereceu tirar o chapéu. Eu conheci a força da metralha. Falo a partir de dentro. Por isso será melhor cantares na verdade coisa que fale de amor. Por exemplo. Macário olhava os vizinhos. Ninguém queria abandonar o largo apesar da noite. Como se tivessem feito uma experiência de júbilo mal rematado. Macário sentia isso profundamente. E repassado de tristeza, ali perante o ajuntamento, começou a compor uma canção de amor muito triste para que os vilamaninhenses pudessem chorar publicamente por uma coisa, dizendo que era por outra. Era uma história de afeição jurada, traída e mentida. E havia uma carta, um regresso e uma recusa. Depois era um desejo e um silêncio. Uma separação. Um suspiro, uma cantiga, uma morte. Mas antes um martírio e uma evasão. Pegando umas coplas na ponta das outras, de seguida, como se receasse Macário que a inspiração se quebrasse, ficando suspensa a história. Quando acabou, ninguém tinha saído, nem para comer, nem para dormir. Mas

comentavam que Macário cantava só por uma mulher, filha de uma outra. Estando ambas ausentes. E que se esse amor fosse vivido no peito como parecia nas palavras, seria um enredo de cortar a alma. Oh triste Macário. Tiago contra vontade humedecia os olhos, sem ninguém ver que a lua tinha vindo e ido, redonda e rubra, formoso olhão do céu.

•

Então os ausentes. Carminha tinha ouvido as vivas, sentada no divã da casa. E depois pela noite inteira o barulho do instrumento tocado como se gemesse. E os passos pelas ruas. Jesuína Palha chorando de regresso, como se lhe tivessem arrancado as mãos com que sempre fazia a menção de matar um bicho. Só pela manhã houve silêncio e Carminha conseguiu dormir. Também nela havia um tumulto, todo feito para cá das janelas que a separavam da verdadeira rua. Por onde as galinhas continuavam a atravessar e a lançar as poias. Um sono de dia, mal repousado. Seguido de um acordar cansado, espanejando as pálpebras. E um peso. Como se o silêncio do povoado fosse um luto, e o luto a tocasse de perto, agora por contiguidade e calor. Já pela tarde Carminha abriu a janela do quarto para olhar verdadeiramente a rua, e pensou. O futuro é o presente a andar lentamente para trás. Na verdade abafava-se dentro de casa ou à janela, e mesmo sobre a calçada se ouvia o sussurro dos gafanhotos pedalando de pasto em pasto. Os telhados ondulavam sobre as paredes como se fossem cair e as paredes das casas abriam bocas como se fossem romper-se. Desabar no chão. As caiações eram tão últimas que já resplandeciam de amarelo e se listavam de ocre definitivo. As lagartixas postavam-se esgalgadas como se fossem donas de todos os muros. Pelos quintais as piteiras de folhas e espinhos estavam espetadas e ferozes como se fossem unhas. Aceradas. Atrás das casas as oliveiras estavam cinzentas como se fossem mariolão do mato. Mas sem flores. O rio em baixo tão seco como se fosse uma estrada de pó, o mar distante como se fosse uma fotografia. E do outro lado, a linha da terra esbatia-se cinzenta na luz como se fosse deserto. Carminha recolheu o olhar sobre os pés. Os ladrilhos tão fendidos como se fossem mosaico, o algermolho de vinagre como se fosse purgante, o orégão cheiroso como se fosse incenso. E as paredes. Levantadas como se fossem prisão de todos os móveis. Carminha desviou o cortinado. Pelas ruas as sombras nítidas como se fossem pintadas. Independentes dos seres. As gateiras tão largas como se fossem para bácoros. E as cavalariças. Sabia-se. Tão cheias de palha como se fossem só para galinhas. Pelas cozinhas, espirros tão fortes como detonações de cuspo e ar. Pelos postigos, cabeças pretas espreitando como

se fossem vigias, e no largo homens suando como se fossem de sal. E o sol tão rubro como um forno incendiado. Um afrontamento na alma. A tarde inteira a cair como se fosse uma porta. E Carminha pensou. O pó desta casa. Pode-se pegar pelas pontas e dobrá-lo. Fazer com ele um embrulho como papel de jornal.

– Mas nisso tudo. Oh mulher. Qual foi o fundamento da vinda? Da vin da?

– Pergunta-me a mim, tio José Jorge? Dos fundamentos? Pois saiba que Jesuína Palha. Essa que tem a mania das proezas, deixou três polas à solta pelo pasto, a encherem o papo durante dez dias para as oferecer bem gordinhas. Nem tempo teve a mulher de lhes fazer a oferta. E a Matilde? Essa. Ficando mesmo em frente a venda, ainda fez menção de ir buscar o garrafão para dar a molhadura a todos. Mas quando deu conta, já eles iam marafados depressa, como escalmurrados pela nossa presença. A falarem da liberdade. Sempre da li ber da de.

– E pareciam-se com padres?

– Nada disso. Tio José Jorge. Eu ainda disse. Cuidado, não falem à gente por parábolas. Que há dezoito anos que não temos cura, mas conhecemo-las todas de cor, e ainda não nos deram nada. Parece que para se vingarem, fizeram de arrebendita, e se foram. Não se pareciam com ninguém deste povo. Só a figura do estandarte.

•

Carminha pensou. Vou morrer aqui à janela. Assaltada assim por pensamentos e sozinha em casa da minha mãe. Tão igual é sempre esta paisagem de terra que já não vejo as coisas nos seus devidos lugares. Nem nas suas devidas proporções. E saiu para a rua, o corpo a balouçar na largura do cós. Então uns passos vagarosos e subtis, vindos de cima como de propósito, avançaram em direcção à porta. Carminha estava debruçada sobre o canteiro, um jeito de pé a balouçar o chinelo. Boa tarde. Macário desviava os olhos, agarrado agora ao cabo do bandolim como a uma colher. Assim metido num saco, sem a exposição das cordas e do tampo da caixa. Boa tarde. Eu vinha aqui só para te cantar uma. Uma só para ti. Se quiseres ouvir. Uma, Carminha, que diz que sou louco. E punha os olhos nos sapatos dos pés. Que sou louco. Mas que dentro dessa loucura. Tanto cantar é tão pouco. É tão pouco, é tão pouco. Para te chamar minha cura. Apenas cantando. E disse. Mas não fujas, Carminha, por eu te dizer

isto a ti. Carminha sem parar de balouçar o chinelo disse. Sua cura? Como sua cura? Bem, é que eu tenho outra muito mais directa. E diz. Vá então direito ao assunto, Macário. Disse Carminha de olhos fixos nas mãos abertas. Sim, Carminha, durante catorze dias do mês posso fazer de ti uma rainha. Ai uma verdadeira rainha. E durante os outros, tu própria me fecharás na cavalariça. Macário meteu a mão numa algibeira. Aqui tens a garantia. Exibiu um cadeado de fechadura e chave. Em ferro puro, batido e brochado. Carminha passeou os olhos pelas cagadelas da rua e disse. Aceito. Não é preciso mais conversas. Aceito. Então Macário despiu o bandolim do trapo que o cobria e disse. Escuta. E fez variações sobre aceito. Aceito, palavra triste. Ai é tão triste, e tão gostosa.

•

– Ah Esperancinha, tu me entendes? Diz aqui a Maria que os homens já vieram e já se foram. Já vieram e se foram. Depois de tanta espera. Oh Esperancinha. Vieram num carro todo embandeirado. E se foram logo com toda a pressa. Diz ela também que havia um deles que mais falava. Diz que era só olhos e palavras. Se assim era, Esperancinha, esse se parecia com o teu filho Saul. Era ou não era? Diz que chegaram cantando. Can tan do. Oh mulher. E abalaram dizendo adeus. Esperancinha. Para as bandas de Faro. E uma pessoa sem ser sabedora de coisíssima nenhuma. Nem a Rebôla teve tempo de dar um aviso. Oh Esperancinha. Era bonito mas foi-se. Que a gente já não merece oh Esperancinha. Não me re ce. Não senhora. E diz que vieram só mostrar-se. Nem ensinaram doutrinas.

– Quiseram ensinar. Ensinar. Mas ninguém compreendeu as palavras tio José Jorge. Também ninguém reconheceu o estandarte. Eles vinham de repelão. Nem prantaram seu pezinho em terra. Foi só de vivas. Parecia que traziam fogo nas rodas. A princípio eu também chori. Era uma voz. Uns gestos. Umas palavras. Toda a gente que ainda aí mora pelos monturos a chegar. Fazia estremecer a carne. Pôr nervosa a alma. Mas não houve tempo para nada. No fim eu disse. Isto foi mangação que aqui vieram fazer. Mas houve quem me chamasse de alarvada, dizendo. Mangação? Chamas mangação a quem arrisca os cabelos da cabeça, os canos do cu e a barba da cara, para assim andar a falar às pessoas? Bruta é que tu és. Aí. Tio José Jorge. O que havera eu de dizer e imaginar?

– Oh Esperancinha. Estás alerta? O que falava parecia-se com o Saul pelos modos e pela vestimenta. Com o Saul, o teu filho. Diz que era com

cada raminho de olho. Umas maneiras. O Saul, Esperancinha, veio depois da Engrácia. Esse foi sempre o mais bonito. Parecia uma estátua de carne. O peito e os encontros. Um dia. Tu te alembras? Ele estava ali no largo. Teria uns quinze anos. E falava o rapazote da fundação deste povo pelo punho do avô dos meus passados. Como me a mim tinha ouvido contar. E um homem feito, o Botelho, disse. Oh fedelho e calmeirão, cala-te com isso que já teu pai xeringou os ouvidos de toda a gente com essa coisa. Mas o teu filho disse. Xeringou? Espera aí. E botou a mão no ar. Vai o outro de se agarrar ao teu filho Saul. E o nosso de avançar uns passos. Punhaços fechados. E vai daí o outro. Vinha o outro de manita fechada. Mas o Saul prantou um salto no ar e pegou-lhe na dita manita. E disse. Oh gaginho. Oh ga gi nho. Sempre quero ver o que tu tens aí. Abriu-lhe as unhas. O pulha foi obrigado a mostrar. Tinha ele uma faquinha aberta. Sem dúvida para a enfiar no cachaço do teu filho. Teve de fugir daqui à padrada, o traidor. Zuniam as pedras atrás dos fundilhos do cobarde. Mas o David. Esse era o melhor falante. O fa lan te, oh Esperancinha.

– Sim, sim, tio José Jorge, pensando bem. O soldado que falava parecia-se nas feições com o Saul e nos modos com o David. Mas a visita foi assombração. E o pessoal habituado que anda às coisas sobrenaturais. Quem não se alembra da cobra? Esse maldito bicho que aí veio espavejar-se por cima da gente como se viesse fazer pouco das pessoas desta terra? Pois quem se alembrou disso julgou estar a assistir a nova transfiguração. Olhe que houve quem, depois de os ouvir discursar, dissesse. Foi ilusão dos sentidos. Foi e foi. Mas lá estavam os carris no chão. Oh porra quem fez isto? Será pegada de gente? Ou já andamos todos aluados.

•

Carminha pestanejando contra a tarde. Uma rainha catorze dias no mês. E pensou. Vai cair a noite como um vestido. Porque o sol se punha longe como um incêndio de fogo e água. Atrás da linha do mar e do vapor fino das nuvens. Como uma mistura perfeita. E Macário. Aceito, palavra triste. Falas tu de aceitação. Ai ai. Falas tu de aceitação. E quase raivoso. E só porque tu nunca viste as bordas dum coração. E só porque, e só porque. E só porque tu nunca viste as bordas dum coração. Carminha passava a mão pelo cabelo, olhava a perna de lado como se não lhe pertencesse. A cara de Macário iluminada pelo laranja-vivo da tarde. Quando ele se calava havia um silêncio que gritava pela rampa abaixo e só se desfazia, de encontro ao largo, onde os meninos de calção

curto, e sem calção nenhum, faziam um apanha de algazarra. E Macário repegava nos sons. Cortaram à oliveira. Ai cortaram à oliveira. Carminha via-lhe os olhos fechados com uma nesga de olhar sobre as maçãs salientes. Empalidecidas pelo momento. Cantando. A pernada do caminho. Ai do caminho e do caminho. Mas ela à sua maneira. E tocava com os cinco dedos da mão direita como se os quisesse sacudir do pulso. Fez crescer outro raminho. Carminha. Isto é uma jura de amor. Dizia ele sorrindo, iluminando os golpes da cara.

– E vossemecê, Esperancinha, não tem pena de não ter visto? De não ter visto? Eram assim. De braço levantado, não chegava eu à testa deles. À testa.

– Não me fales de testa, oh Maria. Porque me alembras a testa bonita da minha Engrácia. Lisinha e branca como flor. Quando ela baixava a cabeça em frente do candeeiro. E com as manitas pequenas fazia renda. Andava ela a escrever com a agulha, em buraquinho de cheio e vazio as palavras boa noite. Um dia estava a Engrácia a fechar o azinho de boa. Eu lhe disse a ela. Filha, pranta esse no casamento. E ela já minada por aquele vício de abalar. Não senhora. Isto é para prantar em outra terra. Dizia aquilo com a boquinha fechada, como um ponto de perlé. Já ela tinha umas maminhas redondas e duras como pão levedado. E ainda eu andava com o último na barriga. O David. O Simão já engatinhava, e antes do Simão tinha nascido o morto, de olhinhos fechados. E disto tudo já tu te não alembras. Oh homem. Que a ti te falta a memória e às vezes o entendimento.

Macário surgiu de entre as penedias dum quintal. Por onde amadureciam ervas. E circundou a piteira-da-índia, de folhas muito ferozes. Foi então encobrir-se nas abas duma figueira. É possível que não venha e eu tenha de compor novas até a convencer. Mas essas serão mais directas. Hão-de falar de corpo, bocas e abraços. E hão-de começar assim. Assim como os passarinhos. Ai assim como os passarinhos. No verdor da primavera. Nesse momento Carminha apareceu caminhando às arrecuas, como se receasse que as próprias cigarras das amendoeiras a vissem passar. A saia amarela balouçava-lhe no corpo, como se estivesse prestes a despir-se por si só. E apanhava o cabelo, para o deixar depois de novo liberto. Ajustou a travessa sobre a orelha e estendeu a mão. Aqui não, porque é muito perto de casa, e Carminha Rosa costuma a esta hora cozinhar o

almoço. E puseram-se a andar. E ele pegou-lhe na mão sob uma amendoeira fofana, carregada de frutos, de casca já escancarada de calor. Mas Carminha olhou em redor, e ao ver a erva seca alta e fofa como um lençol de cama, disse.

Aqui não, ainda é perto de mais de casa. Parece que lhe ouço o rumor dos pratos e alguidares. Aqui? Tão longe? E ele pôs-lhe a mão no pescoço comprido. Retomaram o caminho, vereda abaixo até a um tufo de aveia transparente que tinha ficado por ceifar. Macário sentiu que podia de repente cair com Carminha nos braços. E ela olhou. Ficavam abrigados do norte, mas continuavam descobertos do sul. Aqui não, porque a esta hora pode passar gente pela estrada. Disse Carminha pondo-se a andar com um ligeiro cloquear de chinela ampla. Pequenos bichos do pasto fugiam em sobressalto. E Macário adiantou uma mão aberta que pôs a meio das costas de Carminha, e deixou descair pela cintura. Julgou ela que tal mão. A mão da música. Evocava coisas passadas, presentes e futuras. Tais gestos empurravam as águas do corpo até à cabeça, e prestes lhe saltariam pelos olhos. Mas a mão descia. Por ousadia de Macário, e espalmava-se, aquecida, contra a cintura de Carminha, ondulante no andamento. E já perto do rio, Macário. Macário caiu de joelhos às abas duma alfarrobeira submersa em folharasca. Donde se via o sulco do rio semeado de penedos. Por onde cem anos atrás um curso de água clara corria. Aqui. Disse. Aqui também não, por causa dos pedregulhos. E ele disse. Vamos. Então subiram. Do lado direito uma figueira bravinha muito ramuda, abria as pernadas em leque pelo chão. Se entrassem dentro da copa, nem os pássaros dariam com eles. Ao ouvido. Mas Carminha ouvindo falar de pássaros lembrou. Nas abas há quem costume fazer poisos e deixar ratoeiras para apanhar felosas. A copa era feita de folhas e sob as folhas. Na junção dos gomos havia figos. E ele disse. Por amor, ai por amor. Esse profundo mistério. Às abas da figueira, com as mãos caídas, o rosto cavado. A roupa tensa sobre os membros. Tua mãe se afogou. Nas águas dum baptistério. Ai nas águas dum baptistério. E ela curvou-se tudo quanto o necessário para passar entre as abas sem aí deixar um fiapo de cabelo negro, penetrou na sombra, sentou-se sobre os torrões de terra e disse. Só se ouvem pássaros. A figueira era tão frondosa e as pernadas tão espalmadas no chão, que se podia ciciar como dentro duma casa, onde até cabides havia para pendurar as roupas. As folhas eram grandes, de cinco lóbulos espalmados, verdes, escrevinhados de branco no seu invés. Aqui ninguém nos encontra porque estamos agachados atrás de centenas de mãos. Carminha podia pendurar a roupa pelos gomos verdes do interior da copa. Macário também sentia uma guita atar-lhe os dedos, enquanto os pássaros passavam de largo. E porque se fez um grande silêncio de sombra,

Carminha ouviu distintamente o sussurro dos gafanhotos. E as galinhas das capoeiras cacarejarem de ovos postos. É tão perto. Disse Carminha. E Macário retomou a cantiga sobre os ninhos, os ovos e o verdor da primavera.

Anda tudo louco. Pensou Pássaro. E a mim, ainda se me vai sair o cinzento dos miolos pelos tubinhos do cabelo de tanto pensar na vida. Oh que enfadamento. Agora que de nada valia atravessar as lonjuras para ir trocar de bestas. Cada vez mais morrinhosas. Pássaro pensava na vida como uma sucessão de dias e de noites. Mas de dia o sol continuava a cair a pino. Se uma pessoa saísse e atravessasse o largo ou qualquer rua, veria ainda a sua sombra agarrada ao corpo, cabeça pregada a uma mancha de rotação de pernas presas à volta da cintura. Pelo solo. Como anão. Um batráquio. Se fosse Pássaro seria uma mancha de ombros, braços e chapéu. Mas agora que a incerteza invadia a pessoa de Pássaro, e que apenas de muito longe vira e ouvira os soldados. Esses mancebos embandeirados. Gostava de ficar suando as horas de calor e folga estendido sobre o divã do corredor. Dedos cruzados atrás e sob a nuca. Desse poiso de rede e pano, podia Pássaro ver o azul vibrante do céu sem um fiapo de aragem, e uma dispersão de folhas verde-vivo, abanando cordões de amêndoa fofana e ferraguda. Casca cada vez mais arreganhada de madura. Se atravessasse o quintal e entrasse na cavalariça, apenas uma besta muito trombuda e solitária mastigando os dentes fora da manjedoira. Uma espécie de umbigo vivo com a sua forma de fazer a vida. Mas tinha o pé tanto formigo, a pata tão doída da ferradura, que José Pássaro Volante. Deitado, vestido e calçado de botas bem atadas. Preferia ficar a ouvir o seu sussurro de besta. Às vezes grandes e desesperados suspiros por companhia e ração. Ou simples folha de fatana. Caísse o sol, passasse lento para a outra banda da tarde. Até a sombra das pessoas. Se saíssem de casa para gozar da paz da tarde. Ser alongada em espiga como chaminés, pelo chão. Quebradas às vezes em ângulo contra as paredes. Pássaro fazia por dormir as tardes. Entreter essa perplexidade de navalha afiada sobre as pálpebras. O que pode um homem, depois de tanto desastre havido com as mulas. O que pode um homem fazer, quando uma mulher, saracoteando a saia pela casa é capaz de prever os acontecimentos da vida? Assim subitamente. Dizia ela. Vê só, Pássaro. Daqui da cozinha donde estou. Estou a ver Carminha no futuro a casar com Macário, o aluarado. E Pássaro a despregar os olhos do rendilhado das folhas verde-vivo. Chapéu fora da cabeça, como se o pai pudesse ressuscitar. E Branca a espreitar. Eu sei, José Pássaro Volante, que estás a querer submeter-me à prova da adivinhação. Só por si, estas palavras que te estou a

dizer já são uma prova sobeja. E então Branca. Para mim, a pouco e pouco deixou de haver presente. O tempo é um ovo de galinha, e eu posta, Pássaro, num ponto movediço de viscosidade. Vendo um redondo. Porque no fundo, tudo é redondo. E Pássaro assombrado das palavras da mulher. Esta fala latim, e no entanto eu posso possuí-la. Quando lhe levanto a saia, tem um triângulo aberto de carne e mucosidade onde se desliza. E metendo-lhe eu a mão mais acima, encontro-lhe para cada punho uma cabaça de mamilo e seda. Tão certo e seguro, que podia ser agora. Ouve Pássaro. Apesar dos teus pensamentos, podes crer. Insistia Branca vendo que a tarde se punha a cair sem que José Pássaro Volante se mexesse dessa mesma posição. Podes crer. A terra é uma bola e gira como um pião que nunca se cansasse de bailhar. E Pássaro perguntava. Tu agora mesmo vestido me vês nu? Com o assento enterrado no colchão do divã. As botas por desatar. Ouve Pássaro. A terra é redonda e gira como um pião que não pudesse parar. Mas não tem ponta de ferro, nem pé de pau, e roda sem cordel. E Pássaro falando para si mesmo. Fala, fala. Em não cozinhandes o almoço, e não tendes o azeite e a cebolinha à minha vontade, posso continuar a despejar a comida entre os portais, como sempre fiz. E prantando os dois pés em cima posso enlocar-te o chão de sopas. E dizer. Aprende, filha da grandessíssima magana. Embora ela saiba antes o que vou fazer.

Ouve Pássaro. Agora sentada sobre o cadeirão da entrada. Ouve Pássaro. Tu vais querer pôr-me à prova da adivinhação. Vais em primeiro lugar perguntar-me onde está o canivete que perdeste na cozinha quando tinhas dez anos. Vai junto do poial dos cântaros, levanta o terceiro ladrilho a contar da direita e lá o encontrarás. Esta é uma prova sobre o passado, e que bem podes confirmar. Porque a segunda questão, sobre a mula Menina que te fugiu, essa ficará sem poderes tirar tu a prova real. Pássaro olhava ausente. Porque esse animal conhece-te o cheiro. Oh Passarinho. A dez léguas de distância. E fugirá do teu bafo até ao fim do mundo, mesmo que encontre água pelo caminho, onde se afogue. E de novo o sol a pôr-se, mancha de vermelho-vivo. Também a cobra que voou anda no mato a chocar ovos, e tu disso nunca hás-de ter a certeza, porque em breve as camionetas vão começar a chegar abarrotadas de gente que há-de vir para me consultar. Sobre as suas vidas. Além de outras viaturas motorizadas, animais ferrados e gente de pé. Os répteis vão ter de fugir para os penhascos dos montes. E Pássaro sentia a repelência que sente o vencido debaixo do gume da lâmina do vencedor. Poupando-lhe este a vida. O vencido agarrando as calças pela braguilha, sente que ainda está vivo, mas perdeu a excrescência da masculinidade. Cala-te porra de mulher. Já os luz-em-cus

alumiavam o compartimento com riscos de lume, apesar dos astros do céu. Bem, Pássaro, tanto é o teu ódio. Que se fale disto duma só vez. Esta é uma amostra da previsão do futuro. Com a condição de não falares disto a ninguém. De outra forma, como viveriam as pessoas, sabendo o que está reservado? Ainda me viriam apedrejar, julgando em mim o motivo dos acontecimentos. Quando eu agora, sem saber como, apenas os posso antever. Assim José Jorge Júnior não passará de novembro. Há-de morrer sentado em frente da palmeira, depois de ter escrito palavras de amor paternal com os dedos em cima das tampas de todas as arcas e cómodas da casa. Onde Maria Rebôla deixa o pó coagular-se, criando uma crosta que já se quebra com um soco de punho. Como se fosse vidro. Pois ele há-de morrer a olhar o abanar das palmas. Só depois vão chegar dois filhos. O Saul e a Engrácia. Enviados dos demais. Aos gritos, dizendo querido pai, querido pai, precisamente quando o homem já se chamar cadáver, e estiver verde, debaixo da terra, à espera que lhe caia o caixão em cima da cara. Pássaro pensava. Ah vidinha, se se vier a cumprir o que esta está a dizer. E Branca com as mãos nos joelhos. Também Carminha engravidará ainda durante o mês de julho. Porque Macário vai ser possuído por uma pancada de lua como não há memória de ter tido semelhante. E espreitando as saídas há-de meter-se em casa de Carma Rosa, aparelhado de um arrocho de pau. Bem levantado para amedrontar a Carminha. E quando esta for por arrumar as compras no armário da cozinha, ele há-de tocar-lhe com o dito arrocho nos ombros como aparição, até ela dar um poderoso grito. E ele se mandará para cima dela no chão de ladrilhos. E Pássaro. Basta. Basta, oh diaba de mulher. Anda esta enteada do diabo a contar a história dela como se fosse da outra. Tudo para me pôr a mim maluco. Lembro-me disso. Queres tu agora meter-me os dois dedos pelos olhos dentro? Pássaro levantava-se. Ainda eu levanto as duas mãos e começo a apertar-lhe o tubo da respiração até ela dar o último solavanco. Esta marafada que agora fala, apesar de tudo, é feita de língua e bofes como os demais. Mas olha, Pássaro. Respondia Branca como se ele tivesse falado em voz alta. Que não tinha. Para ti o importante é que aqui à nossa porta, gente dos quatro ventos de Portugal virá fazer bicha de várias voltas. E ainda que tu não marques um preço, as esmolas vão ser tantas que terás para comer durante toda a vida. Bem como os teus meninos. E ainda poderás manter o luxo de passear o corpo em cima de mulas gordas. Sem outro proveito que não seja o da distracção. José Pássaro Volante, de pé, não movia a aba duma roupa. O corpo tenso como uma peça de aço. Embora finjas que não te interessa. Oh Pássaro. Todo tu és ouvidos. Vais colocar-me no quarto da abóbada para que. Sendo mais escuro. Os consultantes

chorem mais abundante diante da minha pessoa. Que eles chorarão por mágoas sentidas. Outras imaginadas. Mal se apercebam da figura do dragão estendida em cima da cama, a dominar as vistas. Aquelas escaminhas de metal.

Pássaro saiu do quarto. O pé descalço sobre o calcanhar. Lenta. Lentamente. Como se não quisesse ser visto nem pressentido. Escorregando uma mão pela parede. Agora. Agora. Breve encalhadela na maçaneta da porta, e depois a vibração parada. Avançando novamente, antes que os ruídos preencham a manhã. Muito lenta. Muito lentamente. Pássaro em camiseta de braceleiras delgadas, onduladas nas costas. Agora. Abriu a gaveta da mesa, e escolhendo com os dedos a navalha mais afiada, fechou a porta. Então contou o terceiro a partir da direita. Virou o gume da lâmina, alongou sobre ela o indicador, e começou a desenhar o ladrilho. Um breve som de terra rasgada, barro cozido fendilhado com o cabo da faca, espoleta da mão. E a força. Agora, agora. Primeiro frouxo, depois oscilando. Aos bocados. Olhando José Pássaro Volante para o telhado com receio de que ela entrasse e dissesse. Não é preciso procurares. Crê apenas. Mas ele viu o solo velho, certa mistura de argamassa sobre o batido da terra. Rectângulo do chão. E com o dedo esgaravatou a polpa do de baixo, endurecida. Até que o canivete saiu de dentro, o cabo comido, os preguinhos à mostra, a lâmina escondida sob a ferrugem. Por isso o apertou na mão, olhando à volta como acossado pelos gestos. Tendo e possuindo na mão a prova do legível. Suava sobre o solo da cozinha, preso da verdade. E do inefável que pendia sobre o seu cachaço de homem. Bravo eu. Senhor de feiras. Pernaiças afeitas às montadas. E Branca meia hora depois veria o ladrilho levantado. Haveria de varrer as migalhas e juntaria os triângulos, casando-os pelas pontas. Depois Pássaro sairia para a rua, alongando as passadas, enquanto fosse fresco da manhã, e o cantoneiro. Em cima do camião, Branca. Em cima dele, você montaria o seu negócio. Senhora dona. Sim, não vai ser um negócio, mas uma caridade. Sim, é isso. José Maria, cantoneiro. De terra em terra. Eu havia de parar onde alguém fizesse o sinal de querer consultar a sua virtude. Teria a cobertura amarela por abóbada, e estenderia a colcha. Nas horas de calor ou estacionava à sombra das árvores e você dormiria. Senhora dona. Com seu cabelo loiro, aqui no ombro do cantoneiro. Mas você. Vossemecê prefere dormir nas ancas dos monstros para lhes ouvir os urros. Não precisa falar para eu saber. Ainda hei-de apitar aqui à sua porta a rodar o camião, e vossemecê a fazer-me adeus nunca conhecerá o que é doce. Para se julgar a figura duma história de romances. Já comprou a virtude das vidências com a brandura do sofrimento. E

agora. Agora julga que vai comprar roseiras eternas para a pedra da sua sepultura, dando em vez de dinheiro. Moedas e notas. A prisão da sua vida enquanto vida. Branca olhando o cantoneiro com um risinho de pranto. Espreitando o zinco do carrinho, o aço da picareta, através da água pura do copo. Tudo passa, Branca, tudo, mesmo a virtude. Mas a lembrança dum beijo de boca, Branca. Se soubesse. Fica até à morte. Oh Branca. E outras palavras assim.

O arrieiro disse. Dizem que nas praias deu à costa um tubarão vivo. E Matilde Santiago disse. Isso é bicho de terra ou de mar? E Macário disse. É de mar. Mas em apanhando os de terra, trinca-os como a gente a figos. E Manuel Gertrudes disse. Tem escamas? E o arrieiro disse. Escamas não sei, mas dentes, isso tem. E Jesuína Palha disse. Vem vossemecê falar-me disso só para me criar ilusões. Desisti neste lugar dos pensamentos de valentia. E Macário disse. Eu tanto fiz porfiação que alcanci o desejado. Já me vou casar e já a tive. E João Martins disse. É escusado anunciares, que não houve quem não soubesse, mesmo as criancinhas, tão pequena é esta terra. E tão grande o seu silêncio. E Manuel Gertrudes disse. Sempre me senti o padrinho. E Jesuína Palha disse. Só o tempo esclarece as coisas. Oh porra. E Manuel Gertrudes disse. E divide-as em duas metades. As que têm esclarecimento, e as que não têm. E Jesuína Palha disse. Por isso nem mais na vida. Escutem bem. Nem mais na vida acredito em sinais. E ainda disse. Julgava eu que aqueles vinham libertar a gente da angústia. E o cantoneiro disse. Às vezes costumo dizer. Amo as palavras bonitas, mas quando ouço certas coisas, ah punhão, apetece-me ir buscá-las ao fundo das tripas e do buraco que se chama recto. Ninguém. Ninguém se liberta de nada se não quiser libertar-se. E ainda disse. Mas aqui. Aqui ficam todos pelo desejo das coisas. Ah traição. Amanhã de manhã vou passar no camião e dizer adeus a isto tudo. E Maria Rebôla disse. Neste inverno de que vamos falar? Sem nenhum acontecimento de monta? E João Martins disse. Vais ouvir cem vezes José Jorge Júnior, de dentes fora da boca, cadeiras levantadas pelo espaldar, dizer dos feitos dos avós dos avós dele. E dos filhos dos filhos dos filhos. Esses que. No entender desse velho. Com o dedo mindinho hadem vir fazer nascer o fio. Trazer para cima a água duma toalha que. Diz ele. Está por baixo dos pés da gente. E Maria Rebôla disse. Tó diabo. Fala que ele mesmo andou por aí a pedir com uma bandeja. E ninguém quis dar. E ainda disse. E o mais repugnante. São esses dentes fora. Quando não começa a entrar e a sair pelas paredes do outro mundo, onde lhe aparecem os filhos, sempre vestidos de banheira. Mas ele, o dom beltrano, vai fazendo o seu servicinho bem malcheiroso na cama. Para a Rebôla.

Esta que aqui vêem. Ir limpar e botar defumadoiro de alecrim. Tó diabo. Morra eu antes disso. E Matilde disse. Cala-te, Rebôla. Enfadas toda a gente. Esses que aqui estiveram em cima dum carro, bem podiam voltar. E Macário disse. A fazer o quê? E o cantoneiro disse. Vou-me embora. Andamos todos desaparafusados, e eu vou ficar o rei dos doidos. Se ficasse. Mas não fico. E Manuel Gertrudes disse. Como assim? E o cantoneiro, José Maria, disse. Porque. Porque aqui se uma cobra salta dizem todos que voa. E ficam embasbacados, de queixo levantado, olhando a pontinha das chaminés. Mas se um carro aparece cheio de soldados, falando da mudança das coisas, olham para o chão desiludidos. E dizem. Mudança? Que mudança? Só porque os indivíduos apesar de fardados, têm boca e eu como os demais. E Jesuína Palha disse. A gente? E o cantoneiro disse. Sim vocês. Vocês queriam asas, mantos, luzes, chuva de maravilhas e outras coisas semelhantes. E Macário disse cantando. Quem porfia sempre alcança. Ai alcança. Ai alcança. E Matilde disse. Não cantes. Não cantes que eu estou de luto. E Manuel Gertrudes disse. Porquê? Quem te morreu? Que eu não di pelo dobre de finados? E Matilde disse. Queria eu que o meu sonho se chamasse Mosto do Céu, sendo eu a senhora do mosto. Que esse vinho fosse grosso como polpa de tomate, e escuro como sangue. E afinal nada aconteceu. Nada aconteceu. Não há sinais. Ai da gente. E Manuel Gertrudes disse. Estou em crer que tudo aparece desligado. Os dias afinal vêm por acaso. E Matilde Santiago disse. Comovida. Como não há-de uma mulher andar de luto! Mal amanhece já é meio-dia, mal é meio-dia e já é tarde. Mal vem a tarde e já é noite. E sempre assim, e sempre assim. Sem outra novidade. E o cantoneiro disse. Lá por isso não deixe de encomendar o vinho ao homem das uvas. E Matilde disse. Fala comigo? E o cantoneiro disse. Dentro em breve a Vilamaninhos há-de chegar gente a pé, de burro e de camioneta. Fora os que hadem vir de camião. Estou a ver este largo cheiinho de pessoal forasteiro. E o cantoneiro disse. Vêm para que a senhora dona, a Branca, diga se o amor ainda pode acontecer. E Macário disse espantado. Se o amor ainda pode acontecer? Mas digam-me. Quem duvida? Quem? E o cantoneiro disse. E outras coisas mais. Se o desaparecido está vivo. Ou se o vivo vai morrer e em que data. Se o menino que está por parir vai ser homem ou mulher. E assim. E ainda disse. Isto acontece, porque há quem julgue que ainda antes de nascerem alguma coisa pensou as pessoas e as suas vidas como tal. E essa mulher se prestará a tudo, agora que como sabem, é só feita de adivinhação. Os loucos. E Jesuína Palha disse. Louco será você, homem. Pensem naquele dia do verão passado. Ficámos outros, oh gente. A gente até falava doutra maneira. Andava tudo pasmado. Eu depois do

feito até consegui acagaçar a Carma Rosa. Fiz com que a Parda quase morresse de fanicos. E já tudo passou. Pensar. Pensar que tudo passou. E Macário disse. Como disse? Nem sempre ouço bem, porque ando a pensar no que componho. Mas quer parecer-me que alguém quis ofender-me a família. Foi ou não foi? E o cantoneiro disse. Oh loucos. Estamos começados e não acabados, e o acabamento é obra de cada um da gente. Ai de mim, também. E Matilde disse. Nesse tom, pode falar o dia inteiro e a noite até de manhã, que ninguém o entende. Diga-me a vardade. Só a vardade pura. Posso encomendar esse vinho? E Manuel Gertrudes disse. Acalma-te, mulher, não empenhes o teu dinheiro, que também este fala em tom de desespero. E o cantoneiro disse. Oh loucos. Branca quer acabar sentada, de pernas muito unidas e mão ao peito, falando de futuros a quem a procura. Pois que fique. E Rebôla disse. Se isso assim for, também eu posso melhorar de serviço. E o cantoneiro disse. Branca. Insisto. Há-de definhar de amarelidão, e em breve os cabelos da trança hadem começar a cair em rafulhões. E digam depois que fui profeta. E o arrieiro disse. Falem antes do tubarão. E Manuel Gertrudes disse. Você o viu? E o arrieiro disse. Eu não, mas acredito. E o cantoneiro disse. Então cale-se homem, e escute-me a mim. Podem todos. Todos os presentes e ausentes juntar pedras para me darem padradas no peito. Mas escutem. Mas escutem. Tudo o que digo é verdade. A Carminha vai ficar a dormir com esse que aqui está cantando. A lua entre eles os dois. Por isso tudo o que fizerem serão parvoíces. Sem outro alcance. Isso é a verdade que será. Já a mãe dela anda a deixar crescer o cabelo. Cada vez mais da cor da farinha. E Macário disse. Oh porra. Hoje ando eu em meu juízo perfeito. Se és sábio como dizes. Vai-te. Antes que a gente pense que és forasteiro e te dê na vardade a tal padrada onde tu não queres. E Manuel Gertrudes disse. Acalmem-se. Que o mal do falador de hoje é semelhante ao que já foi o teu, Macário. A imaginação de deus sobre o sofrimento das criaturas é muito pobre. Oh gente. Sempre se repete pelos tempos e pelas pessoas. Do mesmo modo. E Jesuína Palha disse. Custa-me voltar para casa. Só agora reparo que ando a perder a vista. Começa a escurecer mais cedo. E João Martins disse. Depois das cigarras costumam vir os ralos. Mas os pulhas não se calam quando eu passo. As cigarrinhas sim. E Manuel Gertrudes disse. Lá na Flandres também os ralos tinham uma voz igualzinha aos ralos daqui. O mesmo cri cri pela noite inteira. E Matilde disse. Desde o ano passado que me partiram nesta venda cinco copos de três, três copos de quartilho e dez de meios. Só havi disso tudo, trinta e cinco mil réis. Mas quem deve, tem o nome escrito naquele papel da parede. E Macário disse. Oh gente. Ouçam aqui o dó.

Boliqueime, 25 de Agosto de 1978.

Lídia Jorge nasceu em Boliqueime, Algarve, em 1946. Licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, tendo sido professora do Ensino Secundário. Foi nessa condição que passou alguns anos decisivos em Angola e Moçambique, durante o último período da Guerra Colonial.



A publicação do seu primeiro romance, O Dia dos Prodígios (1980) constituiu um acontecimento num período em que se inaugurava uma nova fase da Literatura Portuguesa. Seguiram-se os romances O Cais das Merendas (1982) e Notícia da Cidade Silvestre (1984), ambos distinguidos com o Prémio Literário Cidade de Lisboa. Mas foi com A Costa dos Murmúrios (1988), livro que reflecte a experiência colonial passada em África, que a autora confirmou o seu destacado lugar no panorama das Letras portuguesas. Entre outros romances, conta-se O Vale da Paixão(1998) galardoado com o Prémio Dom Dinis da Fundação da Casa de Mateus, o Prémio Bordallo de Literatura da Casa da Imprensa, o Prémio Máxima de Literatura, o Prémio de Ficção do P.E.N. Clube, e em 2000, o Prémio Jean Monet de Literatura Europeia, Escritor Europeu do Ano. Passados quatro anos, Lídia Jorge publicou O Vento Assobiando nas Gruas (2002), romance que mereceu o Grande Prémio da Associação Portuguesa de Escritores e o Prémio Correntes d'Escritas.

A autora publicou ainda três antologias de contos, Marido e Outros Contos (1997) O Belo Adormecido (2003) e "Praça de Londres"(2008), para além das publicações separadas de A Instrumentalina (1992) e O Conto do Nadador(1992). A peça de teatro A Maçon foi levada à cena no Teatro Nacional Dona Maria II, em 1997. O romance A Costa dos Murmúrios foi recentemente adaptado ao Cinema por Margarida Cardoso. Os romances de Lídia Jorge encontram-se traduzidos em diversas línguas. Em 2006, a autora foi distinguida na Alemanha, com a primeira edição do Albatroz, Prémio Internacional de Literatura da Fundação Günter Grass. Na sequência da publicação deste livro, foi-lhe atribuído o Prémio Sociedade Portuguesa de Autores – Millenium BCP, 2007. Em Itália, foi-lhe atribuída a distinção Premio Speciale Giuseppe Acerbi, Scrittura Femmenile. E em França, a Associação dos Psiquiatras franceses atribuiu ao Romance Combateremos a Sombra, publicado em Portugal em 2007, o Prémio Michel Brisset 2008. O seu último livro, A Noite das Mulheres Cantoras, foi apresentado no dia 24 de Março de 2011, por Carlos Reis, na casa Fernando Pessoa.

"O Dia dos Prodígios", foi adaptado e lavado à cena por Cucha Carvalheiro, no Teatro da Trindade em Lisboa, no Outono de 2010. O mesmo livro mereceu da parte da Câmara Municipal de Loulé uma Exposição biobliográfica acompanhada de um programa de comunicações e conferências. Em 5 de Maio de 2011, a União Latina atribuiu-lhe o Prémio da Latinidade, João Neves da Fontoura, 2011.

Na área da Literatura para a Infância, Lídia Jorge publicou ainda, em 2007 O Grande Voo do Pardal, e em 2010, Romance do Grande Gatão, livros ilustrados respectivamente por Inês de Oliveira e Danuta Wojciechowska.

Os seus livros encontram-se traduzidos em mais de vinte línguas.

